



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

LUCIANA GUIMARÃES SOARES

***SPOT PARA RADI BLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS EM
SALA DE AULA***

UBERLÂNDIA
FEVEREIRO, 2018

LUCIANA GUIMARÃES SOARES

SPOT PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientadora: Prof^a. Dra. Simone de Azevedo Floripi.

UBERLÂNDIA
FEVEREIRO, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S676s
2018 Soares, Luciana Guimarães, 1972-
Spot para radioblog : uma proposta de multiletramentos em sala de aula / Luciana Guimarães Soares. - 2018.
198 f. : il.

Orientadora: Simone Azevedo Floripi.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.937>
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Inovações tecnológicas - Teses. I. Floripi, Simone Azevedo. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

LUCIANA GUIMARÃES SOARES

SPOT PARA RADI BLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS PARA A SALA DE AULA

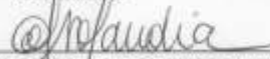
Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2018.



Profª. Dra. Simone Azevedo Floripi (UFU)

Orientadora



Profª. Dra. Cláudia Goulart Morais (ESEBA-UFU)

Examinador



Profª. Dra. Talita de Cássia Marine (UFU)

Examinador

In memoriam

Ao meu velho pai, Leonardo da Costa Guimarães, o melhor professor que já conheci. Homem da rádio e das letras, ele ensinou-me o amor pela leitura e pela música; ensinou-me a aprender e a desejar ensinar. Meu velho pai, minha gratidão, admiração e saudades.

AGRADECIMENTOS

Apreendi com meus mentores que gratidão abre portas, somente os gratos sabem honrar o bem que lhes foi feito. Mas essa talvez seja a tarefa mais difícil de todo esse trabalho. Não por que faltem motivos e pessoas a agradecer; menos ainda, que falte o desejo de fazê-lo, mas pelo receio da injustiça ao tentar nominar todos aqueles que fizeram esse momento possível. Contudo, mesmo sabendo que posso incorrer em alguns deslizes, atrevo-me a tentar:

À minha mãe, Maria Lucia, a mulher mais amorosa que já existiu, minha gratidão pelo amor incondicional. Aos meus irmãos, Lauro e Leonardo, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho e apoio.

Aos meus queridos filhos, Leonardo da Costa e Maria Luísa, pelas madrugadas em frente ao PC, pelas transcrições e pela ajuda ao tentar me inserir no contexto musical da “garotada”. Amo vocês demais!

À minha querida nora, Franciele Bessa, pelo “auxílio luxuoso” na composição da *radioblog*, sua dedicação e competência me constrangem.

As minhas adoradas “maridas”, Goretti Boudens e Cleidiana Nazareno. Mais que companheiras de quarto, minhas corretoras, confidentes, leis e imprescindíveis para que esse trabalho fosse realizado. O fardo foi mais leve ao lado de vocês. Como me faltam palavras, recorro “A palavra”: “*Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão. Provérbios 17:17.*”

Aos amigos Klauber Franco e Sandro Teles, sempre solícitos, foram fundamentais na composição e execução deste trabalho, minha gratidão.

À minha amiga Adriana Oliveira, pelos conselhos e orientações, pelo cuidado e atenção, meu carinho.

À Profa. Carolina Lombrigato, pela atenção e contribuições teóricas. Apreendi muito com seu belíssimo trabalho com gênero textual *spot*. Uma pena não ter publicado sua sequência didática.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi, pela atenção, paciência e colaborações, meu carinho.

Aos professores do PROFLETRAS, minha gratidão infinda pela oportunidade de me reinventar como profissional. A educação requer reflexão e cuidado, e só quem tem amor por ela é capaz de instigar o professor a pensar em sua prática, meu carinho, amor e respeito a este programa e a seus professores.

Meu carinho especial ao G7, pela amizade, troca de conhecimentos, companhia nas longas viagens e por esses dois anos de crescimento, alegrias e cumplicidade, guardo por todos grande carinho e respeito.

Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo e aprendizado, aprendi muito com todos vocês.

À Profa. Dra. Cláudia Goulart Moraes e Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, pelas valiosas contribuições na qualificação e por aceitarem compor a banca de defesa deste trabalho.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram este momento possível, minha gratidão e carinho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A vida é feita de escolhas e, de todas as possíveis, escolhi ser mãe. Não foi a escolha mais fácil, tampouco perfeita, mas caminhar com vocês, Leonardo e Maria Luísa, tem feito o caminho mais leve.

Optar pelo mestrado também não foi uma escolha fácil, demandava tempo, longas viagens, disponibilidade e ausências. Foram tempos de renúncia e inseguranças, crises de choro e muita alegria. Porém, neles sempre pude contar com o carinho e incentivos de vocês.

Minha gratidão por terem entendido o quão importante era esse momento para mim e para a nossa família. Minha gratidão pelas palavras de apoio e pelas broncas. Minha gratidão pelos “auxílios tecnológicos” e pela admiração que sei que têm por mim.

Sabe o brilho nos olhos que vocês dizem que eu tenho? Vem de vocês! Sou uma felizarda, sou mãe de Malu e Leozinho!

RESUMO

A presente pesquisa visou à produção de anúncios publicitários – *Spot* – instanciados em arquivos de áudio, *podcasts*, para veiculação em *radioblog* como forma de desenvolver a competência leitora, de escrita e de oralidade para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Optamos por um estudo que contemplasse três aspectos: linguagem, cultura e tecnologia para a composição de um Protótipo Didático que fosse um auxiliador nas práticas pedagógicas voltadas aos multiletramentos dos nossos estudantes. Outro viés norteador deste trabalho é o de ensino de língua pautado nos gêneros textuais, objetivando o aprimoramento das práticas discursivas, textuais e linguísticas dos educandos, a partir do uso e reflexão de diferentes expressões musicais para a composição de arquivos de áudios - *spot* para *radioblog*. Ademais, buscamos também minimizar as lacunas existentes na prática escolar acerca do ensino de gêneros orais, em seus diferentes níveis de formalidade, que atendam às necessidades de uma sociedade cada vez mais multimodal e multissemiótica. A nossa proposta de intervenção fundamentou-se em pressupostos teóricos diversos, dos quais destacamos Rojo (2012), Marcuschi (2002, 2008), Coscarelli (2014), Dolz; Schneuwly (2004), Bezerra (2017). Como produto final deste estudo, apresentamos a *radioblog Acorde na sala*, como suporte do gênero *spot*, vinculado à *internet*. Os arquivos de áudio são fruto da reflexão desses jovens sobre as preferências musicais e/ou culturais e da necessidade de a escola promover um canal para que os estudantes possam se expressar de forma crítica e autônoma, nas modalidades faladas e escritas, no contexto escolar e para além dele.

Palavras-chave: *Spot*. *Radioblog*. Tecnologia. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The research Project at hand was aimed at the production of publicity ads – *Spot* – instantiated in audio files, *podcasts*, to be placed in *radioblogs* as a way of developing competence on reading, writing and speaking for students at the 9th year on Elementary School. We've opted for a study which could contemplate three aspects: Language, Culture and Technology for the composition of a Didactic Prototype that could be able to help on pedagogical practices aimed at the multiliteracy of our students. Another bias guiding this task is the teaching of the language ruled by the textual genres, with the objective of improving the speech, textual and linguistic practices of the pupils, starting from the use and reflection upon different musical expressions for the composition of audio files – *spot* for *radioblog*. Furthermore, we also aimed to minimize the gaps existing on school practices concerning the teaching of the oral genres, with the different levels of formality, which meet the needs of a society increasingly multimodal and multisemiotic. Our proposal in interveining was based on various theoretical assumptions, from which we highlight Rojo (2012), Marcuschi (2002, 2008), Coscarelli (2014), Dolz and Schneuwly (2004), Bezerra (2017). As this study's final product, we present the *radioblog Acorde na Sala*, backing up the *spot* genre, tied to the *Internet*. The audio files are the result of the reflection of these young pupils about musical and/or cultural preferences and the school's need of promoting a channel where the students are able to express in a critical and autonomous form, by speech or writing, on school context and beyond that.

Keywords: *Spot*. *Radioblog*. Technology. Portuguese Language Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modalidades radiofônicas.....	40
Figura 2 – Página de abertura do vídeo.....	69
Figura 3 – Interface do site de Julinho Mazzei.....	71
Figura 4 – Mural com as <i>playlists</i> elaboradas pelos alunos.....	74
Figura 5 – Slide 1 – Introdução ao gênero.....	78
Figura 6 – Slide 2 – ilustração.....	78
Figura 7 – Slide 3 – Definição do gênero <i>spot</i>	79
Figura 8 – Slide 4 – Exemplo de anúncio publicitário.....	79
Figura 9 – Slide 5 – Cópia na modalidade escrita do anúncio “Compre Batom”.....	80
Figura 10 – Slide 6 – Exemplo de jingle.....	81
Figura 11 – Slide 7 – Cópia na modalidade escrita do jingle “Pipoca com guaraná”..	82
Figura 12 – Slide 8 – Pausa para reflexão.....	82
Figura 13 – Slide 9 – Anúncio televisivo X anúncio radiofônico.....	83
Figura 14 – Slide 10 – Anúncio comercial “Tortuguitas”.....	84
Figura 15 – Slide 11 – Cópia na modalidade escrita do anúncio comercial “Tortuguitas”.....	84
Figura 16 – Slide 12 – <i>Spot</i> “Consumo consciente/economize água”.....	85
Figura 17 – Slide 13 – Cópia na modalidade escrita do spot “Consumo consciente/economize água”.....	86
Figura 18 – Slide 14 – <i>Spot</i> “Não estrague a primeira impressão”.....	86
Figura 19 – Slide 15 – Cópia na modalidade escrita do <i>spot</i> “Não estrague a primeira impressão”.....	87
Figura 20 – Slide 16 – Resumo das características do gênero <i>spot</i>	88
Figura 21 – Imagem da página de abertura do canal do <i>Spartan</i> cast.....	96
Figura 22 – <i>Interface</i> do site <i>Radiofobia</i>	99
Figura 23 – Episódio “Cada louco com sua mania”.....	99
Figura 24 – <i>Interface</i> do <i>Audacity</i>	103
Figura 25 – <i>Interface</i> da <i>radioblog</i> “Acorde na sala”.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos da linguagem e seus condicionantes.....	34
Quadro 2 – Mapa dos Multiletramentos.....	41
Quadro 3 – Cronograma das atividades do Protótipo Didático (PD).....	63
Quadro 4 – Questionário investigativo.....	64
Quadro 5 – Letra da música “Certas canções”, de Milton Nascimento.....	67
Quadro 6 – <i>Box</i> explicativo sobre o <i>blog</i>	69
Quadro 7 – <i>Box</i> com informações adicionais sobre o radialista.....	70
Quadro 8 – Lista de estilo e de ritmo preferido pelo aluno.....	72
Quadro 9 – Lista de música e de respectivo cantor ou banda.....	72
Quadro 10 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 1 a 5.....	80
Quadro 11 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 6 a 8.....	83
Quadro 12 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 9 a 11.....	84
Quadro 13 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 12 a 15.....	87
Quadro 14 – Atividade 1 – Audição, leitura e análise de roteiro.....	89
Quadro 15 – Questionamentos direcionados à turma para resposta oral ou escrita.....	91
Quadro 16 – Atividade 2 – Características do roteiro de <i>spot</i>	91
Quadro 17 – Atividade 3 – Roteiro de <i>spot</i>	93
Quadro 18 – Trecho do prefácio do livro <i>Podcast – Guia Prático</i>	97
Quadro 19 – Questionário avaliativo.....	106
Quadro 20 – Questionário para os alunos.....	107
Quadro 21 – Análise das atividades.....	108
Quadro 22 – Registro 1 – discussões em sala de aula.....	111
Quadro 23 – Registro 2 – discussões em sala de aula.....	124
Quadro 24 – Registro 3 – discussões em sala de aula.....	125
Quadro 25 – Registro 4 – discussões em sala de aula.....	125
Quadro 26 – Registro 5 – discussões em sala de aula.....	127
Quadro 27 – Questionamentos direcionados aos estudantes.....	129
Quadro 28 – Registro 6 – discussões em sala de aula.....	130
Quadro 29 – Formação dos grupos, temática e integrantes (comentário).....	134
Quadro 30 – Registro 7 – comentário do G 1.....	136
Quadro 31 – Registro 8 – comentário do G 9.....	136

Quadro 32 – Registro 9 – comentário do G 9.....	137
Quadro 33 – Registro 10 – comentário do G 7.....	138
Quadro 34 – Registro 11 – comentário do G 10.....	138
Quadro 35 – Registro 12 – comentário do G 5.....	139
Quadro 36 – Registro 13 – comentário do G 8.....	140
Quadro 37 – Registro 14 – comentário do G 6.....	140
Quadro 38 – Registro 15 – discussões em sala de aula.....	141
Quadro 39 – Registro 16 – discussões em sala de aula.....	143
Quadro 40 – Registro 17 – discussões em sala de aula.....	144
Quadro 41 – Registro 18 – discussões em sala de aula.....	145
Quadro 42 – Registro 19 – discussões em sala de aula.....	146
Quadro 43 – Registro 20 – discussões em sala de aula.....	147
Quadro 44 – Registro 21 – discussões em sala de aula.....	149
Quadro 45 – Registro 22 – discussões em sala de aula.....	150
Quadro 46 – Registro 23 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	151
Quadro 47 – Registro 24 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	151
Quadro 48 – Registro 25 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	152
Quadro 49 – Registro 26 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	152
Quadro 50 – Registro 27 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	153
Quadro 51 – Registro 28 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	153
Quadro 52 – Formação dos grupos, temática e integrantes (<i>spot</i>).....	154
Quadro 53 – Box explicativo sobre o objetivo da composição do gênero autoral.....	155
Quadro 54 – Registro 29 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.....	158
Quadro 55 – Registro 30 – exposição oral dos estudantes acerca da avaliação da atividade proposta.....	159
Quadro 56 – Registro 31 – avaliação dos estudantes acerca da atividade proposta.....	166

Quadro 57 – Registro 32 – roteiro do <i>spot</i>	168
Quadro 58 – Registro 33 – roteiro do <i>spot</i>	171
Quadro 59 – Registro 34 – roteiro do <i>spot</i>	173
Quadro 60 – Registro 35 – roteiro do <i>spot</i>	174
Quadro 61 – Registro 36 – recorte do roteiro do <i>Supercombo</i>	176
Quadro 62 – Registro 37 – roteiro do <i>spot</i>	178
Quadro 63 – Registro 38 – roteiro de <i>spot</i>	179
Quadro 64 – Registro 39 – roteiro de <i>spot</i>	182
Quadro 65 – Registro 40 – roteiro do <i>spot</i>	184
Quadro 66 – Registro 41 – roteiro do <i>spot</i>	185
Quadro 67 – Registro 42 – roteiro do <i>spot</i>	187

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você gosta de ouvir música?.....	112
Gráfico 2 – Em uma escala de 01 a 05, que nota você atribui à importância da música para você, sendo 05 a mais importante e 01 a menos importante?.....	113
Gráfico 3 – Em que circunstâncias você escuta música?.....	113
Gráfico 4 – Quais aparelhos você usa para ouvir música?.....	114
Gráfico 5 – Com que frequência você utiliza o fone de ouvido para escutar música?.....	115
Gráfico 6 – Como você conhece novas músicas?	116
Gráfico 7 – Qual seu estilo de música favorito?	116
Gráfico 8 – Seus amigos mais próximos, ou familiares de sua idade, têm gosto musical semelhante ao seu?	119
Gráfico 9 – Qual a melhor forma de você conseguir ouvir uma música que deseja, mas ainda não dispõe dela?	121
Gráfico 10 – Para qual finalidade você usa por mais tempo seu celular?.....	122

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

AT 1 (2,3...12) – Atividade 1 (2,3...12)

AL 1 (2,3...33) – Aluno 1 (2,3...33)

GNL – Grupo Nova Londres

LP – Língua Portuguesa

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NTIC – Novas Tecnologias da Informação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PD – Protótipo Didático

QI – Questionário Investigativo

V1 – Vídeo 1

V2 – Vídeo 2

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	18
2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	27
2.1 O ensino na perspectiva dos PCN.....	27
2.2 A música como ferramenta pedagógica.....	28
2.3 Por uma pedagogia multiletrada	31
3 SPOT: UM GÊNERO TEXTUAL PARA ORALIZAÇÃO	36
3.1 Gêneros textuais: por uma escrita situada e significativa	36
3.2 Radiodifusão digital: incorporação de novas linguagens, profusão de suportes	39
3.3 A linguagem radiofônica: muito além da oralidade	41
3.4 <i>Spot</i> : a importância do anúncio radiofônico	42
3.5 Gênero <i>spot</i> radiofônico: um gênero da oralidade para as aulas de Língua Portuguesa.....	46
4 PODCAST PARA RADIOBLOG – A VOZ DO ESTUDANTE: POR UMA PEDAGOGIA MULTILETRADA	50
4.1 Algumas considerações sobre o <i>podcast</i>	50
4.2 <i>Podcast</i> : do surgimento às aplicações educacionais	52
4.3 O <i>podcast</i> como ferramenta de ensino	53
4.4 Radioblog: a voz do estudante.....	55
5 MÉTODO E PROCEDIMENTOS	57
5.1 Contexto da pesquisa e seus participantes	57
5.2 Métodos da pesquisa: a pesquisa-ação	58
5.3 Instrumentos de coleta e análise dos resultados	59
5.4 Procedimentos metodológicos.....	60
6 PROTÓTIPO DIDÁTICO (PD) PARA A ELABORAÇÃO DE SPOTS PARA PODCAST	62
6.1 O Protótipo Didático – PD.....	62
6.1.1 Atividade 1 – “Vamos falar de música?”	64
6.1.2 Atividades 2 – “Que rádio você ouviu?”	67
6.1.3 Atividade 3 – “Que som toca no seu rádio?”	72
6.1.4 Atividade 4 – “O som do meu som!”	73
6.1.5 Atividade 5 – “A hora da escrita: vamos comentar?”	76
6.1.6 Atividades 6 – “A hora do gênero! <i>Spot</i> o quê?”	77
6.1.7 Atividade 7 – “ <i>Mãos à obra!</i> ”	88
6.1.8 Atividade 8 – “ <i>Podcast</i> : um mundo todo no seu rádio!”	95
6.1.9 Atividade 9 – “Silêncio....gravando!”	100

6.1.10 Atividade 10 – “Edição: cortes e recortes”	102
6.1.11 Atividade 11 –“Acorde na sala!”	104
6.1.12 Atividade 12- Avaliação da atividade	105
6.2 Análise e Tratamento dos Resultados.....	108
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
REFERÊNCIAS.....	192
ANEXOS.....	194
Anexo 1 – Declaração da Instituição Co-Participante	194
Anexo 2 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	195
Anexo3 – Modelo do termo de Assentimento para menor	197

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As reflexões acerca da minha prática pedagógica, na função de professora de Língua Portuguesa, profissão que exerço com orgulho e com dedicação, oportunizadas pelo privilégio de cursar o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e aliadas ao conjunto de leituras realizadas para atender às demandas do curso, serviram para que fossem indicados importantes caminhos para o desenvolvimento desta pesquisa: a produção de um gênero textual (*spot*) ancorada nas práticas de multiletramentos.

Muito se tem falado a respeito do papel da escola frente a um mundo tecnológico e conectado; contudo, infelizmente, ainda é possível perceber alguns olhares de desconforto diante dessa realidade. As tecnologias digitais, bem como os aparelhos usados com frequência para o acesso a elas – celular, *notebook*, *tablet* –, estão cada vez mais presentes nas atividades sociais dos jovens e os acompanham todo o tempo, mas ainda são poucos utilizados como ferramentas auxiliadoras ao processo de ensino- aprendizagem.

Os estudantes estão expostos a um vasto aparato tecnológico que lhes permite participar de inúmeras situações comunicativas em ritmo acelerado, com grande velocidade. Com um “*clique*”, qualquer pessoa passa a obter as informações relativas ao mundo, conversar com pessoas distantes umas das outras, de forma sincrônica e anacrônica, baixar músicas ou qualquer outro arquivo com rapidez.

Tal inserção é visível no público jovem, sobretudo em virtude da frequência com que eles acessam a *internet*, tornando esse uso muito comum. Se tomarmos, como exemplo, os celulares, eles estão cada vez mais modernos e possuem uma variedade de recursos tecnológicos e já fazem parte da vida e da diversão dos jovens em todas as interações sociais.

Da mesma forma, assim como é inegável o interesse dos estudantes pelas Novas Tecnologias da Informação, doravante NTIC; também é fato que essa interação propicia inúmeras possibilidades comunicativas resultantes das diferentes linguagens advindas desse contexto que devem ser incorporadas também às práticas pedagógicas.

Em contrapartida, o professor se depara com um dilema: como tornar atrativas e produtivas as aulas de Língua Portuguesa, nos moldes convencionais, com o uso de livro didático impresso, enquanto os avanços na área tecnológica acontecem em tempo real e de forma acelerada? Aliados a esses fatores, podemos citar problemas diversos encontrados pelos docentes no ambiente escolar, tais como a falta de equipamento para atender à

demanda; a ausência de profissional capacitado para lidar com as novas exigências da era digital; o fato de que o professor precisa dar conta de uma série de cobranças relativas ao currículo escolar. Desse modo, uma prática educativa ainda considerada arcaica por alguns profissionais da área, com intervenções de caráter formal, nem sempre parece muito atrativa aos usuários dessa era digital. O resultado desse contraste pode ser o desinteresse do estudante pelas aulas ministradas no formato de exposição oral, a evasão escolar, a reprovação.

Esses fatores - e outros tantos não mencionados - geram um paradoxo, pois o uso das NTIC, apesar de atraente para o aluno, não parece ser explorado de forma efetiva nas práticas pedagógicas atuais. Portanto, durante as aulas, não raras vezes, esse aluno é proibido até mesmo de usar o celular, enquanto esse aparelho poderia assumir outras funções nesse ambiente.

Diante dessa situação, alguns questionamentos são pertinentes: “A escola está disposta a buscar opções que possam contribuir para a inserção desse estudante, advindo da era digital, ao contexto dos letramentos social e escolar?”; “A escola ainda é resistente à utilização das novas tecnologias por ausência de condições humanas e/ou técnicas ou por receios, tais como o mito da figura do professor como ‘único detentor e produtor de conhecimentos’?”

Entendemos que a instituição escolar precisa investir esforços para que os professores estejam preparados para lidar com as novas tecnologias e utilizá-las a seu favor na sua prática pedagógica diária. Talvez, assim, a escola se vestiria - e se revestiria - de uma nova roupagem, levando em conta a história de vida do estudante e as necessidades dele para viver em sociedade. Em consequência, poderia haver menos evasão e menos reprovações.

Vamos lembrar que, há duas décadas, Paulo Freire já versava a respeito da urgência de se repensar a prática educacional, de forma a torná-la mais exitosa, recorrendo às “novas” tecnologias. Para esse estudioso, “O uso de computadores no processo de ensino aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa (...). Depende de quem usa a favor de quem e para quê” (FREIRE, 1995, p. 98).

Assim sendo, não se podem desconsiderar os avanços ocorridos na área tecnológica e nem se manter alheio a esse fenômeno de ampla divulgação em qualquer área da vida em sociedade, muito menos na escola. O mundo virtual se transmuta instantaneamente e a escola não pode mais ficar indiferente ao que acontece além dos muros que a cercam. Ao

contrário, ela precisa utilizar esses instrumentos como aliados pedagógicos eficazes e facilitadores do processo de aprendizagem.

O ensino da nossa língua, em formato de componente curricular, passou por um processo de transformação, principalmente e comprovadamente, a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ (doravante PCN) e da adoção por parte das instituições educacionais das orientações neles contidas. Presenciamos a ocorrência de uma série de mudanças perceptíveis em relação à forma como se entendia a língua: de um conjunto de regras estanques pautadas na gramática normativa à compreensão da importância de desenvolver, no aluno, habilidades fundamentais para ele atuar, de modo adequado, nos diferentes contextos sociais nos quais ele está inserido, ou seja, um ensino pautado nos gêneros textuais.

Desta forma, reconhecemos as muitas tentativas de se buscarem soluções para que o estudante tenha domínio das práticas de leitura e de escrita, possibilitando a ele a oportunidade de agir com criticidade e utilizar a linguagem (seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita) apropriada a cada situação comunicativa em que se encontra.

Em conformidade com Rojo (2012), concordamos que a sociedade atual se caracteriza pela diversidade de linguagens, de mídias e de culturas e que essas questões precisam - e devem - ser tematizadas no ambiente escolar. Desta forma, não é possível pensar em uma escola, espaço de circulação de múltiplos discursos e saberes, que ignore a necessidade de incorporar as novas ferramentas digitais à prática pedagógica dos professores, visando a um ensino multicultural, de múltiplas linguagens e de multiletramentos.

Com o surgimento das NTIC, também acontece o aparecimento de textos, resultantes das mais diferentes configurações que ultrapassam a estrutura tradicionalmente concebida até então. Esses novos textos, em sua composição, são frutos de uma construção com base nas múltiplas formas de linguagens e nas diferentes semioses. Quanto a esse assunto, Rojo (2012) afirma que:

é o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos que são compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (ROJO, 2012, p. 19).

¹ Em 1998, o governo criou Os Parâmetros Curriculares Nacionais, com a finalidade de garantir às crianças e aos jovens brasileiros o direito de usufruírem do conjunto de conhecimentos considerados como necessários para o exercício da cidadania. Esse documento contém orientações para escola e professor, mas não possui o caráter da obrigatoriedade de implantação.

Assim sendo, é fundamental a escola englobar à sua rotina pedagógica, desde o planejamento até a consecução dele, um trabalho voltado para as novas possibilidades de se efetivar um ensino focado nas práticas de letramento², sem esquecer que, o ensino multimodal e multissemiótico³, impulsionado pelas NTIC, passa a requerer multiletramentos.

Vale ressaltar, ainda segundo a autora, que o trabalho com os multiletramentos deve ser pautado, sobretudo, na cultura popular, local de massa⁴, para que elas sirvam de referência ao alunado por meio do uso dos gêneros, das mídias e das linguagens conhecidas por eles.

Embasado nessa perspectiva de multiletramentos, a presente pesquisa também é fruto do desejo de ouvir o estudante, de saber como ele vê o mundo, o que busca esse jovem e o que fazer para transformar a escola, principal agência promotora de letramento, em um ambiente favorável ao diálogo entre a cultura do estudante e a cultura escolar.

Por outro lado, concordamos com as teorias linguísticas que apontam para a possibilidade de o ensino de Língua Portuguesa, doravante LP, se tornar mais significativo quando pautado nos gêneros textuais, uma vez que “Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociolinguística numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2008, p.20).

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é partir da cultura do alunado (preferências musicais), perpassando por uma situação real de uso da língua (convite a produzir uma rádio escolar- *radioblog*) e chegando, finalmente, a um estudo sistematizado do um gênero textual (o *spot*).

Dentre os vários novos gêneros que se apresentam e se mesclam continuamente, marcas acentuadas com o advento das NTIC, escolhemos o gênero *spot* para a veiculação em *radioblog*, por ele possuir características que consideramos relevantes para o ensino de

² Quanto aos conceitos de alfabetização e de letramento, Soares (2001, p. 47) nos apresenta a alfabetização como sendo “ação de ensinar ler e escrever”; já o termo letramento é apresentado como o “estado ou condição de quem, além de saber ler e escrever, cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita”.

³ Tomamos como ensino voltado à multimodalidade, aquele que leve em conta a linguagem oral, escrita, imagética ou sensorial. Para multissemioteses, levamos em conta o sistema metassigno composto por várias linguagens, dentre elas: de sinais, logarítmicos, matemáticos, entre outros signos que possam produzir significado.

⁴ Para o presente estudo e em consonância com a abordagem de Rojo (2014, p. 8), o conceito de “cultura” não parte da definição de “erudição”, mas sim do “resultado dialógico dos processos de negociações (matérias e simbólicas) e de interesses diversificados” (individuais e coletivos) entre classes sociais, segmentos populacionais e estilos de vida.

LP, tal como o fato de se partir de um gênero escrito (roteiro) para um gênero oralizado (*spot*) de forma sistematizada.

Segundo Ferraretto (2014, p. 245), o *spot* se caracteriza por ser um anúncio de natureza radiofônica, breve e que pode utilizar música, efeitos sonoros ou o silêncio em sua composição. Ele é criado com a finalidade de vender uma “ideia” ou “um produto”.

Neste estudo, optamos por uma única temática para toda a turma: a música. Desse modo, procedemos à investigação com os alunos acerca da preferência musical de cada um, que resultou na organização de uma *playlist* individual e, em seguida, na composição de roteiros do gênero textual *spot*.

No que concerne à gravação oral do roteiro, utilizaremos os *podcasts* que consistem basicamente, segundo Uchôa (2010, p.26), em arquivos de mídia digital em formato de áudio, vinculados a uma página da *internet*, por meio de *links*. Os *podcasts* também possuem a peculiaridade de serem usados com propósitos distintos, dentre eles, a divulgação de uma ideia ou a promoção de um produto.

Para a escolha da *radioblog* como suporte do gênero, tomaremos como referência Gribl e Moura (2012). Conforme os autores, esse veículo de comunicação possui caráter híbrido e se configura não apenas como rádio ou como *blog*, mas como a soma ou a interseção do que ocorre separadamente. As mensagens podem ser transmitidas em diferentes momentos (ao vivo ou não) e em diferenciados espaços de circulação (conectados à *internet* ou a aparelho de *mp3*).

Assim sendo, o nosso trabalho está ancorado na Pedagogia dos Multiletramentos, uma maneira inovadora de se abordarem os conteúdos escolares de forma não tradicional e que primam pelo “letramento da letra”, como afirma Rojo (2013).

Entendemos que as mudanças geradas pela forma e pela velocidade como a informação circula atualmente, principalmente na *web*, distanciam os estudantes contemporâneos do papel de meros receptores de conhecimento e os colocam como agentes da produção textual.

Segundo Coscarelli (2016, p.13-14), em oposição a uma avaliação somativa e solitária, tão comum nos contextos escolares, o ambiente digital é propício ao trabalho que apresenta propósitos e finalidades sociais definidos, realizados por grupos de afinidades ou de interesses afins: a escrita colaborativa.

Ademais, acreditamos que, por meio do uso e da reflexão a respeito das variadas expressões musicais existentes, indo além do estudo meramente gramatical, costumeiramente usado nas aulas de LP, é possível explorar aspectos próprios do gênero

textual “canção” para a discursão sobre as relações de valores que levaram um aluno a escolher uma determinada expressão musical e não outra.

Justificamos nossa opção pela música em virtude de, dentre outros fatores, ela ser talvez um dos temas de mais empatia por parte dos estudantes. Essa afirmação pode ser comprovada pela presença constante e massiva de música nos mais diferentes contextos, pela existência das mais diferentes formas e estilos, pelo uso constante dela por esse público. Além disso, entendemos que ela reflete o contexto sociocultural desses jovens, apontando para valores estéticos preconizados pelo alunado, bem como apresenta multiplicidade discursiva e híbrida inerentes à sua estruturação.

Igualmente, entendemos o gênero textual canção como potencial objeto de reflexão das linguagens, o que contribui para o desenvolvimento de estratégias didáticas direcionadas ao ensino crítico e reflexivo de outros gêneros textuais, em especial, neste estudo, o *spot* para *radioblog*.

Outro viés que norteia nosso estudo é a importância do trabalho efetivo com os gêneros textuais, uma vez que, por intermédio deles, o estudante reconhece a função do texto, quem o escreve para quem o escreve e distingue as características inerentes a ele. Desta forma, o estudo deixa de ser centrado na reprodução de regras descontextualizadas para atuar na promoção de um aluno leitor e de um escritor mais autônomo nas mais diversas situações comunicativas.

Reforçamos que, apesar de haver estudos sobre a utilização do *spot* nas aulas de LP (com importante contribuição para a análise de características do gênero), como ocorre no artigo de Figueiredo e Santos (2015), em seu trabalho “Do rádio para a sala de aula: uma análise retórico-conversacional do gênero *spot*”, não encontramos, nos materiais consultados, nenhum trabalho cujo enfoque recaia sobre a produção de textos feita pelos estudantes.

Dessa maneira, verificamos que existe um vasto campo a ser explorado em relação ao gênero textual *spot*, na perspectiva das produções textuais em sala de aula. Encontramos poucas referências a pesquisas dessa natureza voltadas para o trabalho acadêmico, à exceção do trabalho realizado pela professora Carolina Lobrigato⁵. A professora desenvolveu um projeto de leitura e de produção do gênero *spot* com estudantes do sétimo ano de uma escola municipal da Zona Leste de São Paulo (EMEF Altino Arantes), o qual

⁵ Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa>>. Acesso em: 12 dez 2017.

foi apresentado no Segundo Seminário Nacional “*Escrevendo o futuro: com a palavra, o professor-autor!*”, realizado em São Paulo, em outubro de 2017.

Encontramos, também, referências à produção do gênero *spot* no Portal do Professor (programa que contém sugestões de metodologias para o estudo de algum tema), coordenado pelo Ministério de Educação e Cultura – MEC⁶, apresenta sob a forma de um plano de aula para o docente que deseja utilizar integral ou parcialmente as orientações contidas nesse espaço destinado ao professor. Talvez haja trabalhos em andamento, ou até mesmo concluídos, mas que ainda não foram disponibilizados para o público geral e, portanto, os quais não tivemos conhecimento.

Assim sendo, consideramos que este trabalho abarca um conjunto de atividades por meio das quais o professor de LP pode desenvolver o estudo sistematizado do gênero *spot*, para veiculação em *radioblog*, partindo do referencial da cultura do alunado em relação à apreciação musical. Apesar de terem sido concebidas para o 9º ano do Ensino Fundamental e com o foco direcionado para a produção do texto na modalidade escrita, com vistas à reprodução na modalidade oral, as atividades podem ser aplicadas em outras séries, desde que se façam as adequações necessárias às exigências preconizadas no currículo escolar.

Esclarecemos, também, que é possível ao professor explorar outros aspectos relacionados ao estudo da língua que sejam pertinentes à análise dos textos construídos pelos estudantes. E esperamos que tenhamos retorno daqueles que fizerem uso do nosso Protótipo Didático, doravante PD, no sentido de nos apresentarem os aspectos positivos, que funcionaram bem, se foram cumpridas as metas, bem como nos indiquem possíveis falhas, que comprometeram a execução de um ou de outro procedimento rumo à elaboração do produto. Estamos cientes de que nem todo trabalho se aproxima da perfeição e que toda crítica nos fará refletir e, caso se faça necessário, reestruturar algum procedimento em qualquer das etapas de execução do PD, assim o faremos.

Para nortear nosso olhar para a descoberta de estratégias necessárias para efetivar o processo ensino-aprendizagem de forma positiva, com o intuito de atingirmos o nosso propósito, estabelecemos, inicialmente, a hipótese de que, no ambiente escolar, uma proposta de ensino pautado nas apreciações musicais dos estudantes, relacionada à produção de texto, seja capaz de promover a valorização da identidade cultural, social e linguística dos jovens.

⁶ Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24164>>. Acesso em: 12 dez 2017.

Conseguindo cumprir essas metas, pretendemos também despertar em nossos estudantes o desejo de construir um gênero pouco conhecido na esfera escolar, o *spot*, a partir da sistematização de sua abordagem afim de que o resultado seja um texto que apresente as características específicas do gênero proposto, demonstrando que houve percepção do estudante quanto aos elementos composicionais e estilísticos dele.

Desta forma, pretendemos oportunizar a um grupo de estudantes mecanismos para a produção do gênero proposto como forma de aprimorar a leitura e produção de textos nas modalidades oral e escrita e de adequar a linguagem característica desse gênero textual ao seu contexto de produção (considerando a intencionalidade textual, seus interlocutores, os recursos de linguagem, de sonoridade, expressivos e lexicais).

Como isso, esperamos que eles, após a execução de cada etapa prevista, estejam suficientemente motivados a se engajar na prática da escrita de textos coerentes e coesos de vários gêneros em diferentes situações comunicativas, mas, em especial, o do gênero *spot*.

Para a fundamentação das ideias por nós defendidas, apoiamo-nos nas questões abaixo relacionadas:

- ✓ Um ensino que parta da cultura musical do alunado favorece um ambiente representativo, dialógico e de respeito às diferenças entre a cultura do estudante e o ensino formal escolar, aprimorando o processo de ensino-aprendizagem e oferecendo caminhos viáveis para as diferentes práticas de letramentos que a sociedade atual exige?
- ✓ O ensino que tome como base os gêneros textuais, em nosso caso o gênero *spot*, se torna mais significativo e promove a melhoria de alguns problemas estruturais no desenvolvimento de práticas de leitura, escrita, ampliação da criticidade e utilização profícua das linguagens (orais e escritas) nas diferentes áreas de interação social do educando?
- ✓ Uma proposta que tenha como objetivo a produção de *podcast* e *radioblog* pelos estudantes favorece um ensino voltado para a inserção da leitura, da análise e da produção de textos multissemióticos e midiáticos presentes no contexto digital no ambiente escolar?

Essas questões norteiam nossas reflexões, sendo o construto da elaboração da proposta de intervenção (Protótipo Didático) idealizada para a aplicação em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal na qual a pesquisadora ministra aulas de LP.

Tendo em vista as motivações e os propósitos que corroboraram para o estudo deste tema, definimos, como objetivo geral, preparar um PD voltado para a produção de roteiros

na modalidade escrita do gênero *spot* para posterior gravação de arquivos de áudios, ou seja, um *podcast*.

Como objetivos específicos, propomo-nos a cumprir as seguintes metas.

- ✓ Promover a reflexão sobre o papel da música na construção da identidade cultural e na composição do gosto musical de nossos estudantes para a produção do gênero textual *spot* resultante das atividades do PD e da seleção de uma *playlist* composta das preferências musicais dos estudantes.
- ✓ Incentivar, por meio do gênero textual proposto, a ampliação das habilidades linguísticas, textuais e discursivas dos alunos, nas modalidades oral e escrita, levando-os a perceberem que cada contexto comunicativo exige especificidades: linguagem, postura, escolha vocabular, entonação, entre outros elementos verbais e não verbais necessários à interação.
- ✓ Levar o estudante a criar uma *radioblog* como suporte para veiculação dos trabalhos produzidos durante a aplicação do PD.

Acreditamos que a produção de um material complementar, com enfoque no ensino multicultural, multisemiótico e multiletrado, seja um facilitador para o ensino de leitura e para a produção de textos orais e escritos nas aulas de Língua Portuguesa.

Concordamos com a afirmação de Rojo (2013, p. 7-8), no sentido de que há muito a ser feito para que a escola se apresente como espaço de interação e circulação desses novos textos surgidos a partir dos avanços tecnológicos advindos de uma sociedade cada vez mais digital. Ou seja, acreditamos que está surgindo uma escola que entenda esse “nativo digital”: o aluno que não apenas produz e consome outros textos, mas que possui nova mentalidade e o domínio das tecnologias atuais.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 O ensino na perspectiva dos PCN

Têm sido cada vez mais constantes as discussões, no meio acadêmico, a respeito de uma urgente reestruturação do ensino de língua na escola, em especial o da Língua Portuguesa. Não se admite mais se insistir em um modelo de compreensão do idioma fundamentado na gramática normativa, que estabelece uma única maneira correta de se falar ou de se escrever.

A partir da publicação dos PCN (BRASIL, 1998, p. 18), percebemos um importante avanço no tocante à proposta curricular, sobretudo pela conscientização acerca da necessidade de se buscar estratégias mais eficazes para a promoção do letramento dos estudantes.

Atrelado a essa nova forma de se ensinar a língua, focada nos saberes e nos conhecimentos trazidos pelo aluno, no momento em que é inserido no contexto escolar, é preciso considerar a existência de fatores externos que interferem na compreensão que o estudante tem em relação ao funcionamento da língua.

Castilho (1998) entende que a aula de Português deveria funcionar como um “laboratório de língua”, no sentido de que ela representa uma excelente oportunidade para o professor explorar as diversas formas e os diferentes tipos de texto para se trabalhar a funcionalidade da língua. O professor, nesse novo cenário, assume a tarefa de encontrar estratégias para que seja ampliada a visão de língua dos integrantes de uma sala de aula, indicando para eles as inúmeras possibilidades de combinar palavras, de construir novos sentidos, de compreender esses sentidos, de estabelecer relação lógica entre os segmentos de um enunciado.

Retomando as orientações contidas nos PCN (1998), o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa são resultantes da articulação entre os envolvidos – professor, aluno, conhecimentos -, os quais atuam diretamente nas práticas de linguagem. A partir dessa concepção, torna-se possível encontrar estratégias pedagógicas a serem empregadas no ensino da língua. Isso faz com que o professor realize um trabalho bem estruturado, preparando, selecionando, adaptando os conteúdos a serem ministrados. Não há como obter sucesso nas atividades didáticas quando os elementos linguísticos utilizados nela se apresentam de forma descontextualizada ou quando não fazem parte do ambiente sociocultural nos quais os estudantes estão inseridos.

Dessa maneira, com base nessas sugestões, entendemos que o texto deve ser tomado como ponto de partida para que as características específicas da língua possam ser estudadas de modo que sejam criadas condições para o estudante se expressar a respeito de si mesmo e do mundo e revelar as experiências adquiridas ao longo da sua vida.

Por essa razão, entendemos que os textos selecionados para serem analisados em sala de aula devem ser apresentados tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, com o intuito de que o aluno tenha a oportunidade de dominar a expressão oral pública e entender as características próprias de um texto falado e escrito. E, para fundamentar essa nossa maneira de pensar, vamos citar um trecho dos PCN, onde se lê que

Vale considerar que a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma proposta estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, que submete a um mesmo roteiro cristalizado na abordagem de uma notícia, um artigo de divulgação científica e um poema. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos, mas também a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura (BRASIL, 1998, p. 26).

Finalmente, concordamos com Gribl (2013) que, no que se refere ao uso da tecnologia, os PCN trazem uma abordagem limitada, fato este decorrente da época de sua publicação, com pouco acesso a computadores e menor acesso à rede de *internet*. Contudo, é notório que o documento é pautado em um ensino que leve o estudante à compreensão de textos nos mais diferentes formatos, integrados à realidade desse jovem e promotores de criticidade e cidadania.

2.2 A música como ferramenta pedagógica

Em conformidade com os documentos oficiais e conscientes da necessidade de a escola se apresentar como promotora de alunos leitores e produtores de textos nas mais diferentes modalidades e semioses, sobretudo em tempos de NTIC, ampliamos à proposta aqui presente, a uma poderosa ferramenta social e pedagógica: a música.

Para justificar essa escolha, partimos da convicção de que é inegável a presença da música no cotidiano dos indivíduos nos mais diferentes momentos, do lazer às atividades corriqueiras. Com o jovem não é diferente, muito pelo contrário, é quase impossível encontrarmos um que não goste de algum estilo de música – rock, pop, jazz, clássica, *reggae*, romântica, *rap*, *funk* – seja em *CDs*, *internet*, *smartphones* ou similares com ou sem fones de ouvido nos mais diferentes momentos e contextos sociais, inclusive na escola.

A música combina sons e letras e, sob o ponto de vista linguístico, é considerado como um gênero híbrido (texto e música). Ela reflete a identidade e a cultura do indivíduo, bem como a sua origem, as afinidades, os anseios, as necessidades.

Ainda que o jovem não conheça os aspectos estruturais próprios do gênero, a teoria musical ou tenha afinidade com partituras e instrumentos musicais, sempre fará uso da música, seja como descontração, expressão de sentimentos ou opiniões.

Em conformidade com os PCN (BRASIL, 1998, p.75), “a música sempre esteve associada às culturas e às tradições de cada época”. Ela possui um caráter atemporal, cultural, mítico e identitário aos indivíduos desde os tempos mais remotos da civilização e complementa que

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção (BRASIL, 1998, p. 75).

Optamos, assim, pela utilização do gênero música para a composição do gênero textual *spot*, sobretudo pelas relações fronteiriças, dinâmicas e dialógicas com outros gêneros textuais, aliados ao fato de apresentar inúmeras possibilidades interpretativas, simbólicas, poéticas e culturais. Entendemos, portanto, esse gênero como um poderoso instrumento didático e multidisciplinar de grande aceitação por os todos públicos.

Para Costa (2002, p. 118) “canção⁷ é um gênero híbrido e de caráter intersemiótico, resultante da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia)” e que requer, para sua análise, uma tripla competência: a verbal, a musical e a lítero-musical.

Quanto ao seu caráter híbrido, podemos destacar que ela seja resultante da junção textual e musical em sua composição (lítero-musical). Desta forma, para um trabalho com gênero, faz-se necessária a análise de aspectos linguísticos (da letra em si) e dos elementos extralinguísticos (melodia e ritmos), assim sendo, sua materialidade vai além dos elementos discursivos.

Entendemos que a música deva ser trabalhada em sala de aula além do caráter limitador da superficialidade textual, tais como a análise exclusiva de elementos

⁷ Costa (2002) nomeia o gênero textual enquanto “canção”, nós optamos pela nomenclatura genérica “música”, ambas não possuem diferenças em suas abordagens, apenas nomenclaturas distintas.

gramaticais presentes nas linhas e estrofes, ou a ideia estanque, com interpretações tais como “o que o autor quis dizer no verso tal”.

Ademais, a música precisa ser compreendida como instrumento de resgate de culturas, da ativação de emoções, de pensamento crítico. Também, se constitui em um importante campo para discussões sociais e sensibilização acerca de diferentes problemáticas da sociedade e do indivíduo.

É importante, também, notar que toda música apresenta, em sua temática, aspectos ideológicos estruturados que ajudam na composição do seu sentido e permitem se caracterizar como gênero textual com características discursivas ricas e fatores únicos de textualidade que só um gênero textual possui.

A escolha pelos ritmos, melodias e letras são traços do indivíduo e denotam suas preferências, apreciações, diferentes estilos e traços de personalidade. Nesse sentido, tomamos como base para o presente trabalho, a abordagem com a música em sala de aula semelhante à apontada por Costa (2002):

o interesse pedagógico pela canção deva representar uma consciência cada vez mais crescente da grande importância de nossa produção lítero-musical na construção da identidade e da história de nosso país... a nosso ver, o objetivo desse trabalho deve ser proporcionar uma educação dos sentidos e da percepção crítica, que proporcione, ao lado do prazer sensorial, e estético, um exercício de leituras multissemióticas, voltadas não apenas para discriminação de cada materialidade semiótica do texto, mas também para a interação pluridirecional que relaciona todos os elementos que uma canção propõem (autor- cantor-personagens-melodia-ouvinte genérico-ouvinte individual) com o objetivo de formar ouvintes críticos, de canções, capazes de perceber o efeito de sentidos do texto, da melodia e da junção verbo-melódica, conhecedores dos cancioneiros e dos cancionistas de seu país, seus posicionamentos, estilos e discursos, tal como pretende o estudo de literatura (COSTA, 2012, p. 119).

Finalmente, esta proposta encontra consonância em Gribl (2013) quanto à necessidade de se considerar que a diversidade cultural vista, sob a perspectiva das afinidades e gostos, mantém relações com a construção de uma identidade cultural que não é isenta de representações de outros aspectos, tais como a organização social, econômica e ideológica das produções culturais e sua circulação na sociedade.

Ainda, segundo o autor, seria produtivo observar as diferentes leituras críticas que os estudantes elaboram quando dizem se identificar com alguns gêneros musicais. Para tanto, é necessário ir além do tema da música e sua possível avaliação estética e analisar o viés histórico e cultural dessa formação como forma de promoção da ética e da cidadania.

No intuito de manter um distanciamento do ensino tradicional do gênero música em aulas de Língua Portuguesa, optamos por uma abordagem que contempla aspectos estéticos, culturais e da formação da identidade desse jovem, tal como norteado nos documentos oficiais, no sentido de que

O gosto musical aparece como sinalizador da adesão a certo conjunto de referências culturais, funcionando, portanto, como demarcador de identidades no interior do universo juvenil, mesmo quando o estilo musical compõe-se a partir da fusão de diversos outros estilos (BRASIL, 1998, p. 124).

A escola deve primar por um aprendizado voltado para a formação de leitores proficuos e críticos, ou seja, leitores que possam compreender um texto para além da ideia de estrutura pronta e acabada em si mesma.

Diante do exposto, nos parece um contrassenso a não utilização da música em suas múltiplas abordagens, tanto quanto sua utilização indevida ou estanque. Concebemos nossa abordagem com indicação de escuta e apreciação musical, papel muito além da mera letra de canção como pretexto para atividades de caráter gramatical, como comumente são apresentadas nos livros didáticos e utilizadas na escola.

2.3 Por uma pedagogia multiletrada

A leitura e a escrita são práticas sociais e estão presentes no cotidiano de quase todos os indivíduos desde a mais tenra idade. Fazer uma redação escolar, pegar um ônibus, ler uma notícia de jornal, acompanhar o preço dos alimentos na prateleira do supermercado, fazer uma lista de compras, enviar um recado pelo *whatsapp*, o “fazer de conta que lê histórias” - prática comum de crianças ainda não alfabetizadas- são exemplos de utilização social da escrita e da leitura, dentro e fora do ambiente escolar, por pessoas alfabetizadas ou não, que constituem práticas de letramento.

Da pré-história até a era digital, muita coisa mudou na humanidade em relação aos processos de comunicação entre os indivíduos, exceto o desejo perene de se comunicar. Com o desenvolvimento tecnológico, a sociedade passa por muitas modificações, consequentemente, as formas de comunicação ganham novas possibilidades, mais agilidade e fluidez.

Diante dessa realidade, a cultura letrada passa por ressignificações em sua forma, conteúdo e mediação, que apresentam concepções de leitura e escrita diferentes das tradicionais. Assim, na atualidade, as redes sociais, tais como *Facebook* e *WhatsApp*,

apresentam outros aspectos textuais com recursos que exploram a multimodalidade, a hipertextualidade e a interatividade em seus processos comunicativos.

Para Rojo (2013), os textos contemporâneos envolvem várias linguagens, mídias e tecnologias geradoras de novas formas de produção de textos e configurações que passam a exigir multiletramentos. Esses novos textos, ao se distanciarem do meio impresso, mais moroso e seletivo, passam a requerer novas maneiras de leitura, produção e circulação na sociedade. Ainda, segundo a autora

Esses “novos escritos” obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos quase diariamente: *chats*, páginas, *twis*, *post*, *ezines*, *epulps*, *fanclips* etc. Isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e “ferramentas de leitura e escrita”, que , convocam novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiótica e modo de significar (...) que trazem novos modos de leitura: já não basta a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação a um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (linguagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam. Inclusive, esses textos multissemióticos extrapolam os limites do ambiente digital e invadem hoje também o impresso (jornais, revistas, livros didáticos) (ROJO, 2013, p. 19-20).

Embasados no surgimento desse novo contexto, em suas demandas e entendendo a necessidade da escola se apresentar como promotora desses novos letramentos, buscamos meios para agregar os estudos multissemióticos necessários ao novo perfil de sociedade, ao tomarmos como base o gênero *spot* para *radioblog* como construto deste estudo.

Cabe ressaltar que a prática do letramento a que nos referimos não se restringe exclusivamente às escolarizadas e, por consequência, mais valorizadas socialmente, uma vez que estas não refletem todas as possibilidades de comunicação e interação do indivíduo em seus diferentes contextos sociais.

Rojo (2012), também afirma que, enquanto o conceito de múltiplos letramentos se baseia na multiplicidade de práticas letradas, o conceito de multiletramentos aborda aspectos próprios da sociedade urbana atual, como podemos observar a seguir:

O conceito de multiletramentos – é bom enfatizar- aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbana, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (MOURO; ROJO, 2012, p. 13).

É fato que as crianças e os jovens, nativos da era digital, parecem muito familiarizados com a multiplicidade de informações, ícones, *links*, *emoticons*, entre outros

tantos recursos que exploram o caráter imagético da linguagem com diferentes significados e aplicações práticas.

Por outro lado, Coscarelli (2016) nos apresenta a análise de resultados de uma avaliação internacional – o PISA⁸ (OECD, 2014), que aponta para a extrema dificuldade que os estudantes encontram ao se depararem com textos que contenham imagens, como os infográficos, por exemplo. Eles parecem desconsiderar o texto não verbal e sua significação em suas práticas interpretativas, em uma clara alusão às práticas escolares tradicionais, que focam no letramento da letra e desconsideram as multissemioses existentes na linguagem.

Por sua vez, Rojo (2013) nos chama a atenção para o fato de que um bom exemplo desse caráter multissemiótico dos textos é o próprio livro didático com infográficos e mapas, entre outras imagens. Contudo, acrescenta a autora, esse caráter multimodal da linguagem sempre foi visto com resistência pelas práticas escolarizadas tradicionais ou relegados à mera “ilustração” ao texto.

Ainda sobre essa abordagem, acrescenta Lemke (2010) que

Houve um tempo, talvez, em que podíamos acreditar que construir significados com a língua de algum modo era fundamentalmente diferente ou poderia ser tratado separadamente da produção de significados com recursos visuais ou padrões de ação corporal e interação social. Hoje, no entanto, nossas tecnologias estão nos movendo da era da ‘escrita’ para a era da ‘autoria multimidiática’ (LEMKE, 2010, p. 2)

Portanto, a escola precisa trazer para si a responsabilidade da formação de leitores e escritores profícuos, críticos e socialmente integrados a esse nosso contexto, que, como afirma Rojo (2013), não são resultantes apenas dos avanços tecnológicos, mas da mudança de mentalidade da sociedade contemporânea.

Essa nova realidade evidencia a importância de um estudo focado não apenas nas competências da literatura impressa, mas que também estejam atentas às demandas sociocomunicativas atuais, com base também em um letramento digital e multimodal.

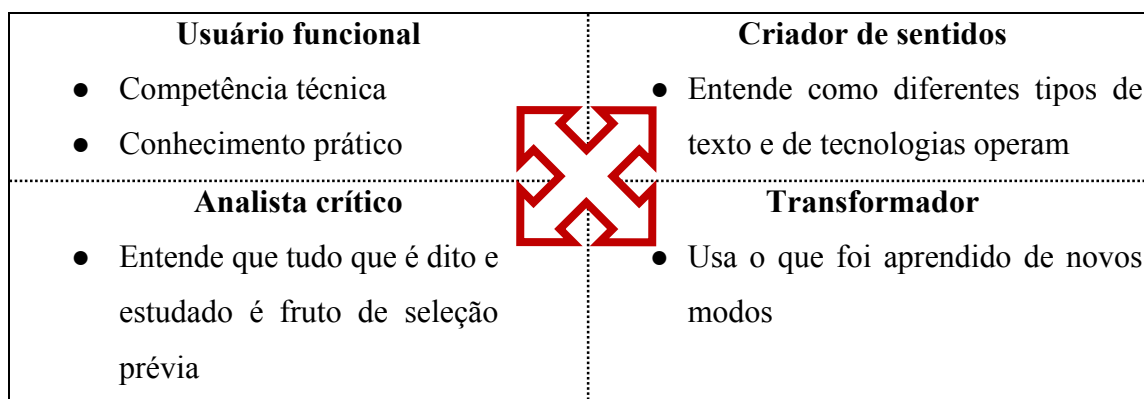
Na tentativa de sintetizar a amplitude do conceito de multiletramentos, seja no sentido de sua diversidade cultural, circulação de textos ou múltiplas linguagens, Rojo (2012) aponta que

⁸ O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (em inglês: *Programme for International Student Assessment – PISA*), também chamado popularmente no Brasil de Enem Internacional, é uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar, realizado pela primeira vez em 2000 e repetido a cada três anos. É coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com vista a melhorar as políticas e resultados educacionais.

eles são interativos, mais que isso, colaborativos; eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não); eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p. 22-23).

Ainda, segundo a autora, a pedagogia dos multiletramentos nasceu de um manifesto proposto por pesquisadores conhecidos como Grupo de Nova Londres (doravante, GNL). As etapas que compõem os requisitos necessários para um trabalho nesta perspectiva buscam uma prática colaborativa entre estudantes e professores de forma dialógica, interdisciplinar, multimodal e multicultural e podem ser representadas pelo diagrama abaixo.

Quadro 1 – Mapa dos Multiletramentos.



Fonte: elaborado pela pesquisadora, a partir do quadro de Rojo (2012, p. 29).

O diagrama apresentado pela autora é dividido quadrantes interligados que, de forma sintética; propõe que o leitor:

- i) seja um usuário funcional, ou seja, que possua habilidades de ler textos e /ou ferramentas a ele destinados;
- ii) possua a capacidade de direcionar os diferentes textos a ele fornecido e criar seu próprio significado;
- iii) assuma a característica de “produtor” de significados por meio da análise e leitura críticas dos conteúdos;
- iiii) produza ações transformadoras geradoras de mudanças nas suas próprias práticas sociais e do meio em que vive.

Para alcançarmos aquilo que a pedagogia dos multiletramentos apresenta, é necessário distanciar o aluno do papel de mero “receptor/consumidor” e levá-lo ao patamar de “produtor/gerador” de sentidos e ressignificações. Para tanto, faz-se necessário um olhar

mais atento a essa cultura de referência do alunado em concordância com o que Rojo (2012, p. 8-9) denomina como: “letramento crítico que requer análise, critérios, conceitos e uma metalinguagem, para chegar a uma proposta de produção transformadora e redesenhada”.

As NTIC também proporcionam uma democratização às informações (COSCARELLI, 2016), permitindo que os jovens da periferia entrem em contato com objetos culturais antes restritos a grupos de elite, tais como filmes, séries, vídeos, músicas, obras de arte, tutorias, acervos de bibliotecas e diferentes textos nos mais diferentes gêneros. De igual forma, qualquer indivíduo de qualquer camada social e/ou escolaridade é capaz de produzir os mais variados textos que podem ou não ser disponibilizados na *web*.

Finalmente, quando pensamos em “Letramentos” que sejam capazes de incluir uma pedagogia que valorize as práticas multiletradas no ambiente escolar, encontramos em Lemke (2010, p. 1) uma definição que responde às intenções desse trabalho: “Letramentos são legiões. Cada um deles consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado” (LEMKE, 1989; GEE, 1990; BEACH; LUNDELL, 1998).

Acreditamos que o caminho para a escola se integrar às necessidades desse novo público é longo e passa pelo aperfeiçoamento docente e pela revisão dos currículos na busca por entender esse estudante, nativo da era digital, que é ao mesmo tempo um construtor e um colaborador de ideias e produtos.

Para tanto, esse jovem necessita de uma escola que não se furte a integrá-lo a essas novas demandas de um letramento novo, múltiplo, democrático e funcional. Consideramos que uma educação multiletrada é, antes de tudo, ética, cidadã e promotora do protagonismo desse indivíduo frente aos desafios que essa nova era digital propõe.

3 SPOT: UM GÊNERO TEXTUAL PARA ORALIZAÇÃO

O presente capítulo é dividido em cinco seções. Na primeira, tecemos considerações a respeito da teoria dos gêneros, sob a ótica bakhtiana e sua aplicabilidade para o ensino de LP; na segunda, abordamos as mudanças decorrentes dos avanços tecnológicos em relação ao suporte rádio; na terceira, apresentamos os elementos da linguagem radiofônica; a quarta seção destina-se ao conhecimento das características do spot, tido como anúncio publicitário radiofônico e, finalmente, na quinta seção apresentamos o gênero textual spot, ressaltando as especificidades de um gênero pertinente e valioso para o ensino de língua, com vistas a promover um ensino multimodal, multicultural e multissemiótico.

3.1 Gêneros textuais: por uma escrita situada e significativa

Muitos estudos vêm sendo realizados na área da educação, voltados à linguagem, sobretudo após a publicação dos PCN (1988), que tomam os gêneros textuais como basilares para o ensino de Língua Portuguesa. Diante dessa perspectiva, como aponta Bezerra (2017, p.33-34), a temática dos gêneros ganha espaço no trabalho em sala de aula da educação básica.

Autores que discutem o ensino da língua, tais como Kleiman (1995), Travaglia (2011, 2013, 2017), Marcuschi (2001, 2002, 2003, 2008), salientam as significativas mudanças, no ambiente escolar, fomentadas a partir das orientações parametrizadas nos PCN, concernentes ao ensino pautadas nos gêneros. Nesse documento, encontra-se a afirmação de que

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou pode se tornar dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjunto particulares de sequências que compõem o texto (BRASIL, 1998, p. 21).

É indiscutível que, por meio dos gêneros textuais, o ensino se torna mais significativo, uma vez que possibilita ao estudante reconhecer a função do texto, quem o

escreve, para quem escreve e suas características. Desta forma, o estudo deixa de ser centrado na reprodução de regras descontextualizadas e se volta à promoção de um aluno leitor e escritor profícuo e, conseqüentemente, mais autônomo em diferentes situações comunicativas.

Contudo, concordamos também com Bezerra (2017), ao afirmar que, apesar do grande interesse no assunto, não são raros os problemas enfrentados para a compreensão e a apropriação desse conceito (e suas práticas) para os professores da área e, até mesmo, para academia. Ainda, segundo o ensino pautado nos gêneros, para Bezerra

Modismo, moda? Não importa. O fato é que a questão dos gêneros está posta e é preciso lidar adequadamente com o conceito para que, afinal, sua aplicação ao ensino de língua, interesse primordial no contexto brasileiro, se dê de maneira mais produtiva o possível (BEZERRA, 2017, p. 34).

Um exemplo sobre essa tentativa de dar conta da complexidade deste campo dos estudos da linguagem – a teoria dos gêneros- é o trabalho de Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) sobre a concepção dos gêneros. Para tanto, os autores propuseram um agrupamento dessas teorias por características afins sob três termos gerais: abordagens sociossemióticas, abordagens sociorretóricas e abordagens sociodiscursivas.⁹

A abordagem sociodiscursiva é fruto de reflexões enviesadas pela teoria do texto, pela análise do discurso e pelas teorias enunciativas, fundamentando-se, sobretudo, nos aspectos sociais que influenciam a construção e a interpretação dos enunciados (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005).

Uma vez que o nosso trabalho propõe aplicação de uma proposta interventiva com base na leitura e na produção do gênero textual *spot* para as aulas de LP, ancoramo-nos na abordagem sociodiscursiva para nossa fundamentação, devido suas relações intrínsecas com as práticas sociais em contextos historicamente situados.

Cabe ressaltar que, as distintas abordagens para o estudo do gênero, (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005), apesar de apresentarem aproximações e distanciamentos teóricos, consideram o gênero como ação social, fato representado, inclusive, pela presença do prefixo sócio; e por todos tomarem Bakhtin (1997) como seu principal precursor.

E, quando se trata de estudo da língua, é fundamental retornarmos às importantes contribuições trazidas por Bakhtin (1997) no que concerne aos os conceitos basilares acerca dos gêneros. Para ele,

⁹ Os autores enfatizam que essa organização tem caráter meramente didático, não ontológico.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]. Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279, **grifo nosso**).

Outro aspecto do construto surgido a partir do Círculo de Bakhtin sobre os gêneros é o de que os enunciados são polifônicos e axiológicos, ou seja, não há enunciado neutro, tudo é ideológico e resultante da interação entre indivíduos socialmente organizados. Não havendo, assim, dissociação entre o social e o indivíduo, sendo que a interação se torna a realidade fundamental da língua.

Consoante com as ideias bakhtinianas, Marcuschi (2002) alega que todas as manifestações verbais são constituídas por textos e não por elementos linguísticos isolados. Desta forma, esses mesmos textos são enunciados históricos e socialmente situados, legitimados por uma instância discursiva. Para o autor, os gêneros textuais representam

fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

Ainda segundo o autor, quando entendemos a língua, passamos a dominar um sistema de práticas cognitivas, abertas, flexíveis, criativas, sociais e historicamente sensíveis à realidade em que atuam. Desta forma, a língua se projeta menos para o sistema estrutural (aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos e morfológicos) e mais para os aspectos sociais, situados, cognitivos e históricos, tanto em seu funcionamento cotidiano, quanto canônico.

Por conseguinte, quando ensinamos LP por meio dos gêneros textuais, não estamos ensinando somente uma forma de produção textual, mas sim a operar enunciados situados em um contexto social e cultural e, portanto, mais significativos.

Entendemos que um trabalho com gêneros é mais amplo, sobretudo em tempos de avanço tecnológico, no qual há uma verdadeira ‘proliferação’ de novos gêneros. Afinal, por se tratar de enunciados situados em contextos históricos e sociais é impossível que eles

não sofram mudanças diante da nova realidade comunicativa que a era tecnológica apresenta à sociedade.

Por sua vez, se a comunicação verbal é concebida tão somente por meio de algum gênero (MARCUSCHI, 2002), os diversos textos resultantes dessas interações cotidianas são um importante retrato da sociedade. São incontestáveis as mudanças nas interações sociais e nas comunicações oriundas desse novo contexto que nos dão a segurança de afirmar que, em se mudando a sociedade, mudam-se (e mesclam-se) outros tantos gêneros. Por outro lado, a escola prioriza, quase sempre, o trabalho com os mesmos gêneros textuais, apesar da pluralidade de gêneros existentes na atualidade.

Outro aspecto que não podemos desconsiderar é o caráter multimodal e a flexibilidade dos diferentes gêneros textuais em circulação nas diferentes mídias advindos das NTIC presentes na sociedade contemporânea, que nos direcionou a um trabalho com as preferências musicais dos estudantes, como ponto de partida para estudo dos gêneros ditos “emergentes”, advindos das novas tecnologias: a produção do gênero textual *spot* radiofônico.

3.2 Radiodifusão digital: incorporação de novas linguagens, profusão de suportes

Segundo Ferraretto (2014), as mudanças tecnológicas ocorridas nos anos de 1990 e de 2000, o uso de computadores pessoais, o acesso à rede de internet, e a TV por assinatura – levaram a uma revisão sobre o conceito de rádio, bem como ampliaram as possibilidades de oferta de conteúdo de natureza informativa, de difusão cultural e artística e de conteúdos comerciais, além de criarem novas demandas. Para o pesquisador:

Portanto, reitera-se aqui que: (a) além da lógica de oferta, o rádio passa a incluir uma lógica de demanda, presente, por exemplo, na disponibilização via internet de áudios de material já transmitido; (b) ocorre manifestações não só relacionadas ao modelo de comunicação ponto-massa, o das irradiações em tempo real, mas ponto-ponto, próprio dos conteúdos disponibilizados de forma diferida, por exemplo, por *podcasting*; (c) multiplicam-se ações empresariais no sentido de disponibilizar o conteúdo radiofônico nos mais diversos suportes tecnológicos (de computadores *desktop* a celulares, *tablets* ou quaisquer outros dispositivos em que isso seja possível); e (d) pode-se identificar uma sinergia do rádio com outros meios dentro do mesmo grupo empresarial (FERRARETTO, 2014, p. 17).

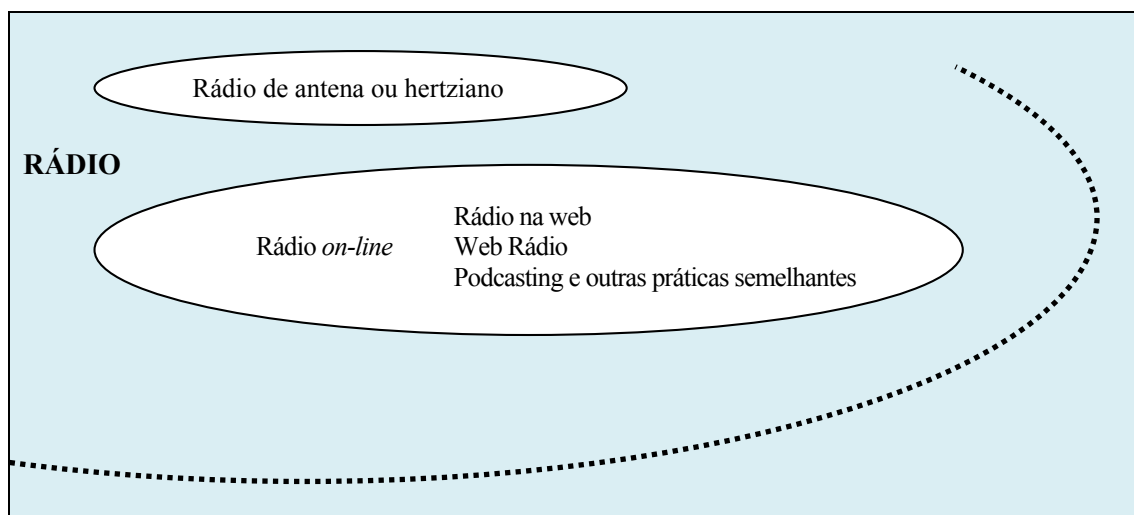
Ainda segundo o autor, é incorporado o conceito de *broadcasting*¹⁰, que passa a compreender duas formas de radiofusão: a sonora que compreende o rádio e a sonora e imagética, que compreende a televisão. O autor acrescenta que “É obvio também que, sob a vigência da *internet*, embora a radiofusão sonora continue sendo rádio, esta deixa de ser apenas sonora” (FERRARETTO, 2014, p. 17).

O que resumidamente empreende ao termo rádio, segundo Ferraretto (2014), são as diferentes manifestações divididas em i) rádio de antena ou hertzianos¹¹ e ii) rádio *on-line*, de veiculação na *web*. Quanto ao último tipo, pode-se identificá-lo nas seguintes modalidades:

- ✓ rádio na *web*: estação de rádio com transmissão tradicional que também disponibiliza sua programação na rede;
- ✓ *web* rádio: de conteúdo exclusivamente via digital;
- ✓ práticas como o *podcasting*.
- ✓

Essas modalidades, conforme o autor, podem ser representadas na figura abaixo:

Figura 1: Modalidades radiofônicas.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Ferraretto (2014, p. 19).

¹⁰ *Broadcasting* (do inglês *to broadcast*, "transmitir") é um método de transferência de mensagem para todos os receptores simultaneamente.

¹¹ Trata-se de ondas de propagação eletromagnéticas.

Pelos conceitos expostos e devido às multisssemioses de transmissões de conteúdo sonoro (música, *podcast*) e visuais (imagens, roteiros), resultantes da aplicação desta proposta de intervenção, optamos pela escolha de uma *radioblog*. Essa opção baseia-se no fato de entendermos esse suporte – uma *web* rádio de caráter multisssemiótico e interativo – mais adequado para veículo do gênero por nós proposto.

3.3 A linguagem radiofônica: muito além da oralidade

Para Ferraretto (2014), é um grande equívoco reduzir a linguagem radiofônica à oralidade, prática social inerente à fala, uma vez que, apesar desse veículo ter nessa modalidade sua predominância, está permeado de outros tantos elementos. Desta forma, para o autor: “A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinada entre si” (FERRARETTO, 2014, p.31).

Ainda segundo o autor, esses elementos da linguagem radiofônica constituem a mensagem, objeto da comunicação, e são o resultado da mescla entre forma e conteúdo – ou estético ou semântico, respectivamente.

Para que a comunicação ocorra de forma eficaz, faz-se necessário que cada um desses elementos se articule levando em conta sua funcionalidade, suas múltiplas aplicações e seus elementos condicionantes, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 2 – Elementos da linguagem e seus condicionantes.

ELEMENTOS DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA	CONDICIONANTES		
Voz	Capacidade auditiva:		
<ul style="list-style-type: none"> • Palavra falada. • Meio mais frequente no rádio. • Alto poder comunicativo. • Carrega a parte significativa do conteúdo. • Associa-se a outras manifestações paralinguísticas que não a palavra (choro, grito, riso). • Adquire diferentes funções com base na finalidade da comunicação. • Possui atributos individuais (altura, intensidade e timbre). 	<p data-bbox="791 1659 1407 1720">Constitui a base da recepção da mensagem ante a ausência de contato visual.</p> <tr> <td data-bbox="783 1816 1415 1883" style="text-align: center;">Linguagem</td> <td data-bbox="791 1883 1407 1944">Engloba os elementos da comunicação radiofônicas que atuam isoladamente ou combinados entre si.</td> </tr>	Linguagem	Engloba os elementos da comunicação radiofônicas que atuam isoladamente ou combinados entre si.
Linguagem	Engloba os elementos da comunicação radiofônicas que atuam isoladamente ou combinados entre si.		

Música

<p>Pode se apresentar como parte da programação, em blocos ou de forma global ou como uma linguagem que se integra à mensagem da rádio adquirindo diferentes funções, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gramatical: constrói um sistema de pontuações da narrativa radiofônica, integrando-se à mensagem. • Descritiva: serve de cenografia para a mensagem. • Expressiva: leva em conta os ambientes. • Complementar ou de reforço: aperfeiçoa o conteúdo • Comunicativa: expressão mais autônoma. 	Tecnologia
	A tecnologia radiofônica disponibiliza recursos os quais a mensagem necessita se adaptar para o aumento da eficácia do processo comunicativo.
	Fugacidade
	A mensagem é consumida no momento que é transmitida; contudo, os avanços tecnológicos e as novas formas de difusão de conteúdo radiofônico, proporcionam mudanças a essa característica, uma vez que disponibiliza conteúdo on-line de material anteriormente transmitido.
	Público: alunos do 9º ano
Efeitos sonoros	<p>A mensagem é condicionada pelo público-alvo e deve levar em conta a adequação do conteúdo a ser transmitido, com o emprego de linguagem mais apropriada ao perfil do ouvinte, levando em conta aspectos tais como: classe social, faixa etária, nível de escolaridade e gênero.</p>
<p>Construção de imagens sensoriais pela associação de um determinado som à sua fonte geradora. Ex: ruído de amassar papel celofane próximo ao microfone simula o som de uma pequena fogueira.</p>	
Silêncio	
<p>Ausência de som planejado, que intensifica a linguagem verbal, potencializando a expressividade, a dramaticidade e a polissemia radiofônica.</p>	

Fonte: Elaboração própria com base em Ferraretto (2014, p. 32-38).

Ainda a respeito da linguagem radiofônica, Silva (1999) afirma que a linguagem radiofônica não é unicamente verbal-oral, considerando que os elementos intrínsecos a ela (texto escrito para ser oralizado, música, efeitos sonoros, silêncio e ruídos) adquirem novas propriedades, criando uma sintaxe única construtora de uma comunicação singular e própria do meio.

3.4 *Spot*: a importância do anúncio radiofônico

O *Spot* corresponde, segundo Ferraretto (2014), a uma das formas de anúncio¹² publicitário de natureza radiofônica. Pode-se fazer uso de música, de efeitos sonoros e do silêncio, mas com a prevalência da palavra na modalidade falada. Ainda segundo o autor,

¹²Outros exemplos de anúncios publicitários são a assinatura, o patrocínio, o texto cabine, o testemunhal. (FERRARETTO, 2014). Todavia, por questões de tempo e do objetivo deste estudo, não nos aprofundaremos nestes conceitos.

na produção desse tipo de texto, os recursos persuasivos e de criatividade se fundem e se complementam, criando uma peça publicitária muito importante a essa esfera de atuação social.

Remetendo-nos mais uma vez às ideias do autor, os anúncios radiofônicos têm, como objetivo final, “a motivação para o consumo de um determinado bem ou serviço” (FERRARETTO, 2014, p. 248).

Para Silva (2010), o *spot* corresponde a uma peça publicitária radiofônica de curta duração¹³ que tem como finalidade publicar mensagens sobre um determinado produto, marca ou serviço. Ainda segundo a autora, a criatividade, o humor e o erotismo são marcas dos *spots* nacionais, sendo essa característica decorrente do “fato de ser o povo brasileiro resultado de um caldeirão de etnias e fortemente marcado pela cultura oral” (SILVA, 2010, p. 1133).

Quanto à composição dos *spots*, Silva (1999) aponta duas importantes adequações da linguagem em relação aos elementos da linguagem radiofônica. De acordo com a autora:

o primeiro reside no fato de que nele(anúncio) pode-se encontrar reunidos todos os elementos que compõem e constroem a linguagem radiofônica, que assim como a oral não é exclusivamente verbal-oral, ou seja, é resultado da interpenetração de elementos não-verbais e verbais, que perdem sua unidade conceitual para adquirirem uma nova especificidade. A partir do dialogismo destes dois elementos inaugura-se uma forma, uma sintaxe nova, singular ao meio no qual estão inseridos. O segundo é que o desenvolvimento do *spot* como peça radiofônica muito contribuiu para que o rádio descobrisse a sua própria sintaxe. O desenvolvimento da publicidade no rádio se confunde com o da própria linguagem radiofônica. Da simples menção ao vivo do nome de um "colaborador" de um programa até a inserção de peças publicitárias previamente elaboradas e produzidas para os "patrocinadores", em programas e horários estrategicamente estabelecidos, um longo percurso foi estabelecido, tanto no texto escrito quanto no tratamento dos até então novos elementos que viriam a compor a sonoplastia radiofônica (efeitos sonoros, ruídos e trilhas sonoras) (SILVA, 1999, p. 30).

Como é possível notar, a produção do *spot*, sob o ponto de vista dos recursos sonoros e linguísticos (verbais ou não), explora todos os recursos disponíveis da linguagem radiofônica e ainda os complementa com a criatividade, com as construções ficcionais e humorísticas no intuito de “vender” uma ideia, um produto, um serviço, de divulgar uma

¹³O tempo de duração de um *spot* varia entre 30” e 1’ 30”, contudo defendemos que essa não é uma regra fixa, como pode ser visto nesta subseção.

marca ou de conscientizar a população quanto a alguma necessidade de alcance social¹⁴, como é possível perceber nos exemplos apontados em nossa proposta de intervenção.

Acerca das possibilidades criativas para a composição do gênero, Ferraretto complementa que

Um bom profissional, ao criar para rádio, não hesita em recorrer, conforme a possibilidade, à enquete - dramático ou humorístico- para associar ao produto ou ao serviço, uma estória que aproxime o anunciante do ouvinte. Quem cria um enredo, deve ter consciência que também está criando personagens (FERRARETTO, 2014, p. 258).

Sobre a estrutura que compõe o gênero textual *spot*, Silva (1999) propõe a seguinte subdivisão: texto (verbal) escrito; voz (oralização de texto escrito); elementos da sonoplastia (efeitos sonoros, trilha musical, silêncio e ruídos).

Segundo a autora, para a elaboração do texto verbal deve-se obedecer a uma sintaxe diferenciada, que contenha períodos curtos, orações na ordem direta, parataxe, registro linguístico e prosódia adequada aos objetivos comunicativos do anúncio e ao público-alvo, além de apresentar estruturas verbais menos complexas, com o intuito de estabelecer maior proximidade com o interlocutor, visando à construção de um texto persuasivo, dinâmico e de fácil entendimento que facilite sua fluidez e assimilação.

Outro aspecto que requer uma atenção mais cuidadosa, diz respeito à duração do *spot*. Sob o ponto de vista teórico, os *spots* seguem os princípios de um anúncio radiofônico, os quais levam em conta a efemeridade da linguagem inerente a um suporte unicamente sonoro que necessita “prender a atenção do ouvinte” que, a qualquer momento, pode procurar outra programação.

Assim sendo, Silva (1999, p. 39) afirma que

o tempo para o rádio é um fator que determina toda a programação e produção radiofônica. Neste sentido, todo o processo, desde a elaboração até (sua) veiculação da mensagem radiofônica deve explorar os recursos intrínsecos da cultura e do meio resultando em uma produção intensamente rítmica compatível com o público.

Todavia, consideramos pertinente observar as especificidades relativas à duração das atividades com o gênero *spot* propostas neste trabalho, uma vez que sua apresentação explora características próprias de uma *web* rádio, que se distanciam de uma rádio

¹⁴ Apesar das finalidades distintas do gênero, cabe ressaltar que elas se imbricam. Por exemplo, quando o governo de um determinado estado faz uma campanha publicitária alertando sobre a importância do uso do cinto de segurança ou outro assunto de interesse social, conseqüentemente, faz uma publicidade positiva sobre sua atuação em defesa do cidadão.

convencional, suporte originário do gênero, dentre elas a simultaneidade de conteúdos sonoros, visuais e imagéticos e a possibilidade do acesso atemporal ao seu conteúdo, inclusive no modo *off-line* (via *download*).

Para tanto, faz-se necessária a definição acerca do conceito de suporte textual, que, segundo Marcuschi, pode ser definido como um “suporte de gênero é um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). Ou seja, o suporte deve obedecer a três critérios, a saber: ser um lugar físico ou virtual, com formato específico, que tenha a função de fixar e apresentar o texto.

Ainda segundo o autor,

Todos os textos se organizam em algum gênero e todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em um suporte pelo qual atingem a sociedade (MARCUSCHI, 2008, p. 176).

Como citamos anteriormente o rádio possui características próprias de seu suporte original, dentre elas, textos falados rápidos, de fácil compreensão, com uma mensagem objetiva e fluida, para que possa haver a assimilação e, até mesmo, a memorização de seu conteúdo.

Contudo, a *radioblog* possui múltiplas semioses com a possibilidade de textos na modalidade falada, na modalidade escrita e com o uso de imagens, figuras, tabelas, entre outros, que não seriam possíveis em um suporte radiofônico convencional, dando ao gênero, por assim dizer, uma maior flexibilidade, tendo em vista a incorporações de outros recursos além dos sonoros.

Desta forma, a linguagem plástica advinda de um texto multissemiótico atribui ao gênero *spot* outras possibilidades e uma delas se reflete no tempo de duração deles. Todavia, não são abandonadas as características inerentes ao gênero de natureza exclusivamente radiofônica, dentre eles finalidade, estrutura textual e demais características.

Assim sendo, como o gênero pode mudar dependendo do suporte, acreditamos que o suporte também influencie em alguns aspectos o gênero nele afixado. Ademais, como afirma Marcuschi (2003, p.34), “a presença dos gêneros não é indiferente nos diversos suportes nem imune a eles, mas qual é precisamente essa influência não está ainda de todo claro”.

3.5 Gênero *spot* radiofônico: um gênero da oralidade para as aulas de Língua Portuguesa

Apesar de a cultura grafocêntrica ainda ser perpetuada em algumas esferas sociais, sobretudo na escola, tanto a escrita quanto a oralidade são práticas discursivas complementares e não concorrentes, que devem ser ensinadas na escola sem supremacia de uma em relação à outra (MARCUSCHI, 2001).

O autor afirma ainda que o homem é um ser que fala e não um ser que escreve; contudo, complementa: “isso não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz que a escrita é derivada e a fala primária, tampouco que a escrita seja uma representação da fala” (MARCUSCHI, 2001, p. 17).

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante (MARCUSCHI, 2001, p. 17).

O autor ainda reforça a desconstrução da ideia de hegemonia da escrita em relação à fala ao explicar o processo de retextualização que consiste na passagem do oral para o escrito e vice-versa, que não se trata da passagem de um texto “descontrolado e caótico” (o texto falado); para outro “controlado e bem formado” (texto escrito). E complementa que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2001, p. 47).

Deste modo, buscamos oferecer uma reflexão sobre a importância de se incorporar o ensino dos gêneros orais na escola por entender que estes possuem relevância muitas vezes desconsiderada pela propagação de alguns “mitos”, tais como o de que na essa modalidade de língua “valha tudo”, independentemente dos contextos em que ela se aplica.

De acordo com os PCN, a escola deve ensinar o uso oral da língua, conforme sejam as situações contextuais. Desse modo, esse documento preconiza que

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (BRASIL, 1998, p. 25).

Consonante às orientações contidas nos PCN e em acordo com a proposta deste estudo, Goulart (2005) afirma que uma das razões de se priorizar o trabalho com os gêneros orais mais formais na escola liga-se ao fato de os estudantes já articularem, com diferentes níveis de dificuldades, as formas cotidianas de produção oral. Assim sendo, a escola seria responsável por apresentar condições de o estudante reestruturar sua prática cotidiana a situações de uso mais formais da língua nesta modalidade.

A escola não pode se furtar ao ensino desta modalidade nos mais diferentes níveis de formalidade, bem como não pode desconsiderar aquilo que os estudantes já trazem de suas práticas cotidianas para um aprendizado significativo nas diferentes modalidades da língua.

Dolz; Schneuwly (2004) trazem uma importante reflexão sobre as constantes reclamações de professores em relação ao fato de os alunos não conseguirem tomar a palavra em público, se posicionarem diante de um fato ou argumentarem com seus pares. Essa realidade precisa ser desconstruída com práticas docentes voltadas para a ampliação dos estudos de diferentes gêneros da oralidade, sobretudo da ordem do argumentar no cotidiano da escola.

Vale ressaltar que ambas as modalidades, a fala e a escrita, são práticas igualmente eficazes para a construção textual e para a ampliação da capacidade argumentativa, linguística e crítica do aprendiz. Contudo devem de ser consideradas suas especificidades.

Neste sentido, buscamos a produção de arquivos de áudio, os *podcast*, resultantes da elaboração de um gênero oral -o *spot* radiofônico - a partir da releitura das músicas que compõem o repertório dos estudantes e, conseqüentemente, representam as marcas multiculturais de suas escolhas e apropriações de seus valores éticos e estéticos para veiculação na *radioblog* (suporte multissemiótico de diferentes gêneros, orais ou não).

Para a conceituação de *spot* na qualidade de gênero oral, tomamos como base alguns estudos, como os de Travaglia et al (2013), Dolz; Schneuwly (2004) e Marcuschi (2008) para essa classificação. Também é importante reafirmar que, segundo Bakhtin, gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciado; caracterizado pelo seu conteúdo temático, estilo e forma composicional; e situado em uma determinada esfera de comunicação.

Para Travaglia et al (2013), ainda que possa parecer simples, a conceituação dos gêneros orais é tarefa que requer análise e reflexão por parte daqueles que se propõem a estudar o assunto. Contudo, ele considera que este gênero é aquele que tem como suporte a voz humana e apresenta natureza oral em sua concepção, independentemente de versão

escrita: “Assim, por exemplo, a conferência ou a comunicação científica em eventos acadêmico-científicos podem ter uma versão escrita, mas foram produzidas para serem realizadas oralmente” (TRAVAGLIA et al, 2013, p. 4).

Por sua vez, segundo o autor, a simples leitura de texto (oralização) que não foi produzido para ser realizado na oralidade, não se constitui como um trabalho com os gêneros orais. Ele conclui que

Portanto, podem ser considerados gêneros orais também aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte. Estariam neste caso, entre outros, gêneros tais como: conferências; representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script; as notícias faladas em telejornais e no rádio que geralmente estão previamente redigidas; recontos (TRAVAGLIA et al, 2013, p. 5)

Dolz e Schneuwly (2004) conceituam como “escrita oralizada” o processo de utilização da fala mediante roteiro escrito, e de oral “espontâneo” aquele que representa uma fala improvisada. Contudo, os autores afirmam que a relação entre essas duas concepções de uso da fala, apresentam-se dentro de um contínuo, uma vez que

Existe uma gama quase infinita de variedade oral mais ou menos espontâneo, mais ou menos improvisado, mais ou menos preparado, com um grau de intervenção mais ou menos forte da escrita, que permanece sempre como uma referência direta ou indireta para os locutores alfabetizados (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 131).

Acerca do processo de oralização, Silva (1999) descreve que a intervenção da voz atribui características diferentes ao texto escrito. Além disso, a autora acrescenta que até mesmo um texto que não foi pensado em termos de oralidade, ao ser vocalizado, adquire materialidade e, portanto, identidade diferente (SILVA, 1999, p. 39).

Para o *spot* publicitário, assim como para basicamente todas as peças radiofônicas, a intervenção da voz significa conferir-lhe existência, realidade sônica, uma vez que ela dissolve tudo que é material em voz descorporificada, o que constitui a sua essência e significa sua possibilidade artística. A voz faz presente o cenário, os personagens e as intenções; a voz torna sensível o sentido da palavra, que é personalizada pela cor, ritmo, fraseado, emoção, atmosfera e gesto vocal (SILVA, 1999, p. 39-40).

Assim sendo, partiremos de um texto escrito (roteiro) para produção de um gênero oral (*spot* radiofônico), tendo em vista que sua concepção natural, no meio que o

exteriorizou (ambiente radiofônico), possui concepção oral, independentemente de uma versão escrita. (MARCUSCHI, 2008; TRAVAGLIA et al, 2013).

Finalmente, entendemos como profícuo um estudo que tem como esfera de circulação social ou domínio discursivo (MARCUSCHI, 2008), gêneros da esfera publicitária, tendo em vista que, como aponta Coscarelli (2016), a formação de leitores críticos, acarreta a formação de consumidores capazes de reconhecer diferentes estratégias de *marketing* nocivas à sociedade e “poderem refletir sobre o consumo excessivo, desnecessário e muitas vezes ostensivo e irresponsável, que pode ser gerado por aceitação não crítica de ações massivas de marketing” (COSCARELLI, 2016, p. 13).

4 PODCAST PARA RADIOBLOG – A VOZ DO ESTUDANTE: POR UMA PEDAGOGIA MULTILETRADA

Neste capítulo, abordaremos sobre a origem e especificidades do *podcast*, ressaltando também suas possibilidades enquanto tecnologia viável para a disseminação de saberes; e, finalmente, as considerações acerca da *radioblog* e seu caráter multissemiótico, multicultural e interativo.

4.1 Algumas considerações sobre o *podcast*

Com já afirmamos, a crescente utilização das NTIC, pela sociedade contemporânea, contribui para formas de aquisição e propagação de diferentes conhecimentos de modo cada vez mais fluido. Assim sendo, os textos apresentam caráter mais híbrido, associando sons, imagens, ícones, *links* e movimentos, produzindo constantes ressignificações.

Percebe-se que o conceito de letramento é muito abrangente e se altera conforme a sociedade vai se modernizando, como afirma Leu et al (2013 apud COSCARELLI, 2016, p. 17): “Ser letrado hoje não é garantir que seremos letrados amanhã, uma vez que as tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias”.

Com toda essa variedade de textos, e práticas de leitura, de produção e de acesso à informação, a escola atual necessita de uma prática docente ampliada na tentativa de dar conta dessas habilidades específicas que não podem continuar a ser ignoradas e que constituem os multiletramentos.

Desta forma, apresentamos nesta seção uma proposta de intervenção, à luz das teorias do multiletramentos, que parta da cultura de referência do alunado e oportunize formas de leitura crítica e produção textual de textos multimodais por intermédio das NTIC.

Essa proposta dar-se-á por meio da produção de gêneros textuais, atendendo às recomendações dos PCN, agregados a ferramentas digitais (*podcast*) e veiculados na *web* (*radioblog*).

Do ponto de vista técnico, podemos afirmar que o *podcast* é um programa de áudio, com gravação em *MP3*¹⁵, que pode ser ouvido *on-line*, por meio de *download* da *internet*, para reprodução em um aparelho de som digital da preferência do usuário (computador, celular, aparelho de som).

¹⁵ Trata-se de uma forma de compressão de áudio com perda mínima de qualidade de som.

Contudo, sobre a natureza do *podcast* enquanto ferramenta educacional, concordamos com Freire (2017), que a apresenta como um “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sobre demandas específicas e focados na reprodução de oralidade, também podendo veicular músicas/sons” (FREIRE, 2013b, p. 47 apud FREIRE, 2017, p. 56-57).

Ainda segundo o autor, por sua definição, o *podcast* pode ser confundido com um programa de rádio tradicional; contudo, ele se difere por suas especificidades, tais como: maleabilidade de transmissão (conteúdo acessado pela disponibilidade do usuário) e a praticidade de sua produção (bastando um computador e acesso à *internet*).

Ainda a respeito da abordagem educacional e linguística da ferramenta, encontramos a definição apresentada por Moura e Gribl (2012), que conceitua *podcast* na qualidade de gênero discursivo, com base nos elementos constitutivos do gênero bakhtiniano. Podemos notá-los no trecho em que os autores afirmam que

Os Podcast em Radioblog são gêneros discursivos, elaborados a partir da realização de enunciados situados em esferas de produção e que apresentam certa flexibilidade de estrutura (ou forma composicional), temas (conteúdo temático e apreciação de valores) e estilo (escolhas lexicais e estilísticas que são construtivas do sentido dos enunciados situados) (MOURA; GRIBL, 2012, p. 239-240, **grifo nosso**).

Com uma pesquisa nas ferramentas de busca da *internet* sobre o *podcasts*, encontramos áudios agregando textos de diferentes naturezas, uma vez que muitos *blogs*, de temáticas variadas, utilizam esses mecanismos indexados a suas páginas. Dessa forma, receita culinária, tutorais diversos, horóscopo, dicas de empreendedorismos, contos literários e uma infinidade de outros gêneros textuais são alguns dos exemplos encontrados, tão diversos quanto as múltiplas possibilidades dos textos que circulam em nossa sociedade.

Essa mesma pesquisa apontará também para alguns *sites* e *blogs* especializados em *podcast* que apresentam peculiaridades quanto à sua composição: constituídos de bate papo informal entre apresentador(es) e convidado(s); com a presença de uma abertura padrão, semelhantes a uma vinheta, para todos os episódios; giram em torno de um assunto comum e não apresentam um roteiro prévio.

Dessa forma, concordamos com Marcuschi (2003), em seu ensaio “*A questão do suporte dos gêneros textuais*”, “quando afirma que “todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado” (MARCUSCHI, 2003, p. 1).

Atrevemo-nos assim a acreditar que, se tomarmos o *podcast* pelos diferentes gêneros textuais que agrega, nós o veremos como suporte. Contudo, se analisarmos que ele obedece a uma organização e um determinado objetivo de produção, o veremos como gênero textual.

Portanto, não pretendemos esgotar a discussão acerca do tema gênero/suporte, uma vez que essa distinção é muito tênue; vide outros tais como *outdoor*, cartaz, dicionário, livro didático. Contudo, para efeitos de nosso estudo, tomaremos o *podcast* como ferramenta digital que serve como veiculação de diferentes gêneros textuais, ou seja, para nós o *podcast* é visto como suporte¹⁶ (MARCUSCHI, 2003).

4.2 *Podcast*: do surgimento às aplicações educacionais

Leo Lopes (2014) narra que, em 2004, as produções de arquivos de áudios, os *audioblogs*, não eram mais uma novidade e seguiam a mesma lógica dos programas de rádio. Contudo, para que o internauta pudesse dispor do seu conteúdo, era necessário acessar o *site*, fazer o *download* e, somente depois, ouvi-lo. Isso ocorria a cada nova edição, o que levou a uma busca pela automatização desse processo. Quanto a esse assunto, ele diz que

Com a profusão de aparelhos portáteis reprodutores de arquivos de áudio, notadamente os de formato *MP3*, surgiram várias novas ideias de como automatizar o acesso ao conteúdo de *audioblogs* e demais programas de áudio. O método que mais teve sucesso foi a possibilidade desse *download* ocorrer automaticamente através de programas chamados “agregadores”, utilizando uma tecnologia já empregada para *blogs*: o *RSS*¹⁷ (Really Simple Syndication) (LOPES, 2014, p. 14).

A ausência de maleabilidade ao acesso dos conteúdos dos *audioblogs*, que seguiam a estrutura dos programas de rádio tradicionais, impulsionou o “advento” do *podcast*; permitindo, assim, a recepção periódica e automática em seu conteúdo pelo sistema *RSS*, bem como, o acesso por meio de um *click* no *link* postado no *site* ou no *blog*.

Ainda segundo o autor, somente algum tempo depois, Adam Curry, *exDJ* da *MTV* e conhecido no meio como “pai do *podcast*”, criou uma forma de transferir esses arquivos

¹⁶ Observar a conceituação apresentada no capítulo anterior.

¹⁷ Abreviação de “*Really Simple Syndication*”, que significa “distribuição realmente simples”. Trata-se de uma ferramenta que permite a assinatura de conteúdos digitais periódicos, os quais são recebidos quando de sua atualização. A funcionalidade é utilizada costumeiramente para a assinatura de *blogs* e *podcasts*.

de áudio disponibilizados via *RSS* para um “agregador” – o *iTunes*¹⁸ – único capaz de alimentar os *iPods* (tocador de mídia da *Apple* época).

Foi pela marca, portanto, que se originou o nome *podcast*, junção do prefixo “*pod*”, oriundo de *iPod*, com o sufixo “*casting*”, originado da expressão “*broadcasting*”, que significa transmissão pública e massiva de informações.

Lopes (2014) afirma também que o *podcast* produzido nacionalmente se assemelhava em muito ao formato do norte-americano. Porém, a partir de 2005, ele ganha identidade própria e novos formatos aliados ao humor, técnica e efeitos sonoros voltados, principalmente, ao público mais jovem.

Para Freire (2017), o crescimento da produção de *podcasts* nacionais levou à formação da *Podosfera*, nome dado ao cenário do *podcast* brasileiro (FREIRE, 2017; LOPES, 2014).

Como afirmamos anteriormente, hoje é possível encontrar uma infinidade de *podcast* nacionais dos mais variados assuntos, voltados a todos os públicos, com conversas descontraídas, semelhantes a uma roda de amigos, porém sem descuidar da produção e dos detalhes com a técnica, roteiro, produção e divulgação¹⁹.

Quanto à temática e à composição dos *podcasts* que compõem a *podosfera* nacional, Lopes (2014) ressalta que a maioria dos *podcasts* brasileiros nasceu de iniciativas pessoais e são “voltados a nichos não valorizados pela mídia de massa” (LOPES, 2014, p. 12). Isso faz com que eles ofereçam possibilidades de acesso à comunicação de setores que outrora eram marginalizados, o que, para nós, se apresenta como dialógico às teorias dos multiletramentos.

4.3 O *podcast* como ferramenta de ensino

O *podcast*, como outras ferramentas tecnológicas, tem suas práticas intrinsecamente ligadas ao contexto social em que se insere. Abandonando, por ora, detalhes técnicos e históricos e nos detendo nas possibilidades educacionais da ferramenta, veremos que Freire (2013) afirma que o *podcast* interliga “pluralidades e possibilidades de expressão livre e

¹⁸ *iTunes* é um reprodutor de áudio (e vídeo, a partir da versão 4.8, chamado de *media player*), desenvolvido pela *Apple*, para reproduzir e organizar música digital, arquivos de vídeo e para a compra de arquivos de mídia digital.

¹⁹ Essas etapas que compõem a produção de um *podcast* serão melhor explicitadas no capítulo 6 desta dissertação, destinado à descrição da proposta interventiva.

ausência da hierarquia típica da separação entre falantes-produtores-e ouvintes-audiência, expediente regular das mídias comerciais” (FREIRE, 2013, p. 104).

Sobre a perspectiva do uso dessa ferramenta para fins educacionais, Freire (2017) expõe, ainda, que ela ocorreu após a associação entre o *iPhone* e o *podcast* por meio do *iTune*.

Esse aplicativo foi inaugurado em 2003 e reúne acervos das principais escolas e universidades do mundo, além de disponibilizar aulas e palestras de diferentes disciplinas por meio de *podcast* ou em vídeo.

O acesso ao *iTunes* chegou ao Brasil somente em 2011, contudo, o autor aponta que a utilização desse recurso pelas instituições brasileiras ainda é modesta, bem como o uso do *podcast* para esta finalidade. Quanto ao aplicativo, vale ressaltar que só está disponível para os usuários do sistema operacional *IOS*.²⁰ A esse respeito, entende-se que

A intensa participação mundial de instituições no *iTunes U* propicia a qualquer usuário da internet o acesso a aulas de universidades como Harvard e Cambridge, além de materiais de escolas, museus, livrarias e outras instituições relacionadas à educação. Diante do montante de mais de 75.000 arquivos disponíveis para download, em fevereiro de 2013, o *iTunes U* já havia superado a marca de um bilhão de downloads de materiais produzidos por mais de 800 instituições (WIKIPEDIA, 2013). O sistema em questão inaugurou o uso amplamente sistematizado da maleabilidade espacial e temporal do *podcast*. Essa característica subsidia uma das principais potencialidades de acréscimo educativo dessa tecnologia: a ampliação de tempos e espaços educacionais (FREIRE, 2017, p.62).

Finalmente, concordamos com o autor quando afirma que essa tecnologia “percorreu um caminho que a deixou próxima da educação, entretanto, ainda relativamente distante da escola” (FREIRE, 2017, p.16).

Diante do exposto, nos propomos a sua utilização por defendê-la como tecnologia que pode promover um ensino democrático, devido a sua fácil produção e distribuição, como veremos mais à frente, bem como ser um meio dialógico e propulsor de diferentes saberes.

²⁰ Corresponde ao sistema operacional da Apple.

4.4 Radioblog: a voz do estudante

Segundo Ribeiro e Bohadana (s/d), o termo *web 2.0* foi cunhado em 2004 por Tim O’Reilly e serve para designar o surgimento de uma nova geração de aplicativos de uso livre e gratuito que viabilizam a quaisquer pessoas a produção e o compartilhamento de ideias via *internet*.

Ainda de acordo com os autores, por meio da utilização dessa nova forma de tecnologia, passou a ser possível a construção de conteúdo, de forma individual ou colaborativa, sem a necessidade de conhecimentos aprofundados de tecnologias, tais como páginas de códigos e transferências de arquivo.

Todo este vasto aparato tecnológico e suas muitas aplicabilidades necessitam de uma abordagem significativa também no ensino formal, assim sendo, não se trata de educar para a tecnologia, mas sim, educar por meio dela.

Em conformidade com o exposto, entendemos como profícua a construção de um canal de diálogo com o aprendiz por meio do auxílio das ferramentas tecnológicas com as quais ele já dialoga, contudo, de forma sistematizada no sentido de oportunizar condições para que esse jovem se veja imbuído de competências críticas e seja construtor de seu próprio caminho comunicativo.

Desta forma, acreditamos que os estudantes possam desenvolver o papel de protagonistas por meio da produção de uma *radioblog* para a veiculação de suas produções, oriundas de suas próprias experiências e apreciações culturais.

Para Moura e Gribl (2013), a *radioblog* apresenta o hibridismo de dois meios comunicativos: o rádio e o *blog*; e apesar de carregar algumas características de seus meios originais, apresentam variações próprias quando apresentados sob a forma do *podcast*, dentre eles a periodicidade de atualização de informações assíncronas e a vinculação em diferentes espaços de circulação, tanto *online* em rádios, *blogs*, *sites*, *You Tube*, *Instragram*, *Facebook*, quanto por meio de *download*, em quaisquer dispositivos móveis.

Ainda segundo os autores, a natureza do *radioblog* possibilita a disseminação de diferentes vozes, dentre elas a “cultura local e global, oficial e marginal” (MOURA E GRIBL, 2013, p. 243), trafegando, entre os espaços das rádios oficiais e comunitárias apesar de seu caráter de cultura independente.

Cabe ressaltar que tomamos os *blogs* como espaço de divulgação de ideias e opiniões individuais ou coletivas que permitem ao *radioblog* uma apresentação particular nas relações de tempo e espaço: o da *internet*, blogosfera²¹ e das redes sociais.

Sob o ponto de vista educacional, propomos a criação de uma *radioblog* como suporte do gênero *spot* em formato de *podcast*, tendo em vista a facilidade de sua aplicação, acesso democrático, ferramentas gratuitas para sua hospedagem e a diversidade de linguagens possíveis de serem exploradas advindas do contexto sociocultural dos estudantes.

Pensando nisso, acreditamos que a *radioblog* possa cooperar para um aprendizado mais crítico, interativo e multimodal, apresentando uma nova visão acerca da educação voltada para a formação de cidadãos, nativos digitais que necessitam desses multiletramentos para uma real inserção à nova sociedade em que convivem.

²¹ Espaço de vinculação dos *blogs*.

5 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Neste capítulo, é apresentado o método utilizado neste trabalho; a saber, a pesquisa (THIOLLENT, 1985), bem como os procedimentos para o seu desenvolvimento. Para tanto, foram detalhados os passos seguidos para sua aplicação, pautados na fundamentação teórica e nos objetivos pretendidos por esta pesquisa.

5.1 Contexto da pesquisa e seus participantes

Este estudo tem como tema a produção do gênero textual *spot* para *radioblog* e teve como público-alvo uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, regularmente matriculada no ano de 2017 em escola da rede pública do Distrito Federal e contou com a participação de 33 estudantes.

A escolha de uma única turma se deu pelo fato de neste ano a professora-pesquisadora lecionar em turmas de séries distintas: uma do 9º ano e as demais do 6º ano. Levando em conta o tema por nós abordado, os objetivos propostos e a necessidade de sistematização das atividades, com vistas a uma maior uniformidade, a turma do 9º ano foi selecionada.

Nossa pesquisa partiu da hipótese de que um protótipo de ensino que englobe o estudo do *spot* como gênero textual, a partir de apreciação e reflexão sobre as diferentes influências que permeiam o repertório musical do educando, pautado na pedagogia dos multiletramentos, é relevante para as aulas de LP.

Nosso foco está embasado no desenvolvimento das competências textuais, discursivas e linguísticas dos estudantes, bem como para a ampliação de sua criticidade. Consequentemente, acreditamos que o nosso produto de pesquisa poderá auxiliar os professores de LP e as disciplinas afins com uma proposta de atividade que engloba multiculturalismo, multimodalidades e NTIC.

O presente trabalho foi aplicado em um Centro de Ensino Fundamental localizado em condomínio residencial, localizado em Santa Maria, região administrativa do Distrito Federal, que possui uma história que se confunde com a do local.

O atual bairro, antigo residencial, foi construído inicialmente para atender aos familiares da Força Aérea, sendo inclusive o prédio do colégio de propriedade do Ministério da Aeronáutica, cedido à Secretaria de Educação do Distrito Federal por meio de convênio.

Com o tempo, o residencial passou a ser habitado também por civis. Apesar do aumento da população ocorrido nos últimos anos, a localidade possui menores índices de analfabetismo, maiores rendas *per capita* e, conseqüentemente, menor vulnerabilidade social, se comparada às suas imediações.

A comunidade escolar é bastante heterogênea do ponto de vista social e econômico, uma vez que atende a estudantes de bairros com realidades muito distintas, como os demais bairros de Santa Maria-DF e também a alunos não residentes no Distrito Federal, as chamadas cidades do entorno de Brasília, pertencentes a municípios do estado de Goiás.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Instituição em que a professora-pesquisadora leciona tem como princípios a liberdade, a autonomia, a flexibilidade e a democracia e apresenta, como diretrizes,

- ✓ Igualdade de condições para acesso e permanência na escola;
- ✓ Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- ✓ Pluralismo de ideias e concepções pedagógicas;
- ✓ Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- ✓ Gratuidade do ensino público;
- ✓ Valorização do profissional da educação escolar;
- ✓ Gestão democrática do ensino público, na forma da lei e da legislação do sistema de ensino;
- ✓ Garantia do padrão de qualidade;
- ✓ Valorização da experiência extracurricular;

Nesse contexto, a escola apresenta o cenário ideal para a reflexão sobre o multiculturalismo, aliado a um currículo que dialoga com a liberdade de criação, com o pluralismo de ideias e com o respeito às diferenças, princípios norteadores desta pesquisa.

5.2 Métodos da pesquisa: a pesquisa-ação

Esse trabalho teve sua metodologia apoiada nas concepções da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985). Dentre os fatores que influenciaram esta escolha, destacamos a natureza de construção do objeto como resultado de processos constatados na prática e suas diversas formas de ações coletivas e de interação entre professor-pesquisador e demais membros integrados ao processo.

A pesquisa-ação, segundo definição de Thiollent (1985, p.14),

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução em estreita associação de um problema coletivo e no qual os pesquisadores

e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo operativo ou participativo.

Segundo essa concepção, para que uma pesquisa logre êxitos, como ponto de partida, faz-se necessária a identificação do problema, seguida do planejamento de estratégias para a estruturação de uma proposta de intervenção que envolva todos os participantes de forma ativa e colaborativa.

Optamos por essa abordagem por considerá-la ideal para o contexto escolar, como aponta Tripp (2005, p. 4): “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Ainda segundo o autor, a pesquisa-ação obedece a um ciclo de investigação e ação em torno de um determinado problema, representada basicamente por avaliar, planejar, agir e descrever.

Ou seja, ela é uma metodologia que sai do campo unicamente teórico e apresenta uma aplicação prática, orientada por meio de um trabalho colaborativo que se distancia das aulas tradicionais centradas na unilateralidade de conhecimentos e práticas interventivas.

Nesse panorama, a pesquisa-ação tem como aplicabilidade a reflexão sobre uma dada situação social que envolve um determinado grupo de pessoas. Desta forma, a participação e a colaboração de todos os agentes envolvidos, (em nosso caso, são os discentes e o docente) permitem promover uma transformação no ambiente e, sob a ótica educacional, a construção de novos saberes.

5.3 Instrumentos de coleta e análise dos resultados

Para a coleta e o registro de dados, ou seja, para a obtenção das informações sobre a pesquisa por nós realizada, utilizamos três instrumentos distintos: gravação das exposições orais realizadas pelo celular da professora-pesquisadora; registros realizados pela docente e pelos outros participantes em um diário de campo, com o objetivo de contribuir para a análise dos resultados da presente pesquisa, e a aplicação de questionário investigativo, doravante QI²².

O QI foi construído para analisar e coletar alguns dados sobre as diferentes influências do gênero música no cotidiano do estudante e das relações dialógicas dessas

²² Apresentado na íntegra na descrição do protótipo didático (item 6.1).

preferências em relação ao contexto social do educando. Este instrumento contou com 20 questões de composição mista, divididas em questões abertas, questões fechadas e questões dependentes (Gil, 2008). Esse questionário teve como objetivo coletar o maior número de informações dentro do menor tempo possível, como forma de investigar sobre a viabilidade da temática pretendida na proposta de intervenção em relação ao público-alvo.

Para a análise dos resultados, optamos pelo método qualitativo e método quantitativo. Contudo, ressaltamos que nossa atenção recaiu de forma especial aos aspectos qualitativos, tendo em vista que, assim como afirma Gil (2008), uma análise baseada na pesquisa-ação apresenta procedimentos analíticos essencialmente qualitativos.

A análise do QI levou em conta aspectos quantitativos, apresentados em forma de tabelas e gráficos, dos itens mais relevantes para a análise pretendida. Já a percepção qualitativa dos dados obtidos pelo QI teve como objetivo analisar as possíveis influências culturais e sociais que constituíram as apreciações musicais dos estudantes, bem como aspectos referentes à utilização das NTIC no contexto escolar.

Thiollent (1985) afirma que, na pesquisa-ação, o questionário não é suficiente para as investigações, assim sendo, é necessária uma função argumentativa para dar relevo e conteúdo social às interpretações. Desta forma, optamos pela análise qualitativa dos registros em áudio, armazenados, via celular, e anotações realizadas pelos discentes e pela docente no diário de campo, que foram relevantes para posterior análise dos resultados da aplicação, tendo vista ter auxiliado na busca pelas respostas das questões de pesquisa.

5.4 Procedimentos metodológicos

Após a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos/CEP-UFU, a proposta foi apresentada à coordenação pedagógica da escola, que aceitou sua aplicação.

O passo seguinte foi uma reunião com os estudantes do 9º ano e seus respectivos pais e/ou responsáveis, com o objetivo de que todos pudessem ter conhecimento sobre as características e o objetivo da proposta para, assim, autorizarem, ou não, a participação dos estudantes. Após a autorização, os responsáveis tiveram conhecimento e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de caráter obrigatório para participação dos estudantes.

O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para o menor²³ foi entregue também para todos os estudantes que desejaram participar da pesquisa, tendo em vista seu caráter não obrigatório, contudo, pertinente ao PPP da escola, aos documentos oficiais e às necessidades pedagógicas do educando.

Após o cumprimento dessas etapas introdutórias, o próximo passo foi a aplicação da proposta interventiva, sendo ela denominada Protótipo Didático (doravante PD), de caráter qualitativo, composto por atividades sistematizadas para a leitura crítica, a produção e a divulgação do gênero textual proposto.

Cabe ressaltar que o PD foi escolhido por ser uma proposta, segundo Rojo (2012), de “estrutura flexível e vazada que permite modificação por parte daqueles que queiram utilizá-la em outro contexto que não o da proposta inicial” (ROJO, 2012, p. 8) para composição do material destinado ao ensino-aprendizagem do gênero.

A proposta foi aplicada em um total de 20 aulas de 50 minutos cada, sendo a maioria delas aulas duplas. Os encontros aconteceram de forma intercalada entre sala de informática e sala de aula e nos horários de LP nos quais a professora-pesquisadora era regente.

O passo a passo das atividades que compõem o PD está explicitado no capítulo a seguir: Protótipo didático para elaboração de *spot* para *podcast* e aponta para um estudo sistematizado do gênero textual *spot*, com vistas à leitura crítica e à produção textual, embasadas na teoria dos multiletramentos (ROJO, 2012).

²³ Os modelos dos termos estão no anexo desta dissertação.

6 PROTÓTIPO DIDÁTICO (PD) PARA A ELABORAÇÃO DE *SPOTS* PARA *PODCAST*

Neste capítulo, apresentaremos a constituição das atividades do Protótipo Didático, doravante PD, indicando os procedimentos necessários para a aplicação delas. Vamos mostrar, também, os recursos tecnológicos e gráficos utilizados e os gêneros textuais usados no desenvolvimento de cada encontro.

6.1 O Protótipo Didático – PD

Entendemos que, quando uma pessoa seleciona algo para ouvir, seja música, seja notícia, sejam sons de instrumentos, normalmente isso ocorre por conta de uma semelhança identitária com o objeto selecionado. Ou seja, o sujeito, até mesmo de forma inconsciente, leva em consideração a sua história de vida, a sua formação intelectual, a influência do ambiente em que vive, as suas raízes no ato de tomar decisões, de formular ideias, de fazer escolhas, de construir sua visão de mundo, de definir aspirações.

Dessa maneira, partimos da exploração prévia do conhecimento da turma em relação ao gênero textual conhecido como *spot*, fazendo uma sondagem inicial a respeito do entendimento deles acerca desse gênero. Em seguida, procedemos à produção/elaboração de textos do gênero *spot* em *podcast*, os quais foram veiculados em uma *radioblog*, criada por eles.

Concordamos com Marcuschi (2002) que o ensino de Língua Portuguesa se torna mais significativo por meio dos gêneros textuais. A esse respeito, o autor afirma que: “Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociolinguística numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

As atividades que compõem o PD foram idealizadas para que pudessem ser realizadas durante 12 encontros, sendo cada um deles com duração de duas aulas de 50 minutos²⁴, totalizando, assim, 24 aulas.

O objetivo dessas atividades foi o de identificar o tipo de música que os estudantes apreciavam, para depois inserir o estudo sistematizado do gênero proposto nesta pesquisa

²⁴ Houve flexibilidade quanto ao período de realização do Protótipo Didático, uma vez que a aplicação dele dependeu também das demandas da escola e das respostas dos estudantes às atividades.

com o intuito de que fossem reconhecidos os vários estilos musicais, diferentes ritmos e gostos presentes no cotidiano dos jovens.

Já que um dos focos deste trabalho consiste em levar o estudante a refletir e a expressar opiniões a respeito de suas apreciações musicais, esperamos que o jovem seja, efetivamente, o protagonista do processo de ensino-aprendizagem. Acreditamos, também, que essas atividades representam uma estratégia eficiente para o desenvolvimento do senso crítico do aluno e um caminho possível para a produção de textos do gênero *spot* como forma de oportunizar maneiras ao discente de ampliar sua capacidade argumentativa, crítica, reflexiva e transformadora.

A partir dessa concepção de ensino-aprendizagem, ocorre modificação no espaço escolar, que passa a ser considerado um ambiente propício para que se possa falar, manifestar pensamentos e também ser ouvido. A fim de que esses objetivos fossem alcançados, sistematizamos as atividades do PD e apresentamos o planejamento em forma de cronograma descrito a seguir:

Quadro 3 – Cronograma das atividades do Protótipo Didático (PD).

ENCONTRO	ATIVIDADE
1 (2 aulas)	“Vamos falar de música?”
2 (2 aulas)	“Que rádio você ouviu?”
3 (2 aulas)	“Que som toca no seu rádio?”
4 (2 aulas)	“O som do meu som!”
5 (2 aulas)	“A hora da escrita: vamos comentar?”
6 (2 aulas)	“A hora do gênero: oi.... <i>spot</i> o quê?”
7 (2 aulas)	“Mãos à obra!”
8 (2 aulas)	“ <i>Podcast</i> : um mundo todo no seu rádio!”
9 (2 aulas)	“Silêncio... gravando!”
10 (2 aulas)	“A edição: cortes e recortes.”
11 (2 aulas)	“Acorde na sala!”
12 (2 aulas)	Avaliação da atividade.

Fonte: Elaboração própria.

Os encontros foram voltados para a leitura, para a compreensão e para a produção do gênero textual *spot*. Novamente buscamos reforço em Marcuschi (2008), ao afirmar que

o “estudo com gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais” (MARCUSCHI, 2008, p. 151).

Nesse panorama, descreveremos, a seguir, cada uma das atividades que compõem esse PD.

6.1.1 Atividade 1 – “Vamos falar de música?”

O primeiro encontro compreendeu a apresentação da proposta para os estudantes, nos cinquenta minutos iniciais. Esse momento por nós mediado, a fim de que fossem expostos os objetivos do presente trabalho e os produtos esperados como resultado da aplicação das atividades do PD.

Na sequência, foi realizada uma sondagem inicial por meio de questionário investigativo, constituído por questões fechadas e por questões abertas e entregue em versão impressa para preenchimento pelos estudantes ao término dos dois horários reservados para essa atividade.

Os estudantes foram orientados a resolver os itens no prazo de trinta minutos e devolvê-los em seguida. Essa medida foi necessária a fim de que pudéssemos coordenar uma breve discussão oral com a turma, cujo ponto de partida foi o item 1 do referido questionário: “Você gosta de ouvir música?”. Consideramos que esse seja um dos aspectos fundamentais dessa atividade.

Nessa conversa com os alunos, pretendemos realçar a temática que permeia toda a nossa proposta e serve de construto para a produção do gênero *spot*: a relevância da música para a vida dos estudantes e as diferentes influências socioculturais refletidas na formação musical desses jovens.

Quadro 4 – Questionário Investigativo.

1) Você gosta de ouvir música?

2) Em uma escala de 01 a 05, que nota você atribui à importância da música para você, sendo 05 para a mais importante e 01 para a de menos importância.

3) Em que circunstâncias você escuta música?

() Enquanto estuda.

() No caminho de casa para escola (ou outro lugar).

Após ter terminado as atividades na sala de aula.

Quando vai dormir.

Quando realiza outras atividades.

Quais?

4) Quais aparelhos você utiliza para ouvir música?

Rádio.

Mp3 *player* /*ipad*.

Celular.

Aparelho de som doméstico.

Computador.

Videogame / TV.

Outros.

Quais?

5) Como você conhece músicas novas?

pelo rádio.

em apresentações ao vivo na TV ou shows.

pela internet (vídeo /áudio / redes sociais).

com os amigos.

6) Qual seu estilo de música favorito?

7) Você se considera “fiel” ao seu estilo de música favorito? Justifique a resposta.

8) Suas preferências musicais mudam dependendo da situação ou do momento em que você se encontra? Caso sim, explique.

9) Quais os motivos pelos quais você fez a escolha do seu estilo musical favorito, ou seja, quais as influências recebidas?

10) Seus amigos mais próximos, ou familiares de sua idade, têm gosto musical semelhante ao seu?

Sim, a maioria de nós tem gostos parecidos .

Poucos amigos e parentes. Tenho um gosto incomum ao das pessoas que convivem comigo

11) Na questão anterior, caso sua resposta tenha sido NÃO, você sabe dizer o motivo que leva seus amigos ou parentes mais próximos a terem preferências musicais diferentes da sua?

12) Se a sua resposta à questão 10 for negativa, você acredita ser possível que seus amigos ou parentes mudem de opinião acerca do estilo de música escolhido por você? Explique.

13) Existe algum estilo de música de que você não gosta? Em caso afirmativo, especifique-o.

14) Você acredita que poderia modificar sua opinião quanto ao estilo musical de que não gosta? Explique por quê.

15) Qual a melhor forma de você conseguir ouvir uma música que deseja, mas ainda não dispõe dela?

- Baixa pela internet no celular.
- Compra o CD.
- Baixa pela internet e armazena no PC.
- Outra forma.

Quais?

16) Para qual finalidade você usa por mais tempo seu celular?

- Fazer ligações telefônicas.
- Acessar redes sociais.
- Acessar o *whatsapp*.
- Baixar e ouvir músicas.
- Jogar.
- Mandar mensagens de texto
- Outros.

Quais?

17) Você já usou o celular durante as aulas a pedido do professor para fins de pesquisa ou como auxílio aos estudos? Em caso afirmativo, relate sua experiência, detalhando o objetivo do uso, da disciplina em questão, além de outros aspectos que queira realçar.

18) Você achou válida a experiência do uso do celular com o objetivo de aprendizagem? Justifique a resposta.

Fonte: Elaboração própria.

Os questionários foram recolhidos ao fim deste encontro com a finalidade de que os dados coletados pudessem ser computados e apresentados aos alunos no segundo encontro.

Para finalizar o encontro 1, reproduzimos o áudio da música “Certas canções”, do compositor e intérprete Milton Nascimento. Os estudantes também receberam a letra impressa para acompanhar a audição e refletir a respeito do conteúdo retratado nesse texto.

Quadro 5 – Letra da música “Certas canções”, de Milton Nascimento.

Certas canções que ouço
Cabem tão dentro de mim
Que perguntar carece
Como não fui eu que fiz?
Certa emoção me alcança
Corta-me a alma sem dor
Certas canções me chegam
Como se fosse o amor
Contos da água e do fogo
Cacos de vida no chão
Cartas do sonho do povo
E o coração do cantor
Vida e mais vida ou ferida
Chuva, outono ou mar
Carvão e giz, abrigo
Gesto molhado no olhar
Calor que invade, arde, queima e encoraja
Amor, que invade, arde, carece de cantar.

Fonte: Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/certas-cancoes.html>>. Acesso em: 22 jun 2017.

6.1.2 Atividades 2 – “Que rádio você ouve?”

O segundo encontro foi iniciado com a apresentação, sob a forma de *slides* em *PowerPoint*, do resultado da pesquisa realizada por meio do QI. Logo depois, solicitamos que fossem feitos comentários pelos alunos que desejassem se manifestar acerca dos dados coletados.

Em seguida, convidamos a turma para retornar à letra da música “Certas canções”, entregue no encontro anterior, para procedermos à discussão a respeito de seu conteúdo. Nesse momento, foi importante nossa mediação, como forma de oportunizar que os estudantes pudessem revelar suas opiniões, ouvir a dos outros, concordar ou discordar delas.

Exploramos em seguida aspectos relativos ao universo social do alunado com base nas informações coletadas nas questões presentes no QI aplicado no encontro 1. Para isso, dirigimos à turma alguns questionamentos:

- ✓ Você tem o hábito de ouvir rádio? Com que finalidade o faz? Em que circunstâncias?
- ✓ Você utiliza outros aparelhos eletrônicos para ouvir música? Quais são eles?
- ✓ Você conhece a história do rádio? Sabe quando ele surgiu e quem o inventou?
- ✓ Desde a época do surgimento do rádio até os dias atuais, que tipos de mudanças ocorreram nesse meio de comunicação?
- ✓ Além da reprodução de músicas, que outras funções podem ser atribuídas ao rádio?
- ✓ O rádio, no âmbito das comunicações, ocupa papel de destaque?
- ✓ Em sua opinião, com o surgimento de novas tecnologias, o rádio corre o risco de desaparecer?
- ✓ As rádios têm independência na seleção de seu repertório ou sofrem alguma “pressão” comercial, midiática ou de natureza externa para tocarem sempre as mesmas músicas?

À medida que as respostas foram surgindo, indicamos um aluno para registrar, em seu caderno, duas ou três falas dos estudantes para cada questionamento feito como forma de coletar material para proceder à análise dos resultados.

Logo após encerrarmos esse momento de troca de ideias, iniciamos a introdução do conceito de *blog*. Para iniciar a conversa, a primeira pergunta foi: “Você sabe o que é *blog* e para que ele serve?”

Depois de ouvidas algumas opiniões - e registradas pelo aluno responsável por essa tarefa -, exibimos um vídeo em que há uma explicação a respeito desse recurso. Após a conclusão, retomamos a palavra e explanamos sobre o assunto.

Quadro 6 – Box explicativo sobre o *blog*.

Logo que foi criado, o *blog* servia como um espaço individual na *web*, uma espécie de diário virtual, no qual o autor registrava informações atualizadas a respeito de si mesmo, sugeria *sites* ou *links* que ele considera interessantes e instrutivos, além de reservar espaço para que o leitor pudesse deixar comentários ou fazer sugestões. Com o passar do tempo, ele foi perdendo esse *status* personalizado e pessoal, e passou a veicular notícia, temas específicos de determinada área de conhecimento, além de se constituir de um lugar para fins educacionais, de divulgação artística, de cultura em geral.

Texto adaptado pela professora pesquisadora, com base nas informações contidas no *site* <<https://www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/>>. Acesso em: 13 mai 2017.

Figura 2: Página de abertura do vídeo.



Disponível em: <<https://youtu.be/gnJUqYeFRpE>>. Acesso em: 14 abr 2017.

Com o intuito de verificar se houve assimilação do conteúdo por parte da turma, dirigimos aos alunos algumas questões com a intenção de fixar as características desse tipo de recurso de comunicação no meio virtual.

- ✓ O que é um *blog*?
- ✓ Você tem hábito de acessar *blogs*?
- ✓ Em caso afirmativo, que temáticas mais atraem a você?

Após essa conversa com os estudantes a respeito do conteúdo do vídeo, perguntamos à turma o que resultaria da junção de um *blog* com uma rádio para iniciarmos a apresentação do conceito de *radioblog*.

Ouvimos todas as opiniões dos estudantes que quiseram se manifestar sobre o tema e fizemos, também, anotações de algumas respostas a fim de que elas pudessem ser utilizadas na análise dos resultados.

E, com o intuito de reforçar a definição desse novo suporte de gênero, exibimos dois vídeos (doravante V1 e V2), apresentados por um comunicador renomado no meio radiofônico, Julinho Mazzei²⁵ Nesses vídeos, ele traça novos caminhos para a rádio em consonância com a perspectiva da *internet*. Mazzei também tece críticas a respeito da massificação desse meio de comunicação frente a uma consolidação das “músicas mais tocadas” ou de autores já consagrados, ou seja, das “músicas da moda”.

A apresentação desses vídeos teve a finalidade de ampliar o conhecimento do estudante a respeito do tema rádio, trazendo um pouco de história e dos caminhos desse meio de comunicação (desde o seu surgimento até a atualidade). Além disso, torna-se possível suscitar questões que possibilitem reflexão crítica acerca das influências comerciais que permeiam sua programação, sejam elas explícitas ou não.

No quadro a seguir, é possível acompanhar algumas informações adicionais sobre o radialista que reforçam sua visão sobre a necessidade de autonomia desse importante meio de comunicação.

Quadro 7 – Box com informações adicionais sobre o radialista.

Para o radialista, as rádios nacionais não permitiam muito espaço para quem consumia música nova, principalmente as oriundas de outros países. O Brasil, na década de 80, vivia um bloqueio político às importações, o que o isolou do restante do mundo. Já nessa época, Mazzei era radialista, mas incomodado com os moldes da rádio brasileira. Ele reinventou a rádio FM brasileira, comandando programas que influenciaram um grande número de DJ's, os quais iniciavam a carreira nessa época. Julinho tornou-se referência, pois abriu espaço, na sua rádio, para a divulgação de músicas de gêneros variados, de artistas pouco ou quase nada conhecidos. E, pouco tempo depois, o locutor se mudou

²⁵ Julinho Mazzei é um dos mais importantes comunicadores da atualidade e criador de antológicos programas de rádio. Atualmente é o responsável pela criação e pela montagem de sua própria rádio – A Radio Blog, disponível em: <<https://www.radioblog.com.br>>. Acesso em: 17 jun 2017.

para Nova Iorque, de onde passou a comandar um programa alternativo, recheado de novidades, com uma programação totalmente diferente das rádios tradicionais.

Fonte: Adaptado pela pesquisadora do site <www.cxradio.com.br/radio/blog-julinho-mazzei>. Acesso em: 15 jun 2017.

Após essas exposições, retornamos à conversa inicial deste encontro, como forma de verificação do alcance do objetivo proposto, ou seja, o de ressaltar o importante papel desenvolvido pela rádio na história das comunicações, sua autonomia e sua função na era digital. E, para apresentar um exemplo de *radioblog*, apresentamos a *interface* da Radio Blog de Julinho Mazzei.

Figura 3: *Interface* do site de Julinho Mazzei.



Fonte: Disponível em: <<https://www.radioblog.com.br>>. Acesso em: 17 jun 2017.

Para encerrar esse encontro, propusemos à turma a criação de uma *radioblog*, uma vez que, por meio desse suporte, seria possível aos estudantes a divulgação de conteúdos culturais. Desta forma, reiteramos que esse canal oportunizaria a exibição de diferentes vozes e estilos musicais, tendo nos estudantes seus exclusivos produtores, na escola e para além do ambiente escolar. Para tanto, informamos que esse espaço seria uma mescla entre as características do *blog* e de uma rádio, apresentadas nas últimas atividades, veiculado na *internet*.

Aproveitamos também para reiterar que as etapas que levariam à *radioblog* seriam graduais e que os estudantes teriam o conhecimento acerca delas durante a aplicação do PD.

6.1.3 Atividade 3 – “Que som toca no seu rádio?”

Este encontro foi dividido em duas partes, sendo a primeira com a participação individual do estudante, e a segunda, de forma coletiva. Para iniciar essa etapa, cada jovem recebeu uma folha impressa com duas tabelas contendo espaços para que eles selecionassem três estilos e/ou ritmos musicais de sua preferência; na segunda, pudessem indicar cinco músicas e o nome dos respectivos cantores/bandas.

Quadro 8 – Lista de estilo e de ritmo preferido pelo aluno.

	Estilo	Ritmo
1		
2		
3		

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 9 – Lista de música e de respectivo cantor ou banda.

	Música	Cantor/Banda
1		
2		
3		
4		
5		

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, os estudantes se reuniram em grupos de até cinco componentes, dispostos em círculos para que pudessem apresentar para os colegas a sua lista de preferências, seguida de breve explicação do motivo dessa escolha.

Esse foi um momento de descontração, de troca de opiniões, de bastante discussão em torno do assunto. Consideramos pertinente oportunizar formas de o aluno revelar suas preferências e compartilhar suas ideias com outros da mesma faixa etária. Consistindo também, em uma ocasião propícia para se promover o respeito pelas opiniões divergentes.

Assumimos, assim, o papel de mediação com o mínimo de interferências possíveis, limitadas a orientações gerais, ao controle do tempo e, quando necessário, à reiteração do caráter de respeito e de aceitação pelas diferenças, característica fundamental deste trabalho.

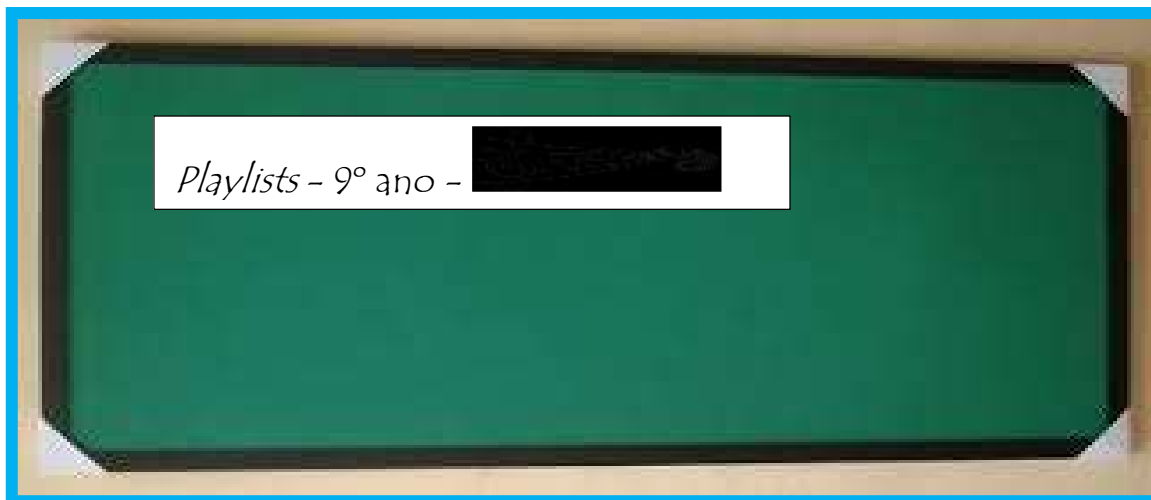
Assim que encerramos as discussões em grupo, solicitamos que cada aluno devolvesse sua *playlist* para que pudéssemos analisá-las e até mesmo, na medida do possível, ouvi-las, mas avisamos que elas seriam devolvidas no encontro seguinte.

6.1.4 Atividade 4 – “O som do meu som!”

Esse encontro foi iniciado com a devolução das listas recolhidas no encontro anterior. Em seguida, foi iniciada uma exposição oral para quem quisesse apresentar sua *playlist*, desta vez, para a turma inteira. Além disso, incentivamos a que todos fizessem comentários sobre essas escolhas, ainda que breves, como forma de incentivar uma maior participação de todos.

Finalizada a parte dos comentários verbalizados oralmente, interrompemos as falas e solicitamos que cada aluno anexasse a sua *playlist* no mural da sala de aula. Dessa maneira, todos poderiam ter conhecimento das preferências e dos gostos de todos os colegas de forma mais ampla.

Figura 4: Mural com as *playlists* elaboradas pelos alunos.



Fonte: Elaboração própria.

Esse mural foi uma estratégia para que a turma pudesse ter uma noção das preferências musicais do colega, mesmo que essa relação de músicas não estivesse nominalmente identificada. Nosso papel durante essa exposição foi apenas o de acompanhar essa movimentação, uma vez que nosso principal objetivo era o de que eles conversassem sobre suas preferências de forma mais autônoma possível.

Tendo em vista que a diversidade de gostos e opiniões foi muito marcante nesse momento, aproveitamos a oportunidade para reiterarmos acerca da presença das diversidades presente em todos os segmentos da sociedade, sejam elas, culturais, étnicas, linguísticas que compõem nossa cultura e fazem-na tão rica e plural.

Desta forma, acreditamos que esse espaço de conversa informal com a turma representou um fio condutor para conscientizar os estudantes sobre a importância do respeito ao outro. Após esse momento de interação, retomamos à formação original da sala em círculo e levantamos alguns questionamentos:

- ✓ As pessoas com as quais você convive possuem gosto musical parecido com o seu?
- ✓ Caso sim, qual a natureza dessa influência (pais, irmãos, amigos de ambiente externos, amigos próximos, pessoas conhecidas pela *internet*, proximidade) na formação do seu gosto musical?

- ✓ Analise qual o perfil social dessas pessoas que influenciam seus gostos musicais, tais como idade, escolaridade (e demais relações que o estudante julgar relevantes).
- ✓ Quem você considera o maior influenciador na composição de seu repertório musical?
- ✓ Você imagina que, se vivesse em outro local ou tivesse outro grupo de amigos, poderia possuir diferentes preferências musicais?
- ✓ E quanto à sua turma, há alguma *playlist* escolhida por outro colega que jamais poderia fazer parte de seu repertório musical? Por quê?
- ✓ Caso tenha respondido “sim” para o questionamento anterior, você crê que possa mudar sua opinião ao ser apresentado à visão do seu colega sobre a *playlist* dele?
- ✓ Como você lida com essa diferença de gostos e de opiniões?

Essas são algumas perguntas que foram direcionadas ao grupo, sem que necessariamente um estudante fosse obrigado ou convidado a responder. Elas serviram como motivação para que os alunos pudessem expressar suas opiniões para os colegas.

Incentivamos a participação de um maior número possível de integrantes e ressaltamos que as escolhas e os gostos musicais deles seriam respeitados, uma vez que não existem preferências melhores que outras e todas representam a identidade cultural e a visão de mundo deles.

Desta forma, esse momento promoveu uma reflexão a respeito das influências (sociais, regionais, familiares, midiáticas) que compõem as preferências desses jovens, sejam elas estabelecidas de forma consciente ou inconsciente, sejam frutos do meio em que convivem ou não.

Finalmente, nosso papel foi o de conduzir essas exposições orais de maneira organizada e com respeito pelo turno de fala do outro²⁶, visando ao maior aproveitamento do tempo e ao bom encaminhamento das discussões, evitando que se tornasse um processo demasiadamente demorado, enfadonho ou desorganizado.

Finda essa parte de conversas e de troca de impressões entre os componentes de classe, recolhemos as *playlists* expostas no mural da escola e o caderno, no qual um dos alunos registrou algumas falas dos discentes durante as discussões coordenadas em sala.

²⁶ Organização do momento de fala entre os interlocutores (MONTEIRO, 2013).

6.1.5 Atividade 5 – “A hora da escrita: vamos comentar?”

A fundamentação teórica das atividades aqui apresentadas parte das ideias de Dolz e Schneuwly (2004, p. 46) acerca do agrupamento de gêneros para a construção de uma progressão. Ou seja, segundo os referidos autores, o ser humano possui a capacidade de se apropriar de um gênero que, se desenvolvido, conduz ao conhecimento de outro, e de outro, e de outros. Dessa forma, chega-se ao domínio das competências leitoras e produtoras, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita.

Essas são condições essenciais para o indivíduo aprimorar a sua capacidade de leitura e escrita, por meio das várias formas de letramento, necessárias para o ser humano sobreviver no mundo em que símbolos gráficos precisam ser de conhecimento amplo da comunidade social.

Após toda essa preparação nos encontros já realizados, chega a hora de apresentarmos a proposta de trabalho: a produção de uma *radioblog*. Para isso, iniciamos com a exploração dos conhecimentos prévios de cada um sobre as informações já transmitidas durante as aulas anteriores e, até mesmo, pela formação estrutural do próprio termo.

Uma vez que já foram promovidas discussões a respeito dos textos veiculados em *radioblog*, chega a hora de explorarmos um gênero muito utilizado atualmente, nos mais diferentes níveis de monitoramento e contextos - o comentário.

Pedimos aos estudantes que se reunissem em grupo, conforme suas afinidades e/ou possíveis curiosidades musicais consolidadas nos encontros anteriores. Esclarecemos também que eles poderiam trabalhar sozinhos, caso desejassem. Logo após a formação dos grupos, foi a vez da negociação para escolha da temática, limitada a uma única por grupo, e composta de ritmo, ou música, ou artista para compor o gênero comentário.

Esclarecemos que o comentário deveria ser o resultado da percepção crítica quanto às preferências musicais e articulado por meio dos conhecimentos do grupo em relação ao artista, ao estilo e/ou à música selecionada, tecendo opiniões, fazendo críticas, apresentando aspectos positivos.

Trata-se, em verdade, de construir argumentos que estejam bem fundamentados e consistentes. Para tanto, os estudantes precisam empregar os elementos textuais apropriados para esse gênero – comentário –, de modo que o leitor possa perceber claramente sua posição sobre o tema abordado.

Inicialmente esse texto foi entregue na modalidade escrita para que tivéssemos conhecimento da estrutura e do conteúdo do trabalho de cada equipe e pudéssemos fazer possíveis interferências e/ou correções.

Após a escrita, os comentários passaram pela nossa correção para que pudéssemos verificar o conhecimento dos estudantes sobre as regras escritas da língua, adequando a linguagem ao destinatário e ao veículo de comunicação. A construção dessa argumentação também é fundamental, pois revela a capacidade do estudante de defender seu posicionamento, justificando suas afinidades musicais.

Os comentários devidamente corrigidos foram devolvidos aos estudantes para que fossem verbalizados para a turma, a fim de que fossem desenvolvidos elementos inerentes à fala, tais como pausa e entonação com vistas a anteciparmos algumas características do gênero textual *spot*, abordado no encontro seguinte.

6.1.6 Atividades 6 – “A hora do gênero! *Spot* o quê?”

Concordamos com as ideias de Bakhtin (1997), de Bronckart (1999), dos PCN (1998) e de outros autores que afirmam que todo texto se organiza dentro de determinado gênero e em função das suas intenções comunicativas e das condições de produção. Por essa razão, optamos pelo gênero *spot* radiofônico para trabalharmos a produção de texto com os alunos do 9º ano. Essa decisão se fundamentou no fato de esse se constituir de um gênero relativamente recente e ser veiculado, principalmente, em mídias eletrônicas, às quais os jovens têm frequente acesso.

Ressaltamos assim a relevância do ensino da Língua Portuguesa pautada em um gênero, com a finalidade de desenvolver as competências argumentativas, elaborando textos escritos que apresentem coerência, coesão, linguagem apropriada ao contexto em que foram veiculados.

Confirmamos também que tanto o conhecimento do gênero *spot*, bem como o do entendimento das ferramentas eletrônicas conhecidas *podcast* e da *radioblog* era uma novidade para a maioria dos alunos, que até tinham algum conhecimento sobre alguma delas, mas não haviam realizado uma atividade sistematizada voltada para os aspectos que abordamos.

Nosso intuito era abranger e explorar o conteúdo temático da música escolhida pelo estudante (o que é possível ser dito); a estrutura composicional (particularidades do gênero) e o estilo (configuração da linguagem), além de suas condições de produção.

Para iniciar a explanação a respeito do gênero *spot* e das suas peculiaridades, apresentamos alguns *slides* em forma de *PowerPoint*.

Nesse momento, os estudantes foram convidados a fazer anotações a respeito do tema abordado. No primeiro *slide*, apresentamos a questão: “*Spot... o quê?*”? Entendemos que poderemos despertar a atenção dos estudantes para conhecerem melhor o gênero.

Figura 5: *Slide1* – Introdução ao gênero.



Fonte: Elaboração própria.

No quadro seguinte, foi apresentada a imagem de um microfone utilizado em transmissões radiofônicas como forma de inserirmos a noção do gênero *spot* como gênero veiculado na rádio.

Figura 6: *Slide 2* – ilustração.



Fonte: Disponível em: <https://www.radioabc.com.br/radio-tem-87-de-alcance-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 22 de nov. de 2017.

O próximo passo foi a apresentação do conceito do gênero textual *spot*, acompanhado do exemplo como forma de sua assimilação. Esse momento demandou um tempo significativo para que a noção do gênero textual, seu processo de produção, sua finalidade e a temática nele abordada fossem construídos de forma adequada.

Figura 7: *Slide 3* – Definição do gênero *spot*.

SPOT PARA RADIOBLOG

“O *spot* é um texto publicitário para transmissão radiofônica que pode ter fundo musical ou efeitos sonoros, mas a força da mensagem está centrada na palavra falada.”

Rabaça e Barbosa , **Dicionário de comunicação**, Rio de Janeiro, 1878,p.478

Fonte: Elaboração própria a partir de Rabaça e Barbosa (1987).

Figura 8: *Slide 4* – Exemplo de anúncio publicitário.

COMPRE BATOM!



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sBWu7ibZDVg>

Fonte: Adaptado pela pesquisadora.

Figura 9: *Slide 5* – cópia na modalidade escrita do anúncio “*Compre Batom*”.

-Amiga dona de casa olhe fixamente nesse delicioso chocolate. Toda vez que a senhora sair com seu filho, vai ouvir minha voz dizendo: “compre Batom, compre Batom, seu filho merece Batom”. Agora a senhora vai acordar! Mas vai continuar ouvindo minha voz: “Compre Batom, compre Batom”

Fonte: Adaptado pela pesquisadora a partir do anúncio publicitário “Compre Batom.”

Com o intuito de verificar a assimilação do que é um texto dessa natureza, questionamentos foram dirigidos à turma.

Quadro 10 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 1 a 5.

1. Qual a finalidade do texto apresentado?
2. De que forma estavam organizadas suas principais características? (verbos no imperativo, vocativo, adjetivos)
3. Era possível entender a mensagem somente pela audição ou se faz necessária a presença de imagem?
4. Quanto a sua origem, podemos dizer que se trata de um anúncio exclusivamente radiofônico?

Fonte: Elaboração própria.

É importante ressaltar que neste momento foram explorados os aspectos linguísticos presentes do texto, diretamente ligados ao gênero em questão, dentre eles a presença de verbos no imperativo “compre”, a repetição intencional da oração “Compre Batom” e a aproximação entre locutor e interlocutor por meio do vocativo “Amiga dona de casa”.

Também foi fundamental evidenciar os elementos de criatividade para produção do convencimento e assimilação da mensagem passada para o público em geral, enfatizando

a importância de que o anúncio fosse estruturado por meio de mensagens simples e objetivas.

Após essa análise, reiteramos que, quanto à natureza do exemplo apresentado, não se tratava de *spot*, originalmente, tendo em vista sua natureza televisiva. Contudo, atendia às características do gênero proposto, uma vez que sua mensagem estava baseada na modalidade falada, não sendo necessárias adaptações para sua veiculação radiofônica.²⁷

Feitos esses esclarecimentos fundamentais para o desdobramento das atividades seguintes, exibimos um comercial muito visto na década de 1990 do Guaraná Antártica. Propositadamente, os alunos só ouviram o áudio, logo em seguida, apresentamos o vídeo completo com imagem e áudio.

Aproveitamos essa exibição para verificar quem conhecia esse anúncio publicitário de grande repercussão em âmbito nacional, apresentar o conceito de *jingle* e dar embasamento aos estudantes para que começassem a diferenciar o *spot* das demais peças publicitárias.

Desta forma, este exemplo foi utilizado para estabelecer um paralelo entre os dois tipos distintos de textos veiculados em mídias cujos recursos estão centrados no uso da imagem e do som.

Figura 10: Slide 6 – Exemplo de *jingle* .



Fonte: Elaboração própria a partir de :<
<https://www.youtube.com/watch?v=XCVzgwu7qFg>.

²⁷ Este aspecto será mais bem explorado na sessão referente à análise e ao tratamento dos resultados.

Figura 11: *Slide 7* – Cópia na modalidade escrita do *jingle* “Pipoca com guaraná”.

PIPOCA E GUARANÁ (JINGLES)	Eu quero ver pipoca pular (pipoca com guaraná)
Pipoca na panela Começa a arrebentar Pipoca com sal Que sede que dá	Quero ver pipoca pular, pular Soy loca por pipoca e guaraná
Pipoca e guaraná Que programa legal Só eu e você E sem piruá! Que tal?	Ah, ah, Guaraná!
Quero ver pipoca pular (pipoca com guaraná)	Disponível em: https://www.letras.mus.br/jingles/972792/

Fonte: Adaptado pela pesquisadora a partir do *jingle* Pipoca com guaraná.

Após essa exibição, sistematizamos o que já foi apresentado e promovemos uma discussão coordenada para troca de opiniões e/ou conhecimentos.

Figura 12: *Slide 8* – Pausa para reflexão.



Fonte: Elaboração própria.

A seguir, listamos algumas questões que serviram como pontos de partidas para a discussão coordenada.

Quadro 11 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 6 a 8.

1. Os dois exemplos podem ser exibidos tanto na televisão quanto no rádio sem alterações?
2. Busque em sua memória um ou mais exemplos de anúncios publicitários que você tenha visto na televisão. Eles poderiam ser apresentados em rádio, com a feitura de algumas adaptações?
3. Caso você tenha ouvido rádio recentemente, você se recorda de algum anúncio, nela exibido, que também seja veiculado na televisão?

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, a turma foi questionada sobre as diferenças existentes entre um anúncio de natureza televisiva e um anúncio de natureza radiofônica e, para exemplificação, apresentamos o áudio de uma campanha publicitária do chocolate “Tortuguita” como forma de fixação das diferenças existentes entre um anúncio televisivo e um anúncio radiofônico (*spot*).

Figura 13: *Slide 9* – anúncio televisivo X anúncio radiofônico.



Fonte: Elaboração própria.

A exibição foi dividida em dois momentos, o primeiro apenas com a audição e, o segundo, com a exibição do vídeo completo para que os estudantes pudessem perceber a necessidade, ou não, do imagético para a compreensão da mensagem destes exemplos.

Figura 14: *Slide 10* – Anúncio comercial “Tortuguitas”.



Fonte: Elaboração própria a partir de <https://www.youtube.com/watch?v=dmGLIMzvaSs>.

Figura 15: *Slide 11* – Cópia na modalidade escrita do anúncio comercial “Tortuguitas”.

Tartaruga 1: -Ué, por que nossas cabeças não entram no nosso casco?
Tartaruga 2: -Por que nosso casco esta cheio de recheio, estúpida
Tartaruga 1: Ah, pensei que nossa cabeça é que fosse cheia de recheio
Tartaruga 2: Não, a nossa cabeça é de chocolate, estúpida!
Tartaruga 1- (NHOC *mastiga*)
Tartaruga 1: Tem razão, hein As nossas cabeças são de chocolate, estúpida!
Tortuguitas Gody, com recheio de morango, chocolate e baunília Pra voce comer devagar e sempre.

Fonte: Elaboração própria a partir do anúncio “Tortuguitas”

Após os alunos acompanharem as duas exibições, direcionamos alguns questionamentos para saber as impressões dos estudantes sobre o exemplo proposto.

Quadro 12 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 9 a 11.

1. Foi possível entender que produto está sendo anunciado somente na segunda audição?

2. E após a segunda exibição?
3. Quais recursos utilizados em sua composição além dos sonoros?
4. Qual a importância da imagem para a construção de sentido da propaganda?
5. Podemos afirmar que o exemplo apresentado é um “*spot*”? Justifique.
6. Qual a finalidade dos exemplos apresentados até o momento?

Fonte: Elaboração própria.

Após a apresentação desses conceitos e diferenciações introdutórias sobre a natureza televisiva e/ou radiofônica e a composição por meio de músicas ou palavra falada e demais elementos estruturais envolvidos nesse tipo de texto, chegamos ao momento de explorar as diferentes finalidades do anúncio oral *spot* radiofônico.

Para isso, dois *spots* foram exibidos aos estudantes: “Consumo consciente de água” e “Não estrague a primeira impressão”, seguidos da entrega de seus roteiros como forma de apresentar as distintas finalidades inerentes ao gênero: vender um produto ou vender uma ideia.²⁸

Figura 16: *Slide 12 – Spot “Consumo consciente/economize água”.*



Fonte: Elaboração própria a partir de https://www.tce.mt.gov.br/tvcontas/play/id_midia/22435/tipo/institucional.

²⁸ Apesar da diferenciação entre anúncio publicitário - que divulga uma informação - e propaganda - que vende algo, optamos por não explorar esses dois conceitos de forma isolada, uma vez que o *spot* possui a denominação genérica de “anúncio radiofônico” ou “peça publicitária”, englobando essas duas finalidades.

Figura 17: *Slide 13* – Cópia na modalidade escrita do *spot* “Consumo consciente/economize água”.

(Efeitos sonoros diversos, trilha autoral de fundo, som de água pingando, barulho de válvula de descarga, som de torneira sendo fechada...)

“Você sabia que 37% de toda água que produzimos é desperdiçada e que o Brasil perde R\$ 8 bilhões de reais por ano com o desperdício? Porém, com atitudes simples, podemos reverter esta situação: fechando bem as torneiras depois de lavar as mãos, você pode economizar até 80 litros de água, evite pressionar a válvula de descarga sem necessidade. Viu? Você pode fazer bonito!

Tribunal de Conta do Mato Grosso, ISO 5001 pela eficiência energética.

Você economiza água, o planeta agradece!

Fonte: Elaboração própria a partir do *spot* “consumo consciente/economize água”

O último *spot* que compõe esse encontro foi o “Não estrague a primeira impressão”. Ele foi apresentado em outra dinâmica de exibição: primeiramente composta de seu título e uma imagem associada a ele com o intuito de estimular a troca de informações e possíveis inferências dos estudantes acerca da temática nele abordada.

Somente após essa reflexão, o vídeo foi apresentado na íntegra, acompanhado da leitura de seu roteiro. Isso foi feito para que os estudantes pudessem perceber uma quebra de expectativa quanto à imagem e ao título apresentados e à audição acompanhada, em seguida, da leitura do roteiro.

Figura 18: *Slide 14* – *Spot* “Não estrague a primeira impressão”.



Fonte: Elaboração própria a partir de https://www.youtube.com/watch?v=jZ0_nspDf3Y.

Figura 19: *Slide 15* – Cópia na modalidade escrita do *spot* “*Não estrague a primeira impressão*”.

Loc1- (Voz masculina jovial em interpretação de empolgação levemente moderada)
 “No dia em que eu a conheci foi um susto, não pude mais esquecer. Foi tudo muito rápido, coisa de cinema. Em pouco tempo já estávamos deitados juntos, as pessoas nos observavam surpresas e tentavam entender como tudo aconteceu, este dia nunca mais saiu da minha cabeça.”
 (Efeitos) Grito feminino, buzina, derrapada de um carro e a batida.

Loc. 2- (Voz masculina/tom de seriedade)
 “Tiago foi responsável pela morte de Júlia, em 2 de abril de 2013. retação de seriedade. Tiago foi responsável pela morte de Júlia, em 2 de abril de 2013.”

NÃO ESTRAGUE A PRIMEIRA IMPRESSÃO. SE BEBER, NÃO DIRIJA. UMA CAMPANHA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, GOVERNO FEDERAL.

Fonte: Elaboração própria a partir do *spot* “*Não estrague a primeira impressão*”.

Reiteramos a relevância de critérios de escolha lexical, da criatividade, dos recursos sonoros, da originalidade que fazem com que um *spot* alcance seu objetivo de vender uma ideia ou um produto com mais eficácia. Assim sendo, começamos a familiarizar os estudantes com a ideia de roteiro que sistematizasse as falas gravadas nos *spots*.

Direcionamos, em seguida, um momento para a reflexão acerca da temática, finalidade, estrutura composicional, estilo e condições de produção dos dois últimos exemplos com questões direcionadas aos estudantes, dentre elas, destacamos:

Quadro 13 – Questionamentos realizados após as apresentações dos slides 12 a 15.

1. Qual o objetivo dos *spots* apresentados?
2. Qual o seu público-alvo?
3. Que outros recursos, além da fala, foi utilizado para atrair a atenção do ouvinte?
4. Que elementos estruturais se distanciam ou se aproximam dos exemplares apresentados
 - a) Linguagem simples, fluida e criativa;
 - b) Informações para defender o ponto de vista;
 - c) Qualidades para vender um produto.

Fonte: Elaboração própria.

Para encerrar a apresentação dos *slides*, retomamos o conceito do gênero textual *spot*, ressaltando muitos dos aspectos apresentados nesse PD.

Figura 20 – *Slide 16* – Resumo das características do gênero *Spot*.



Fonte: Elaboração própria.

Assim concluímos a etapa referente à apresentação do gênero no tocante ao seu conceito, aplicabilidade, principais características e demais aspectos textuais inerentes ao gênero. Sabemos que ainda há muito para ser investigado sobre o *spot* e que a sistematização de seu ensino não se encerra nessas atividades, tampouco na conclusão deste trabalho.

6.1.7 Atividade 7 – “Mãos à obra!”

Após o encontro 6 destinado aos aspectos teóricos do gênero, é chegado o momento de estruturarmos a produção escrita dos textos autorais²⁹ dos estudantes e fixação das características que compõem um *spot* de qualidade.

Dessa forma, entregamos para cada aluno uma folha impressa, contendo algumas orientações para a produção de um roteiro e uma atividade com audição, leitura e análise de um roteiro pronto.

²⁹Por texto autoral, ou gêneros autorais, referimo-nos à produção do *spot* pelo aluno em sala de aula.

Para a resolução da atividade, é importante que os estudantes ouçam ao áudio do *spot* que integra o exercício como forma de facilitar a percepção das especificidades desse anúncio, que foi produzido para promover um determinado restaurante especializado em culinária japonesa.

Ao término da aula, dentro do tempo previsto, o material foi recolhido para nossa posterior avaliação e análise.

Quadro 14 – Atividade 1 – Audição, leitura e análise de roteiro.

Atividade 1- Audição, leitura e análise de roteiro.

1- Leia atentamente as informações abaixo e, em seguida, faça o que se pede.

✓ Um roteiro bem elaborado é aquele que contém informações relevantes a respeito do conteúdo do anúncio, seja ele um produto a ser comercializado ou uma ideia a ser difundida. Para isso, é importante que se atente para a finalidade, para o público destinatário, para a linguagem utilizada – coerente com a situação comunicativa –, formas de alcance, dados que comprovem a veracidade do tema proposto.

✓ Na elaboração do roteiro, é preciso primar pela originalidade e abusar da criatividade, elementos essenciais para chamar a atenção do ouvinte.

✓ Faz-se também necessário que se tenha cuidado quanto à qualidade da gravação e da edição, o que ocorre por meio de atenção a detalhes, tais como as músicas de fundo, os efeitos sonoros, a entonação da voz dos locutores, a interpretação da mensagem transmitida.

2- Observe os passos abaixo para a resolução da atividade:

a) Spot do anúncio do restaurante Zanmai.

Disponível em: <<http://www.audiofive.com/estudio-de-audio-publicitario/>>. Acesso em: 12 abr 2017.

b) Apresentação do roteiro escrito do spot.

“Som de música japonesa ao fundo. Som de batida no gongo (usado para anunciar o horário da refeição).

Locutor (imitando a maneira de um japonês falar Português): Você sabe como “fara” eu quero comida japonesa de verdade com preço muito bom? Você “terefona”, acessa o site ou baixa aplicativo, né? (Risadinhas.)

Narrador: Zanmaidelivery: a verdadeira culinária japonesa com preço justo. Ligue 3644-4000. Acesse zanmaisushi.com.br.

Locutor: Mais fácil que pedir em japonês, né?”

3- Após a escuta do áudio e da leitura do roteiro escrito, responda às questões propostas

a) O anúncio do restaurante pode considerado um *spot* ou um *jingle*? Fundamente a resposta com base nas informações transmitidas pela professora e pelos conhecimentos adquiridos.

- b) Qual é a finalidade do anúncio em análise?
- c) A que tipo de público o anúncio pretende atingir?
- d) Qual o nome da empresa anunciante? A que ramo ela pertence?
- e) Quanto à apresentação do spot, que elementos não podem faltar em sua composição?
- f) Que outros recursos, além do texto, foram anexados ao anúncio?
- g) Qual a importância dos elementos citados no item anterior para a construção de sentido do gênero?
- h) Que características são essenciais para a composição de um spot ser eficiente em seu objetivo de vender um produto ou de promover uma ideia

Fonte: Elaboração própria.

Como forma de fixar as características que fazem de um *spot* uma peça publicitária eficaz, os estudantes foram encaminhados à sala de informática para que pudessem acessar alguns endereços eletrônicos³⁰ sugeridos por nós, que apresentam outros exemplares desse gênero. Contudo, os estudantes tiveram a liberdade de explorar a *internet*, fazendo suas próprias buscas.

Também foi pedido aos estudantes que anotassem quaisquer características que lhes chamassem a atenção ou suscitassem alguma espécie de dúvida.

Na aula seguinte, demos continuidade ao exercício iniciado na aula anterior referente à produção escrita do roteiro de um *spot*. Para tanto, apresentamos vários exemplos do gênero a fim de que houvesse a fixação das características desse tipo de texto.

Foram exibidos três *spots* radiofônicos com diferentes temáticas: o primeiro, intitulado “Sinal aberto para a vida”, que é uma campanha realizada pela Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes da prefeitura de Piracicaba³¹ (SEMUTTRAN) a respeito da importância do uso de cinto de segurança; o segundo trata da questão do desmatamento da Amazônia e foi idealizado por uma turma do primeiro semestre do curso de Rádio e TV da Universidade Anhembi Morumbi em junho de 2010, cujo título é “Um jogo diferente”³² e a última exibição é uma campanha do Governo Federal que alerta para a importância da reciclagem de garrafas plásticas: “Separe o lixo e acerte na lata”³³.

³⁰ Alguns endereços sugeridos por nós: <http://www.teletronix.com.br/blog/5-spots-de-radio-que-ficaram-famosos/>; <http://www.audiofive.com/estudio-de-audio-publicitario/> e disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UXcg1qX07S8>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=cfG-zy7W-8U>>. Acesso em: 16 jun; 2017.

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gbB9OmV8gzc>>. Acesso em: 16 jun 2017.

³² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZ0JGXH2fz0>>. Acesso em: 16 jun 2017.

³³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UXcg1qX07S8>>. Acesso em: 16 jun 2017.

Quadro 15 – Questionamentos direcionados à turma para resposta oral ou escrita.

1. O que está sendo anunciado nos três exemplares do gênero (uma ideia ou um produto)?
 2. Qual o objetivo (vender, conscientizar, promover uma determinada instituição)?
 3. Qual o público-alvo (específico ou geral)?
 4. Que outros recursos sonoros são utilizados nos spots além da fala de narrador (som de buzina, apito, plateia, motosserra, trechos de músicas, entre outros)?
 5. Que efeitos esses sons produzem para os ouvintes e se esses efeitos têm relevância para reforçar a mensagem?
- ✓ Com a audição foi possível entender a mensagem passada por seus produtores ou é necessário o auxílio de imagens?
 - ✓ Foi idealizado para execução em que suporte? Que elementos te levaram a essa conclusão?

Fonte: Elaboração própria.

A professora ouve as respostas, faz as ponderações necessárias e encerra o momento elaborando, com a turma, uma conclusão a respeito dessa conversa.

Após ouvirmos as considerações dos estudantes, a Atividade 2 lhes foi entregue, em folha impressa, como forma de explorar as especificidades de um roteiro voltado para a gravação radiofônica.

Esse roteiro compõe o trabalho de conclusão da disciplina Produção Publicitária em Rádio de uma turma de Publicidade e Propaganda da UFC e chama atenção para o abandono do Complexo Vila das Artes, responsável pelo ensino e difusão das artes na capital cearense.

Quadro 16 – Atividade 2 – Características do roteiro de *spot*.

Atividade 2- Características do roteiro de spot

a) Leitura do roteiro: A dança

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/expocom>>.

Duração: 37”.

Fade in.

TEC.: Música de balé (piano) – permanecer durante todo o spot.

LOC. 1: - Um e dois e três e quatro. Cuidado com a goteira...

TEC.: Som de goteira.

LOC. 1: - Sete, oito... pode escorregar! E um e dois, rodopiou. E cinco, segura na barra, não deixa ela cair! Segura com força, gente tá caindo! E sete e oito e gira, gira, salta, chão.

TEC.: Som de chão de madeira se quebrando.

LOC. 2: - Queremos fazer arte direito. Fortaleza precisa da Vila das Artes.

Fade out.

b) Algumas técnicas para composição de um roteiro de spot

Locução: Locutor e/ou personagens – (Loc1, Loc2...)

Trilha sonora: A trilha pode ser pesquisada ou composta. Trilha pesquisada são trilhas que já existem e estão disponíveis para compra ou gratuitas na internet.

Trilhas compostas são àquelas produzidas por quem faz o spot.

Técnicas - Efeitos Sonoros: efeito de chuva, telefone tocando, batida na porta, palmas, gargalhadas

Background (BG)-Som de fundo do Spot.

Fade in (FI) - Som começa baixo e vai aumentando o volume.

Fade out (FO) – Som começa alto e vai baixando o volume.

Locução off - Locutor que está fora da cena. (narrador).

Fonte: Adaptado pela pesquisadora, com base em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/expocom/>.

Esta segunda atividade trouxe orientações técnicas para a elaboração sugestões de recursos usados na construção do *spot*. Solicitamos a um aluno que, voluntariamente, fizesse a leitura oral do texto e aproveitamos a ocasião para comentar esses termos e esclarecer as dúvidas que foram surgindo.

Também alertamos que essas informações seriam necessárias para a produção dos *spots* autorais, conforme as nossas orientações e a compreensão dos estudantes sobre cada uma das etapas que compuseram esse PD.

Em seguida, os estudantes receberam a atividade 3, que correspondia a um anúncio comercial para a promoção de uma supercola de marca bastante conhecida³⁴. Este anúncio narra a quebra de um abajur, colado pela supercola; e tem, como pano de fundo, uma partida de futebol.

³⁴Disponível em: <www.fca.pucminas.br/radio/wp-content/.../04/roteiro_de_spot_para_radio_002.do>. Acesso em: 17 set. 2017.

No roteiro, há apenas a narração original e espaços em branco no local destinado à inserção dos efeitos sonoros. A tarefa do aluno consistia em preencher cada lacuna, levando em conta a compreensão dele a respeito da estrutura composicional, da temática, da finalidade, do suporte e de demais especificidades do gênero.

Quadro 17 – Atividade 3 – Roteiro de *spot*.

Locução	Recursos sonoros e técnicos
<p>Locutor esportivo (narra como futebol): Rex entra pela porta da cozinha. Penetra na sala balançando o rabinho por entre as pernas da Maria. Contorna a mesa, escorrega no tapete verde, evita a cristaleira, a Maria retorna para a marcação! Olha o agarra-agarra!</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>Ele é esperto! Saltou no sofá, tocou de primeira no abajur, vai cair! Caiu!</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>Locutor esportivo (narra como futebol): Que cachorrada!</p>	<hr/> <hr/> <hr/>
<p>Locutor esportivo (narra como futebol): Mas Maria está tranquila. Coloca uma gotinha de SuperBonder no ponto de ruptura.</p>	<hr/> <hr/> <hr/>
<p>Locutor esportivo (narra como futebol): Atenção! Vai colar! Juntou! Coloooo!!! SuperBonder! A cola que cola como nenhuma outra cola!!!</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Fonte: www.fca.pucminas.br/radio/wp-content/.../04/roteiro_de_spot_para_radio_002.

A verificação desta atividade foi realizada em conjunto, para que os estudantes tivessem a oportunidade de trocar informações, sugestões e, finalmente, o esclarecimento de eventuais dificuldades relativas às características ou intencionalidade do gênero.

O próximo passo consistiu nas negociações entre os estudantes, com relação à formação dos grupos para a produção do gênero. Para tanto, explicamos que os jovens teriam a liberdade de optar entre trabalhar individualmente em ou grupos, bem como fazer a escolha da temática que comporia suas produções, fossem elas música, estilo/ritmo ou artista.

Também ficou a critério do grupo a escolha da quantidade de narradores, do número de *spots* gravados e demais etapas referentes ao trabalho.

Buscamos, nesse momento, dentre outros aspectos, reforçar as relações de respeito e a aceitação de diferenças. As “negociações” para a formação dos grupos permitiram também a busca por outras afinidades e pela ampliação do conhecimento sobre os gostos e as diversas concepções musicais dos colegas de classe.

Após a formação dos grupos e a escolha das temáticas, os estudantes procederam à definição do papel de cada um dentro da *radioblog*, desde a pesquisa, à produção da escrita³⁵, passando pelos processos técnicos de gravação e de edição, até o momento de sua veiculação na *web*.

Devido às especificidades de cada uma das etapas que integram essa composição, foi necessário que os estudantes combinassem entre si (utilizando os critérios que achassem mais convenientes) o papel de cada integrante para a composição do gênero.

Tomamos o cuidado de ressaltar que se tratava de um trabalho coletivo, imbuído de responsabilidade e de respeito. Após a definição de quais integrantes participariam da gravação como narradores, bem como cada papel desempenhado por eles após a captação de áudio, prosseguimos para a próxima etapa: a produção do roteiro.

Para encaminharmos essa etapa, primeiramente, retomamos a leitura dos comentários produzidos na atividade 5 desse PD, como forma de relembrar os temas debatidos por eles na primeira produção e compará-los com as características do gênero proposto para o trabalho: o *spot*.

Lembramos aos estudantes o objetivo da composição do gênero: produzir um anúncio radiofônico (*spot*) para promover, apresentar seu “som”, seja ele uma determinada música, ritmo, estilo musical, cantor, que compõem o repertório musical desse jovem e, conseqüentemente, venha a integrar à *playlist* da *radioblog*.

³⁵ Apesar da distribuição de diferentes atribuições a cada participante dos grupos, todos os integrantes foram incentivados a participar da escrita do roteiro.

O próximo passo foi levar os estudantes à sala de informática para que lá eles pudessem, em grupo ou individualmente, pesquisar na *internet* sobre a(s) temática(s) escolhida(s) para aprimoramento dos conhecimentos e como auxílio na produção escrita.

Em seguida, houve a produção do gênero, que levou em conta as especificidades do gênero. Para tanto, foi importante a articulação de todos os conhecimentos das aulas anteriores na composição do gênero, como a escolha vocabular e a utilização de estratégias argumentativas voltadas para o público-alvo e para os objetivos comunicativos, tais como frases simples, criativas, objetivas e persuasivas, que produzissem impacto nos ouvintes.

Outro aspecto importante, explorado nesse momento, foi o de ressaltar aos estudantes que se tratava de um texto escrito para “oralização” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Sendo assim, a importância de lê-lo em voz alta para sincronizar voz e efeitos sonoros e perceber os efeitos da entonação, prosódia, expressividade, dicção, clareza, entre outros aspectos primordiais para a gravação do roteiro.

Após a escrita, passamos para o momento de revisão. Sugerimos, então, que os grupos se fizessem algumas perguntas, dentre elas: “O que eu quero dizer?”, “Para quem quero dizer?”, “Por que quero dizer?”, “E, por fim, atingi meu objetivo nesse *spot*?”

Após essa revisão, fizemos nossas considerações, visando a pequenos ajustes na produção dos estudantes. Contudo, tomamos o cuidado para interferir o mínimo necessário no estilo e nas escolhas desses jovens para a composição dos roteiros.

Assim que a turma respondeu a essas e a outras questões acerca do roteiro a ser gravado, no encontro seguinte, apresentamos à classe a ferramenta tecnológica para agregação do nosso gênero: o *podcast*.

6.1.8 Atividade 8 – “*Podcast*: um mundo todo no seu rádio!”

Este encontro foi destinado à apresentação do *podcast* para os estudantes, ou seja, da ferramenta digital de gravação de áudio, relativamente nova, capaz de abrir um leque de possibilidades discursivas, nos mais diferentes temas, com um único clique.

Mas antes da introdução do assunto propriamente dito, fizemos a sondagem acerca do conhecimento prévio dos estudantes sobre a ferramenta por meio de alguns questionamentos.

- ✓ Você já ouviu falar ou sabe dizer o que é *podcast*?
- ✓ Tem ou já teve acesso a algum?

- ✓ Caso sim, qual a temática nele abordada e suas principais características?

O próximo passo consistiu na apresentação de um vídeo explicativo do canal *YouTube*, elaborado pela equipe do *blog Spartancast*³⁶.

Esse vídeo, de curta duração, menos de cinco minutos, apresentou, em linhas gerais, o que é um *podcast*, como é veiculado, sua utilidade e as ferramentas necessárias para acessá-lo.

Figura 21: Imagem da página de abertura do canal do *Spartancast*



Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QvCTXJu8wFw>>. Acesso em: 15 jun 2017.

Essa exibição teve por finalidade uma maior apropriação sobre essa ferramenta, o que leva para o próximo passo: justificar essa escolha para comportar e reproduzir o gênero *spot* realizado pelos estudantes, levando em conta a simplicidade de seu manuseio, bem com baixos custos. Segundo Lopes (2014, p. 72),

Com um computador doméstico, um microfone e softwares de edição de áudio, o *Podcaster* grava e edita seu programa, salva como arquivo em formato MP3 e o disponibiliza em sites indexados aos agregadores. O usuário faz o *download* do arquivo para o computador podendo transferi-lo para seu tocador de MP3 ou celulares.

Outra característica do *podcast*, que fundamentou esta escolha, foi o respeito à diversidade de conteúdos que essa ferramenta pode agregar, uma vez que, basta uma busca simples na *web* para encontrar os mais diferentes *sites* e *blogs* com *podcasts* de naturezas

³⁶ O blog é especializado em assuntos de saúde na web aborda a temática por meio de artigos, depoimentos, entrevistas e podcasts, entre outros.

distintas, compondo bate-papos ou instanciando textos de diferentes gêneros textuais (contos, resenhas, receitas, tutoriais).

Também ressaltamos que, quanto à sua composição, o *podcast* apresenta um “padrão” definido, diferentemente de outras mídias, devido ao seu caráter flexível. Porém, alguns passos deveriam ser observados para a sua composição, independentemente do formato ou do conteúdo nele executado. São eles: produção, gravação, edição e publicação.

Para chamar a atenção dos estudantes para a necessidade de um trabalho elaborado na composição do *podcast*, e iniciar à sua produção, demos início à leitura coletiva de um prefácio – com adaptações e impresso- presente no livro *Podcast-Guia prático* (LOPES, 2014), escrito por Billy Umbrella:

Quadro 18 – Trecho do prefácio do livro *Podcast – Guia Prático*.

Podcast.

Quem diria que essa pequena palavra, a junção de *iPod* com “broadcast”, chegaria tão longe.

O que era novidade em 2004/2005 agora é muitíssimo mais do que só o nome pomposo. Qualquer áudio distribuído via RSS é um *podcast*.

Porém, na minha opinião, qualquer “play ” que você dê em qualquer áudio na *internet* que não seja uma música é um *podcast* (os puristas vão me matar, mas hoje em dia não temos mais lugar pra puristas de conceito, né? Ainda mais quando falamos de distribuição de mídia via internet).

E é aí que a coisa pega.

No “qualquer áudio”.

Não é porque é “qualquer áudio” que ele deve ser um “áudio qualquer”.

Explico:

Existe uma máxima no mundo do áudio que é “Shit in, Shit out”.

Ou seja, gravou sem qualidade, o produto final não terá qualidade.

E isso não só é uma máxima, é um fato.

Gravar uma voz mal gravada e dizer que “ah, depois a gente conserta lá no computador” é tão mentira quanto dizer que “I have read and accept to the term sand conditions” (Eu li e aceito as condições)

Não rola.

Este livro aqui é para você justamente aprender como fazer.

Não só uma gravação limpa, uma edição primorosa, um *podcast* de altíssimo luxo.

O que o Leo quer neste livro é que você entenda “por quê, como e para quê” fazer melhor o que você já faz.

Ou começar a fazer seu *podcast* com uma qualidade superior, entendendo todas as etapas do processo.

Desde os primórdios da sua ideia, até a parte de divulgação, passando por todos os processos de roteiro, gravação, edição, finalização, distribuição e todos os outros “ãos” que eu não lembro agora, mas que com certeza o Leo lembrou e escreveu aqui pra todo mundo aprender.

Simples assim.

(....)

Fonte: Elaboração própria a partir de Lopes (2014, p.12).

Na sequência, explanamos a respeito do surgimento do *Podcast* no Brasil, que teve suas primeiras manifestações em 2005. Informamos também que a sua divulgação ocorre em *blogs* e em *sites* e que ainda possui acesso tímido por parte do grande público. Desta forma, justifica-se a quantidade de informações sobre a ferramenta presentes nesse PD.

Como meio para que os estudantes pudessem ter uma visão mais ampla sobre esta mídia e entender a sua circulação, um segundo vídeo foi apresentado aos estudantes, que consistiu na apresentação de um *site* pioneiro de *podcast*: a *Radiofobia*³⁷ Essa página agrega os mais diversos arquivos de áudio sobre os mais diferentes assuntos. Também oferece informações sobre a ferramenta, além de cursos para quem deseja começar a produzir seus próprios arquivos, sejam eles pessoais ou corporativos.

No *site* selecionado para a exibição, os jovens podem acompanhar um programa de rádio que mistura humor, técnica, mixagem e muita música com pautas sobre assuntos do cotidiano numa dinâmica que se assemelha a uma roda de bate-papos de amigos, sem desconsiderar os cuidados necessários com produção, edição e sonoplastia, dentre outros.

Nesse acesso foi possível escutar a um episódio e “explorar” parte o conteúdo da página. O episódio intitulado “Cada louco com sua mania” aborda os tiques, manias e

³⁷Disponível em: <<http://radiofobia.com.br>>.

neuras que, muitas vezes, acompanham as pessoas de uma forma geral, e foi narrado pelo *podcaster*³⁸ Leo Lopes, um dos responsáveis pela criação do programa.

Figura 22 – Interface do site Radiofobia



Disponível em: <http://radiofobia.com.br/>. Acesso em: 18 jun 2017.

Figura 23: Episódio “Cada louco com sua mania”.



Disponível em: <http://radiofobia.com.br/podcast/2016/09/radiofobia-196-cada-louco-com-sua-mania/>. Acesso em: 18 jun 2017.

Ao finalizar a etapa de apresentação do *podcast* como ferramenta que agregará o nosso gênero textual, é hora da próxima etapa: a gravação.

³⁸Nome dado a quem trabalha na produção ou apresentação de um *podcast*.

6.1.9 Atividade 9 – “Silêncio...gravando!”

Nessa etapa, é chegada à fase das gravações. Mas, antes, foi necessário checar alguns detalhes importantes para que tudo ocorresse com um bom som e com os demais itens próprios a um arquivo de áudio com qualidade. Assim, esse encontro dividiu-se em dois momentos: um que fez referência a detalhes técnicos e ajustes; e outro, da gravação em si.

Para que a gravação ocorresse sem mais “atropelos”, o planejamento delimitado nos encontros anteriores precisou ser observado. Dentre eles, repassar o texto, por meio de leitura em voz alta, foi essencial para maior entrosamento entre os narradores do *spot* (no caso da opção por mais de um) e observância às ênfases e demais entonações diferenciadas.

Contudo, os estudantes foram alertados de que, apesar dessa(s) leitura(s) prévia(s) e dos ensaios ocorridos antes da gravação, sempre há a possibilidade de falas “enroscadas” ou falta de interação entre os narradores.

Avisamos também que no caso de um único integrante do grupo a narrar, também é possível haver “brancos”, “atropelos” e espaços indesejados; por isso, planejamento prévio é sempre fundamental.

Outro passo essencial foi o que correspondeu à captação de áudio com qualidade. Contudo, alguns dos eventuais problemas de gravação puderam ser sanados na edição do programa com o auxílio das ferramentas que o Audacity,³⁹ programa de edição de áudio escolhido para este trabalho.

Para esta etapa antes da gravação, também foi necessário abordar a Lei dos Direitos Autorais, em seus artigos 28 e 29 (BRASIL, 1998), que regulamenta, no Brasil, as relações entre obras intelectuais e seus artistas do uso indevido de terceiros. De acordo com a lei:

Art. 28. Cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica.

Art. 29. Depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como:

I - a reprodução parcial ou integral;

II - a edição;

III - a adaptação, o arranjo musical e quaisquer outras transformações;

IV - a tradução para qualquer idioma;

V - a inclusão em fonograma ou produção audiovisual;

VI - a distribuição, quando não intrínseca ao contrato firmado pelo autor com terceiros para uso ou exploração da obra.

³⁹Para a edição dos spots, optamos pelo *Audacity*, que é um programa de gravação e edição digital de áudio, em diferentes formatos, gratuito e de fácil manuseio.

No entanto, por se tratar de uma atividade pedagógica, sem fins comerciais e por contar com a nossa supervisão, tomamos como base o artigo 46, incisos III e VII da mesma lei, que nos garante:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

(...)

Desta forma, os estudantes seguiram a orientação de utilizar, em suas gravações, fragmentos de cerca de 20 segundos de cada música, intercalados da narração e demais efeitos sonoros para não descumprimento das normas que regem a Lei dos Direitos Autorais.

Como já mencionado, o *podcast* é uma gravação de áudio. Assim sendo, a captação do som possui um papel relevante para o trabalho. Não adianta um bom planejamento e um bom roteiro, se o áudio não estiver dentro dos mínimos padrões de qualidade. Sendo assim, alguns cuidados foram tomados.

I) Equipamentos: computador, microfone e fones de ouvido são essenciais a essa fase do trabalho. A escola já dispõe de uma sala de informática com quarenta computadores com acesso à *internet*. Os demais equipamentos, tais como, microfone e fone de ouvidos para a gravação dos *spots*, são de responsabilidade da professora e dos estudantes.

II) Formato de áudio digital: para a gravação dos *spots*, a opção foi utilizar o formato *MP3*, muito popular na atualidade, tanto para armazenamento quanto para transmissão via *internet*,

III) Atenção à fala: para a gravação dos *spots*, é essencial que os alunos fiquem atentos à impostação da voz durante as gravações para evitar possíveis artificialidades, pois se trata de leitura de um texto roteirizado.

Também é importante ressaltar que a fala deve ser contextualizada, fluida, evitando grandes momentos de silêncio (buracos) e articulada ao assunto e ao público alvo; da mesma forma que é fundamental a sincronia entre narração, música e demais efeitos sonoros anexados à produção do áudio.

IV) Ambiente: é imprescindível, para efeito de qualidade de áudio, que o ambiente de gravação seja pequeno, de preferência isolado, livre de ruídos externos, longe de janelas ou portas com passagem frequente de transeuntes e com pouca reverberação (eco).

Por não estarmos em um estúdio, e sim em uma sala de informática, faz-se necessário a observância do maior número possível das características acima mencionadas, além da colaboração dos próprios colegas de classe no cuidado e manutenção do silêncio.

Observados esses critérios e características teóricas sobre a gravação, os estudantes de posse do celular pessoal - previamente autorizados para este fim - ou com fone de ouvido e microfone, organizados em pequenos grupos para evitar aglomeração e barulhos indesejados, deram início às gravações na sala de informática da escola.

Foi orientado aos estudantes que todas as gravações deveriam ficar armazenadas em um e-mail criado para essa finalidade, com descrição e/ou título para que não houvesse confusão entre os áudios e os mesmos pudessem ser acessados, sem mais dificuldades, no encontro futuro que se destinou às edições.

Com atenção a esses detalhes, acreditamos ser possível a produção de um som mais “limpo”, com maior qualidade de escuta de falas, pausas, músicas e demais efeitos sonoros, moldes de um bom anúncio radiofônico e com um caráter inovador, tecnológico e linguisticamente estruturado para obedecer às características do gênero *spot*.

6.1.10 Atividade 10 – “Edição: cortes e recortes”

Este encontro foi o mais técnico de todos, mas nem por isso menos prazeroso, por se tratar do momento da edição dos *spots*. Para esta etapa, também utilizamos o *Audacity, software*⁴⁰ anteriormente citado, levando em conta sua simplicidade e gratuidade.

Os estudantes, na sala de informática da escola, foram informados de que tempo para a edição dos *podcasts* seria muito flexível devido às demandas (computadores, acesso à *internet* e possíveis dificuldades dos estudantes em trabalhar com o editor de áudio); todavia, com a divisão de funções e comprometimento de todos os envolvidos (docentes e discentes), os resultados esperados seriam alcançados.

Apesar de todo o esmero das etapas anteriores à edição, os estudantes foram alertados de possíveis “imperfeições” durante o processo de captação de áudio, fossem elas de natureza humana (locução pouco audível, ruídos externos) fossem de natureza técnica (*smartphones* ou microfones inadequados para captação de som com qualidades).

⁴⁰ "software", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/software> [consultado em 02-01-2018]. Conjunto de programas, processos, regras e, eventualmente, documentação, relativos ao funcionamento de um conjunto de tratamento de informação (por oposição a hardware).

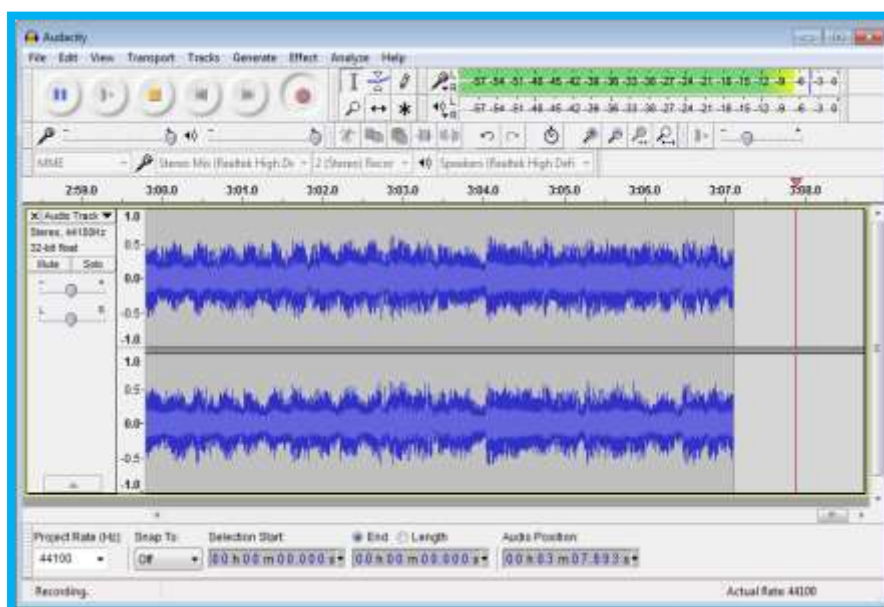
Por esse motivo, é na edição que podemos aperfeiçoar a gravação, cortando espaços em branco, gagueiras, engasgos, prolongamento de vogais, ênfase ou redução acidental da voz e demais ruídos alheios ao interesse original da gravação. Contamos também com a possibilidade da retirada, de mudança em relação à ordem ou de acréscimo de trechos inteiros ao som original.

Para o início desse processo de edição, os estudantes necessitaram, com o uso de fones de ouvido, escutar as gravações a fim de perceberem a necessidade de correção das eventuais falhas.

Apesar de grande parte dos nossos estudantes serem familiarizados com as ferramentas tecnológicas, para evitar mais demoras e possíveis embaraços nessa etapa da composição do gênero *spot*, antes da edição, de fato, o momento na sala de informática foi aproveitado para acesso a tutoriais⁴¹ sobre a utilização dessa ferramenta em canais do *YouTube* e demais esclarecimentos sobre o manuseio do programa.

Esse caminho parte da ideia de que a forma mais adequada para a familiarização dos estudantes a uma determinada ferramenta tecnológica precisa passar, necessariamente, pela prática. Assim sendo, os tutoriais na sala de aula, sem o efetivo manuseio do programa, configura-se como algo enfadonho, extremamente técnico e vazio de significados.

Figura 24: *Interface do Audacity.*



Fonte: <<http://audacity.sourceforge.net/>>. Acesso em: 12 jun 2017.

⁴¹ "tutoriais", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/tutoriais> [consultado em 02-05-2018]. 1. Relativo a tutor. 2. Que tem instruções ou explicações relativas a um assunto específico (ex.: vídeo tutorial para uso do aparelho). substantivo masculino. 3. Conjunto de instruções ou explicações relativas a um assunto específico (ex.: tutorial de fotografia digital).

Para finalizar a etapa da edição, foram dadas algumas dicas sobre sonorização que podem ser valiosas para o resultado final.

- ✓ Evite música muita alta que possa desviar a atenção do que está sendo apresentado.
- ✓ Busque harmonia entre o que é dito e o que é ouvido, para que os sons não sejam conflitantes ou pareçam desconectados.
- ✓ Atenção às entradas das músicas e falas para a redução do som durante a transição de uma para a outra para, desta forma, evitar possíveis “buracos”.

6.1.11 Atividade 11 – “Acorde na sala!”⁴²

O passo final da produção de nossa *radioblog* compreendeu a hospedagem, ou seja, é necessário que o *podcast*, contendo a produção do gênero autoral dos estudantes, seja armazenado e publicado na *internet*. Assim sendo, optamos pela criação de uma *radioblog* com o uso da plataforma *Wix*⁴³, por ser uma ferramenta de fácil utilização e gratuita para o nosso trabalho.

É importante esclarecer que a *radioblog* “*Acorde na sala*”⁴⁴ tem como objetivo, o armazenamento dos *spots* produzidos pelos nossos estudantes, dos roteiros das gravações, das ilustrações, referentes ao trabalho produzido pelos grupos, das músicas armazenadas pelo aplicativo *Spotify*⁴⁵ previamente selecionadas pelos estudantes, além de outras tantas curiosidades e dicas sobre o universo musical jovem em suas mais variadas manifestações e representatividades.

Finalmente, foi esclarecido que a divulgação do trabalho seria realizada por meio da rede social *Facebook*, em uma página específica criada para essa finalidade, vinculada ao perfil da professora-pesquisadora como forma de zelar pelo anonimato de nossos estudantes.

O *Facebook* também disponibiliza *links* importantes, tais como o endereço do *blog*, acesso a informações adicionais sobre a temática escolhida para a produção dos *podcasts*, os roteiros produzidos pelos estudantes, além da opção de compartilhamento e de demais

⁴² O nome da *radioblog*, sugerido por nós, foi resultado de uma escolha em conjunto com a turma e está mais bem detalhado na sessão referente à análise de dados.

⁴³ Disponível em: <<http://pt.wix.com/>>. Acesso em: 14 jun 2017.

⁴⁴ Disponível em: <<https://acordenasala.wixsite.com/acordenasala>>. Acesso em: 14 jun 2017.

⁴⁵ É uma das maiores plataformas de acesso a músicas digitais por meio do aplicativo de alta qualidade nas modalidades gratuitas ou pagas.

interações comuns a essa ferramenta, fazendo deste, mais um canal dialógico entre as culturas do alunado e demais usuários.

Figura 25 – Interface da radioblog “Acorde na sala”.



Fonte: Elaboração própria a partir de: <https://acordenasala.wixsite.com/acordenasala>.

6.1.12 Atividade 12- Avaliação da atividade

O último encontro destinou-se à exibição da *radioblog* na sala de informática da escola, com auxílio de *Data Show*. Essa exibição ocorreu durante vários momentos para que pudesse atender a diferentes turmas, não apenas àquela selecionada para a sua composição, bem como a professores das demais disciplinas e à equipe gestora da escola.

Durante a exibição, disponibilizamos um questionário para todos os presentes, com o intuito de avaliar a percepção dos ouvintes da *radioblog* a respeito da organização e da finalidade da página.

As questões foram organizadas para facilitar a participação de todos, contudo, a avaliação teve caráter voluntário. Para facilitar o acesso e o recolhimento do Questionário avaliativo da atividade, foi disponibilizada uma urna na entrada da sala.

Esse material teve como finalidade servir de parâmetro para avaliarmos aspectos positivos e aspectos negativos em relação ao trabalho desenvolvido pela turma sob nossa supervisão.

Quadro 19 – Questionário avaliativo.

<i>RADIOBLOG ACORDE NA SALA</i>			
QUESTÕES	PÉSSIMO	<i>REGULAR</i>	<i>ÓTIMO</i>
Como você avalia a forma como a música foi utilizada na <i>radioblog</i> ?			
Como você avalia a organização da página?			
Como você avalia a disposição dos links até chegar aos <i>spots</i> ?			
Sabendo que o <i>spot</i> deve “vender” uma ideia ou produto, como você avalia a qualidade dos <i>spots</i> produzidos pelos estudantes?			
Este espaço é reservado para opiniões, elogios ou críticas.			

Fonte: Elaboração própria.

Para a avaliação dos estudantes envolvidos na composição da *radioblog*, foi feita a opção pelo acesso a um questionário elaborado a partir do *Google Forms*⁴⁶, enviado para o *e-mail* da turma (criado especialmente para esse fim) e acessado neste mesmo encontro por meio dos computadores da sala de informática, após a exibição da *radioblog* para a escola.

⁴⁶Ferramenta do Google para elaboração de pesquisas on-line.

Quadro 20 – Questionário para os alunos.

***PODCAST PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE
MULTILETRAMENTOS A***

PARTIR DO GÊNERO SPOT PARA SALA DE AULA

- 1- A forma como o gênero música foi utilizado (escolha do artista, ritmo ou músicas) para a produção dos spots se distanciou ou se aproximou daquelas que, normalmente, são utilizadas para o ensino com músicas nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.
- 2- Você entende que as ferramentas tecnológicas (celulares, computadores e similares) são um auxílio para o ensino das disciplinas escolares? Caso sim, você entende que a aplicação do projeto possa contribuir para um ensino que leve em conta as ferramentas tecnológicas e utilização da sala de informática com objetivos educacionais? Justifique a resposta.
- 3- A respeito do gênero *spot* e da forma como foi ensinado, você entende que esse estudo favoreceu o ensino do gênero e de suas características? Comente.
- 4- De forma geral, sua participação na produção do spot trouxe contribuições para sua formação? (Use esse espaço para fazer comentários, críticas ou elogios para o trabalho desempenhado pela pesquisadora e por você e seu grupo nesse trabalho).

Fonte: Elaboração própria.

Depois que os estudantes preencheram devidamente o questionário, respondendo às perguntas criadas pela professora-pesquisadora, a atividade foi concluída com o retorno das respostas apresentadas nos dois questionários e mostradas ao estudante. Consideramos que essa devolutiva foi importante para que os alunos tivessem acesso à opinião dos ouvintes ao material produzido por eles.

6.2 Análise e Tratamento dos Resultados

Essa seção foi destinada para a descrição e análise do Protótipo Didático (PD) de acordo com as teorias adotadas neste trabalho e com os objetivos por ele pretendidos. Para facilitar a compreensão dos caminhos percorridos nessa aplicação, bem como a nossa percepção acerca dos resultados, seguiremos as 12 atividades descritas no Quadro 3, presente no item 6.1, a saber:

Quadro 21 – análise das atividades.

ATIVIDADE	TÍTULO	DORANTE
1	“Vamos falar de música.”	AT1
2	“Que rádio você ouve?”	AT2
3	“Que som toca no seu rádio?”	AT3
4	“O som do seu som.”	AT4
5	“A hora da escrita: vamos comentar?”	AT5
6	“A hora do gênero: oi... <i>spot</i> o quê?”	AT6
7	“Mãos à obra!”	AT7
8	“ <i>Podcast</i> : um mundo todo no seu rádio.”	AT8
9	“Silêncio... gravando!”	AT9
10	“A edição: cortes e recortes”	AT10
11	“ <i>Acorde na sala.</i> ”	AT11
12	Avaliação da atividade.	AT12

Fonte: Elaboração própria.

Para a análise de resultados da aplicação do PD, obedecemos a critérios alicerçados nas questões de pesquisa, nos objetivos pretendidos e nas teorias adotadas durante todo trabalho.

Cabe ressaltar que originalmente essa proposta previa 12 encontros, perfazendo um total de 24 aulas; entretanto, com a efetiva aplicação da proposta, percebemos a necessidade de rever o cronograma, tendo em vista que a temática central de nosso trabalho

- música e suas relações intrínsecas com a cultura do aluno – promoveu discussões mais extensas que o previsto.

Além disso, as especificidades do gênero proposto, até então desconhecido por grande parte dos alunos, requereu um tempo maior do que aquele previamente estipulado.

Outro aspecto que interferiu no planejamento das atividades diz respeito às dificuldades dos alunos com o manuseio de algumas ferramentas tecnológicas, principalmente com o programa escolhido por nós para edição dos *spots*- o *Audacity*.

Outro fator que interferiu no tempo dessa aplicação consistiu nos equipamentos do laboratório de informática da escola que nem sempre atenderam às demandas do trabalho de forma satisfatórias. Problemas de configuração dos computadores, dificuldade de acesso à *internet* e, até mesmo, queda de energia na escola, foram alguns dos problemas enfrentados durante a aplicação.

Nossa proposta de intervenção foi aplicada a uma turma de 9º ano do ensino fundamental e contou com a adesão de todos os seus estudantes, totalizando 33 alunos participantes⁴⁷. A escolha de uma única turma se deu em razão de, no ano de 2007, a professora-pesquisadora lecionar em turmas de séries distintas, sendo apenas uma de 9º ano e, por isso, a selecionada.

Vale ressaltar que a participação dos estudantes nas exposições orais realizadas durante o PD foi registrada por meio de gravações em áudio realizadas no celular da professora-pesquisadora.

Destacamos também que não apresentaremos todas as respostas e/ou participações dos estudantes nas exposições orais e/ou respostas às atividades devido ao número excessivo de participações, o que inviabilizaria uma maior reflexão sobre os dados. Assim sendo, buscamos um número máximo de oito registros para cada atividade, priorizando aquelas que suscitaram alguma reflexão pertinente às hipóteses e aos objetivos propostos por este trabalho.

No início do 2º bimestre, última semana de julho de 2017, aplicamos a AT1, dividida em dois momentos: o primeiro destinado à explicação sobre a proposta de intervenção e o segundo reservado para o preenchimento e entrega do questionário diagnóstico. Nesse questionário, buscamos suscitar a temática que permeou esta proposta: a importância da música na formação cultural dos jovens.

⁴⁷ Para fins de descrição e a análise dos resultados, os estudantes serão identificados como A1, A2, A3.... A33.

Notamos que a discussão sobre as preferências musicais dos estudantes foi bastante convidativa para a turma que se mostrou muito instigada a participar da atividade e trocou muitas informações entre si.

Em várias ocasiões, podemos notar também que eles buscavam verificar as respostas dos colegas, às vezes, como comparação, já em outras, estabelecendo juízo de valor, como podemos notar a seguir: (A7): “*Vixi, professora, espera só até chegar no questionário de fulano, só vai ter pornografia e música ruim.*”

Durante todo processo, buscamos interferir o mínimo possível, respondendo somente a alguma dúvida que, eventualmente, fosse surgindo. Desta forma, a resposta ao questionário se deu sem mais interferências e foi entregue ao final desse mesmo encontro.

Aproveitamos a oportunidade para frisar que nosso trabalho se propunha a explorar as preferências musicais dos estudantes e, sempre que possível, a audição das músicas por eles selecionadas. Para isso, convidamos os estudantes a ouvirem uma música do cantor e compositor mineiro Milton Nascimento, “*Certas canções*”, reproduzida pelo computador da professora-pesquisadora com o auxílio de caixinhas de som.

Em relação ao cantor e à música, podemos perceber que poucos estudantes conheciam seu compositor e nenhum deles conhecia a música. Apesar do desconhecimento e da pouca familiaridade dos jovens com o estilo dessa música, frisamos o caráter de respeito e da aceitação das diferenças, o que facilitou que a audição acontecesse sem maiores interrupções.

Para finalizar a AT1 e instigar a curiosidades dos estudantes sobre as próximas atividades, entregamos a eles a cópia de letra impressa da canção, orientamos que lessem com atenção e que retomáramos, no próximo encontro, à reflexão sobre a letra. Em seguida, pedimos a todos que anexassem esse material a uma pasta *portfólio*⁴⁸, que seria usada durante toda aplicação.

A AT2 foi iniciada retomando a canção apresentada ao final do encontro anterior de duas formas: pela cópia na lousa de um de seus versos (“*Certas canções que ouço, cabem tão dentro de mim, que perguntar carece: como não fui eu quem fiz?*”) com o objetivo de fomentar a reflexão dos estudantes; seguida pela sua audição, via computador da professora-pesquisadora.

⁴⁸Foram entregues pastas com esta finalidade aos estudantes que alegaram não possuir.

Pedimos aos estudantes que lessem o verso e respondessem se concordavam ou não com sua mensagem, ou seja, se algumas músicas lhes eram tão representativas que, de alguma forma, pareciam ter sido feitas por eles.

As respostas foram as mais variadas possíveis, mas todos que se expressaram, concordaram que a música representa suas emoções e “falava” muito por eles, a saber:

Quadro 22 – Registro1 – discussões em sala de aula.

A12: “ai professora, quando eu não quero dizer algo, porque estou com vergonha ou não sei dizer, uso a música, sempre dá certo. (risos)”.

A18: “verdade, tem umas músicas que falam por mim, parece mesmo que é minha vida que está contada na música, entende?”.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Após essa discussão, apresentamos alguns resultados compilados⁴⁹ das respostas dos estudantes ao QI, principalmente aqueles referentes à temática central desta atividade: relevância da música para os estudantes, formas de acesso e as influências que permeiam as preferências deles. Para a apresentação dessa informação, utilizamos *slides* reproduzidos por meio de *Data Show*.

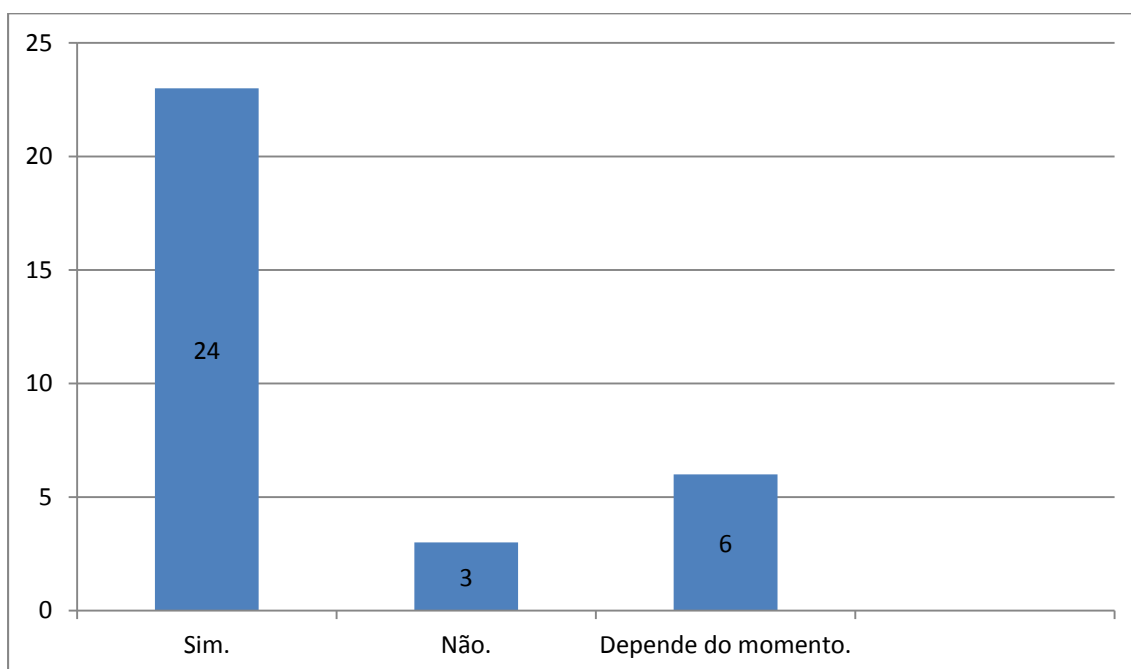
Cabe frisar que o QI foi respondido por todos os 33 alunos e era composto por questões abertas, fechadas e mistas. Vale ressaltar que, para o primeiro tipo, o estudante podia escolher e marcar mais de uma opção; para o segundo, manteve-se o mesmo critério, acrescentando-se espaço para que ele pudesse citar outras situações, além das mencionadas no item.

A primeira questão era voltada para o tema central da produção do *spot*, as preferências musicais dos estudantes. Assim sendo, iniciamos nossa investigação querendo saber se o aluno gostava de ouvir música. Grande parte deles responderam de forma afirmativa, o que permitiu nossa tranquilidade quanto à escolha do assunto e, de certa forma, nos deu a garantia do envolvimento deles nas atividades posteriores. As respostas estão registradas no gráfico⁵⁰ abaixo.

⁴⁹ Resultado da análise do questionário investigativo no apêndice deste trabalho.

⁵⁰ Os gráficos tomam como base o quantitativo de alunos participantes da pesquisa, ou seja, 33 alunos.

Gráfico 1: Você gosta de ouvir música?

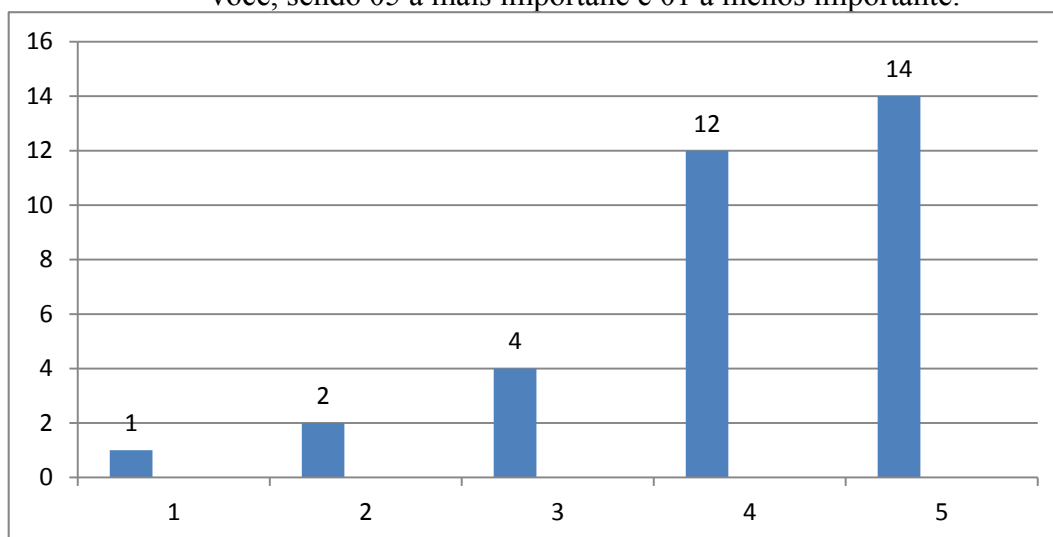


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Dando continuidade à questão anterior, solicitamos que, em uma escala de zero a dez, qual a nota que o aluno atribuiria à importância da música na vida dele. Tendo em vista que, no item anterior, muitos estudantes da turma disseram gostar de música, na segunda pergunta, o resultado estava em consonância com resposta à questão anterior.

Esses dados se encontram representados no gráfico a seguir.

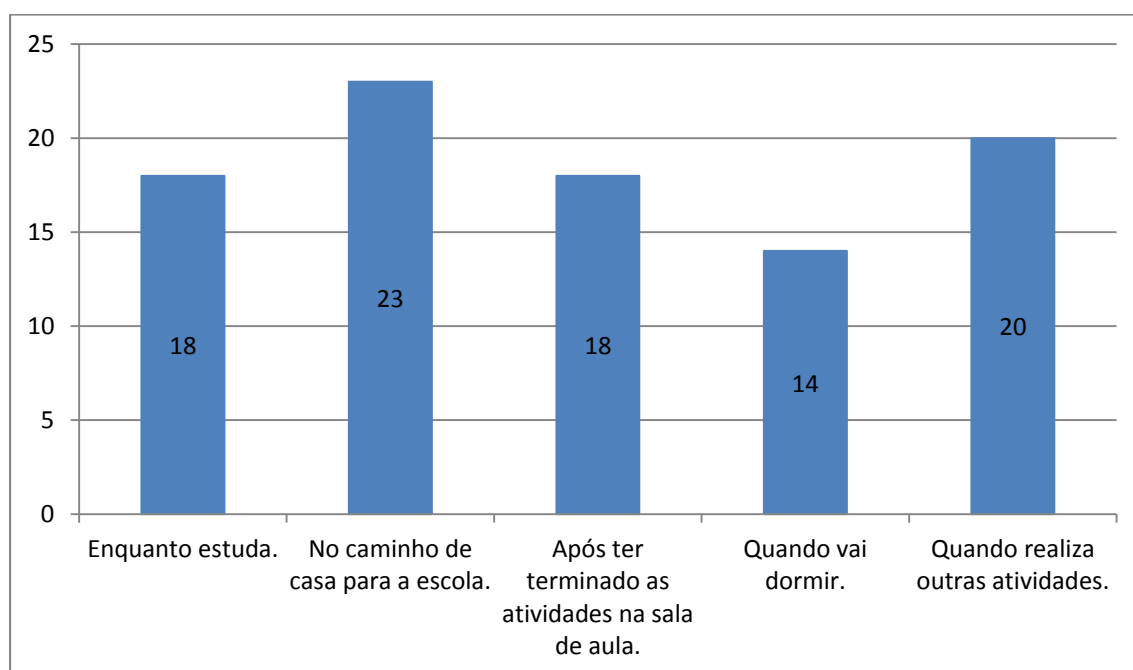
Gráfico 2: Em uma escala de 01 a 05, que nota você atribui à importância da música para você, sendo 05 a mais importante e 01 a menos importante.



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário

Na terceira questão, perguntamos ao estudante “Em quais circunstância você ouve música?” e apresentou cinco opções de resposta. Além das que estavam descritas, o aluno poderia acrescentar outras possibilidades.

Gráfico 3: Em que circunstâncias você escuta música?



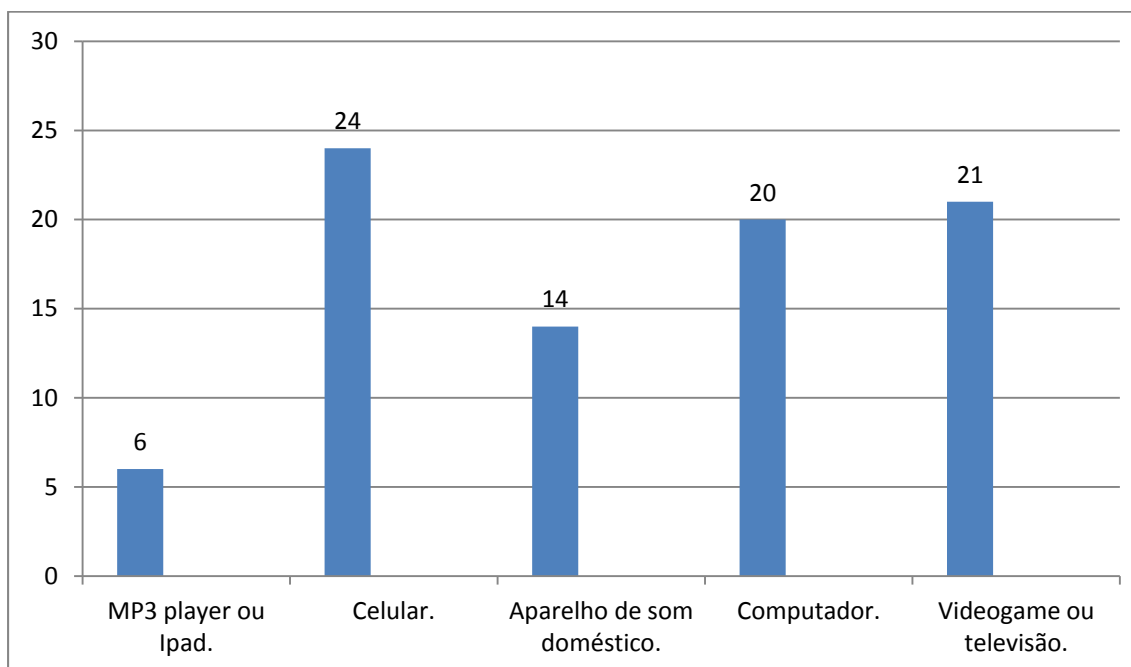
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Comparando-se as opções de preferência dos alunos, a maior incidência recai sobre a segunda possibilidade de escolha: “No caminho de casa para a escola”. Esse fato pode ser explicado por alguns deles utilizarem o carro como meio de transporte ou por usarem o celular para esse fim. Além desses itens listados pela professora, um número de discentes acrescentou outros fatores, tais como os abaixo relacionados:

- ✓ tempo livre no banho: 2;
- ✓ arrumando a casa: 6;
- ✓ jogando no computador ou no videogame: 1;
- ✓ enquanto está comendo: 1;
- ✓ durante o treino de ginástica: 3.

Para a questão 4, perguntamos “Quais aparelhos você utiliza para ouvir música?”, com cinco opções de resposta e espaço para o aluno especificar outras, caso o desejasse. No gráfico, encontra-se o número de respostas obtidas para cada item.

Gráfico 4: Quais aparelhos você utiliza para ouvir música?



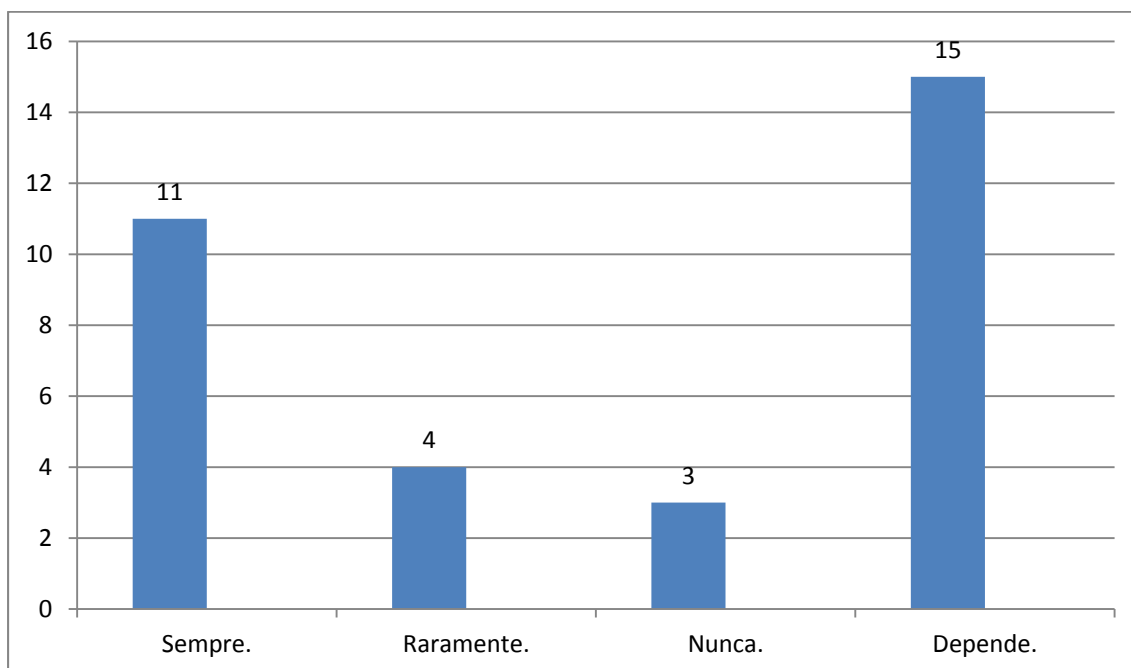
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Confirmando uma das suposições estabelecidas na análise do Gráfico 3, nessa questão a maioria dos estudantes alegou usar o celular para ouvir música. Isso comprova o

uso amplo desse aparelho eletrônico para várias funções. Além dos itens relacionados por nós, apenas um estudante acrescentou que ouvia música no som do carro.

Na questão seguinte, queríamos saber com que frequência o estudante utilizava o fone de ouvido para escutar música. Foram apresentadas quatro opções de resposta, para que se escolhesse apenas uma delas e o resultado pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 5: Com que frequência você utiliza o fone de ouvido para escutar músicas?

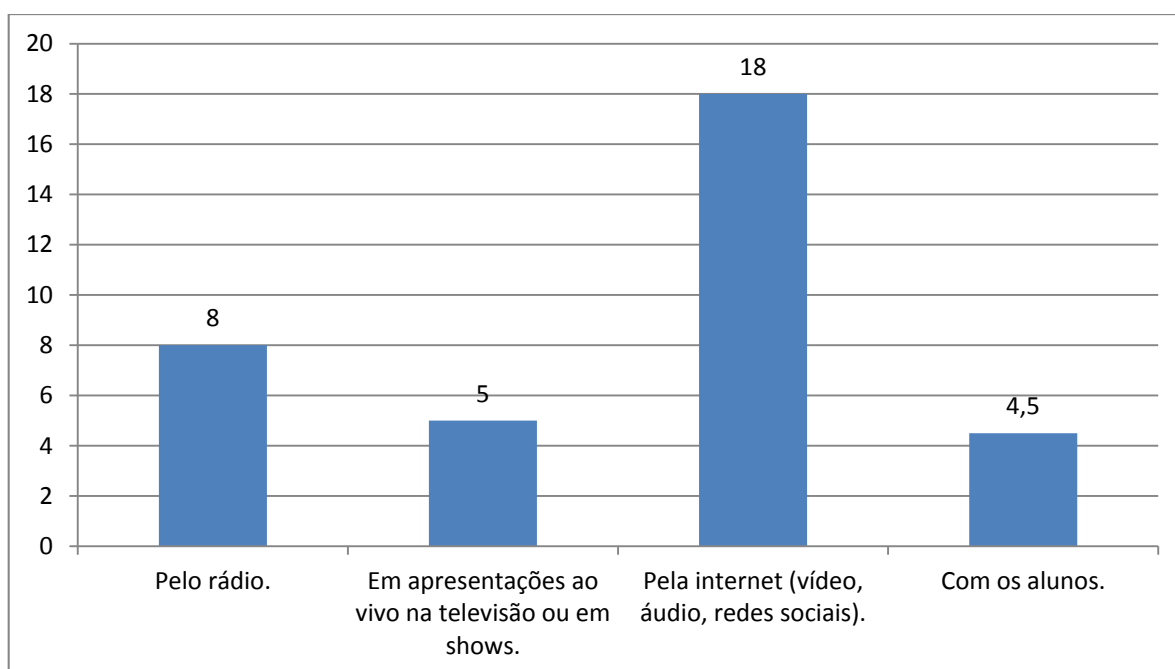


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Verificamos, por meio das respostas, que a maior parte dos alunos estabeleceu que o uso do fone de ouvido “depende” de alguns fatores. Podemos pressupor que esse uso está condicionado à situação em que o estudante se encontra, tal como, por exemplo, estar em lugares fechados e evitar incomodar outras pessoas próximas. E, logo em seguida, vemos a grande frequência com que muitos “sempre” estão com os fones quando recorrem ao celular ou a outros aparelhos portáteis ou não para escutarem música.

Constituindo a questão 6, solicitamos ao aluno que nos dissesse como ele tem conhecimento de músicas novas. Ele poderia escolher uma opção dentre as quatro apresentadas. Os dados encontram-se registrados neste gráfico.

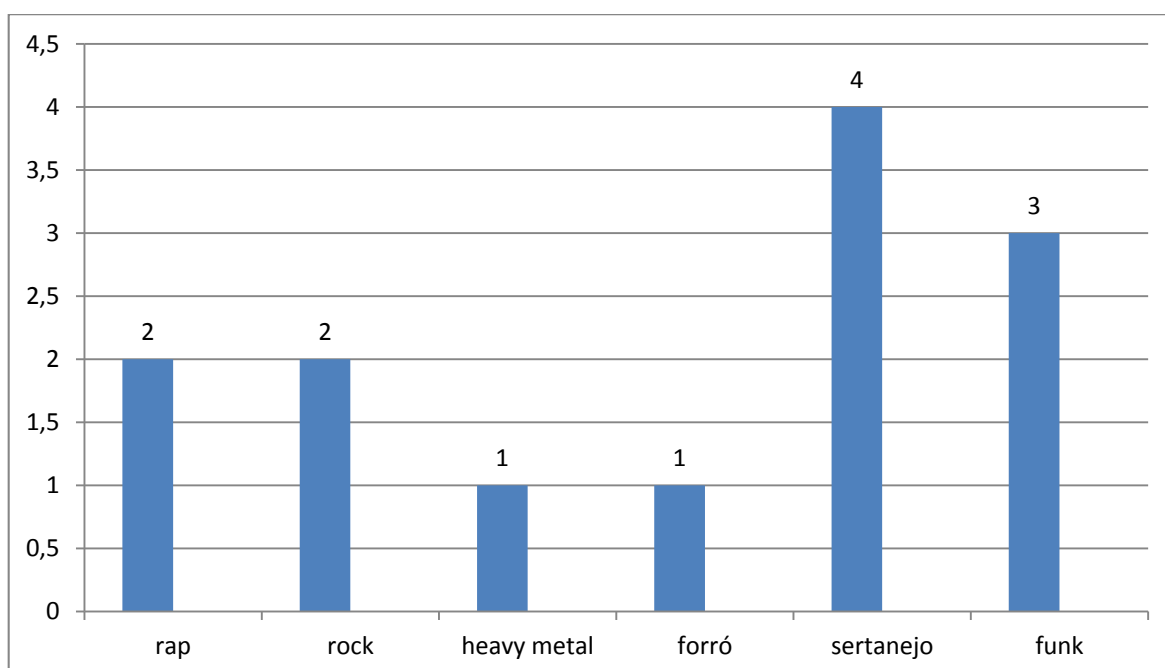
Gráfico 6: Como você conhece músicas novas?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Na questão 7, pretendíamos saber qual era o estilo de música favorito dos alunos. No enunciado, havia uma pergunta direta, com espaço para que o aluno preenchesse a sua resposta. Ressaltamos que, em várias ocorrências, alguns estudantes citaram mais de uma possibilidade. No entanto, para efeito de computação das indicações feitas por eles, somente foi considerada a primeira referência.

Gráfico 7: Qual o seu estilo de música favorito?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Como se pode notar, a música sertaneja alcançou o índice mais alto na preferência dos jovens. Talvez essa constatação possa ser justificada pelo fato da influência desse estilo musical predominante em Goiás. Entretanto, houve uma variedade muito grande nas respostas, surgindo muitos outros estilos não mencionados. Na verdade, a turma revelou que possui gosto diversificado, indicando que nenhum deles aprecia um único ritmo, banda, ou estilo.

Para a questão 8, pedimos que o aluno dissesse se se considerava fiel ao estilo de música favorito e explicasse o porquê. Como se tratava de uma questão aberta, não transcrevemos todas as respostas, mas uma amostragem contendo cinco delas. Essas respostas encontram-se, integralmente registradas abaixo.

- ✓ “Meu gosto musical varia, não gosto de ouvir só um estilo de música”.
- ✓ “Escuto vários tipos de música, mais ouço 1 Kilo e Classe A”.
- ✓ “Não considero fiel. Pois também não escuto muita música”.
- ✓ “Eu não me sinto fiel, pois as vezes eu escuto outros estilos de música... Só curto funk”.
- ✓ “Como sou ginasta, eu acabo escutando vários tipos de música para montar as minhas séries”.

Por esse grupo de enunciados, percebemos que não há um consenso quanto ao que seja preferência musical com fidelidade a ele. Inclusive, como se pode observar, houve um aluno que mencionou nomes de bandas. Ainda falta clareza quanto ao que se entende como estilo, como ritmo. Esclarecemos que, para a seleção das respostas, não houve um padrão que definisse o critério. Procuramos, para a questão 8, anotar as opiniões dos estudantes cujo questionário estava numerado de 1 a 5.

Quanto à questão 9, perguntamos se as preferências musicais do aluno mudam dependendo da situação ou do momento em que esse aluno se encontra. Em caso afirmativo, ele deveria se justificar. Dentre as respostas da turma, separamos as dos questionários numerados de 6 a 10. Ou seja, mais uma vez, estamos trabalhando com uma amostragem, porque a maneira de organizar a informação solicitada pelo professor era bem semelhante entre si, tanto no que se refere à organização das ideias, quanto ao conteúdo.

- ✓ “Sim, acho que tem um tipo de música para cada momento. Uma música lenta pode se tornar entediante, quando se está animado e o mesmo ocorre com as agitadas em um momento triste”.
- ✓ “Sim, quando estou triste, eu não escuto Kpop, escuto músicas depressivas”.
- ✓ “As vezes, mas quase sempre eu escuto porque gosto”.
- ✓ “Sim. Porque sempre tem uma música para cada momento”.
- ✓ “Sim, onde tiver tocando uma música, eu vou curtir independentemente da música”.

Foi bastante recorrente que os alunos relacionassem a música com o estado de espírito deles. A escolha se baseia em intensificar o momento vivido.

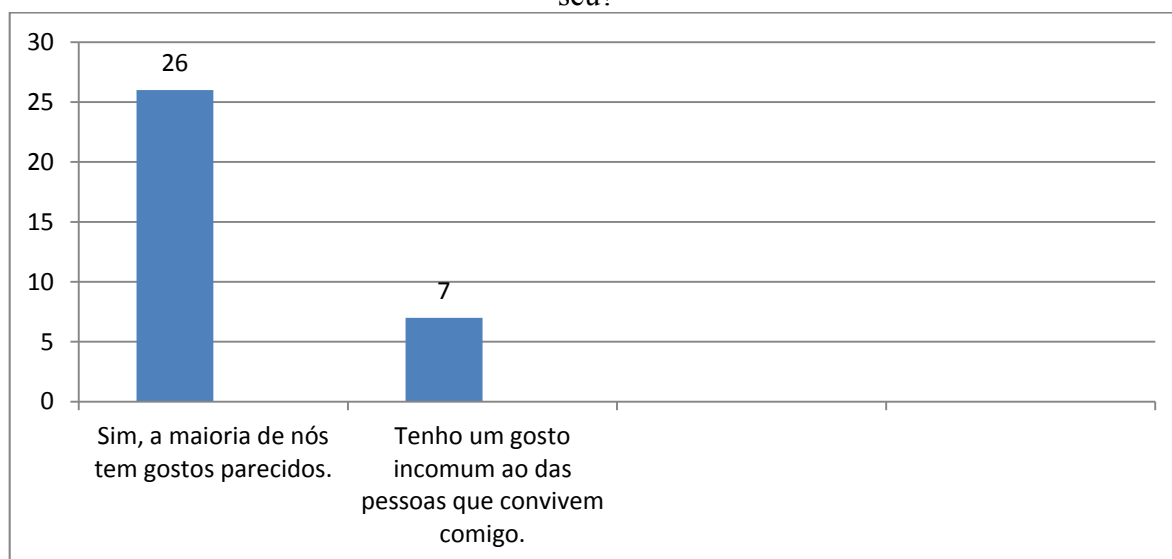
Perguntamos quais os motivos pelos quais o aluno fez a escolha do estilo musical favorito dele, ou seja, quais tinham sido as influências recebidas. Também pedimos que elas fossem especificadas ou explicadas. De todas as respostas, encontram-se anotadas as de número 11 a 15.

- ✓ “Funk é muito bom, a batida assim, nossa, rebolar, adoro”.
- ✓ “Minha família é nordestina, por isso tive uma pequena influência”.
- ✓ “Sim, devido a minhas amizades”.
- ✓ “Fé, batida ou encontro emocional”.
- ✓ “Não, eu simplesmente gosto porque eu gosto”.

Apesar de entendermos uma tentativa de justificar as razões que levaram o aluno a definir suas preferências, elas não foram apresentadas de uma maneira clara e coerente. No entanto, alguns motivos se tornam claros, como a influência da família, das amizades, do próprio ritmo musical ou do sentimento transmitido pela música.

A questão 11 era fechada e só havia duas alternativas a respeito do fato de que os amigos mais próximos, ou familiares do aluno têm gosto musical semelhante ao dele. As respostas encontram-se compiladas no gráfico a seguir.

Gráfico 8: Seus amigos mais próximos ou familiares têm gosto musical semelhante ao seu?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Podemos notar que a maioria dos estudantes é influenciada pela convivência e/ou assimila o gosto musical dos que com eles convivem. Ou seja, isso significa dizer que o sujeito traz consigo saberes e conhecimentos adquiridos nos ambientes dos quais ele faz parte.

Na sequência das atividades, foi solicitado para os alunos que escolheram a segunda alternativa que dissesse o motivo pelo qual eles têm preferências diferentes das dos amigos ou dos parentes mais próximos. Dentre as respostas, anotamos as cinco correspondentes às de número 16 a 20.

- ✓ “Porque eu não sigo um padrão”.
- ✓ “Porque eles não são eu”.
- ✓ “Amigos ouvem o mesmo estilo; a família não”.
- ✓ “Minha família vem de uma família em Minas Gerais e meu avô toca e canta sertanejo raiz. Eu acho que aprendi a buscar outros estilos com a galera”.
- ✓ “Eles gostam de músicas mais suaves”.

Notamos que existe uma diferença entre as respostas, não se identificando um padrão entre elas. As variadas afirmativas demonstram que as influências na vida das crianças e dos jovens têm origem, na maioria dos casos, na família.

Na questão 13, fazia-se uma retomada a um item anterior. No enunciado, estabelecia-se uma hipótese: “Se a sua resposta à questão 10 for negativa, você acredita ser possível que seus amigos ou até parentes mudem de opinião acerca do estilo de música escolhido por você? Explique”.

Obtivemos várias respostas, mas, dentro do critério estabelecido de transcrever cinco respostas, reproduzimo-las em seguida.

- ✓ “A gente se respeita muito, mesmo com preferências diferentes”.
- ✓ “Acredito que sim, pois eles são bem flexíveis”.
- ✓ “Sim, se eles ouvirem uma música boa, eles gostariam”.
- ✓ “Sim, basta conhecer para mudar de ideia sobre qualquer coisa”.
- ✓ “Sim, pois quase todo mundo gosta de funk”.

A maioria das respostas revela que é preciso conhecer novos estilos ou ritmos para passar a gostar de um gênero diferente daquele a que não se está acostumado. Dessa forma, podemos depreender que a escolha por um gênero pretendido sofre influência de vários fatores relacionados ao meio social em que o indivíduo convive. Todavia, essa situação pode ser modificada, dependendo das influências recebidas. Não houve, por parte dos estudantes, negação em mudar em função de outras pessoas.

Perguntamos, na questão 14, “Se existe algum estilo de música de que o estudante não gosta”. Em caso afirmativo, o aluno deveria justificar seu ponto de vista. Para essa questão, conseguimos extrair as que estão relacionadas abaixo.

- ✓ “Não gosto de tudo, nem adianta”.
- ✓ “O estilo que eu menos gosto é rap e hip-hop, porém eu escuto”.
- ✓ “Não sei direito”.
- ✓ “Não mais, já tive um preconceito com k-pop, que é pop coreano”.
- ✓ “Funk carioca, pelo intenso teor pornográfico”.

Percebemos, não só pela amostragem, mas também pelo restante das respostas, que vários alunos admitem que alteram o gosto musical, dependendo do ambiente que frequentam, da influência da família, do estilo mais em destaque no momento e, até mesmo, pelo amadurecimento deles.

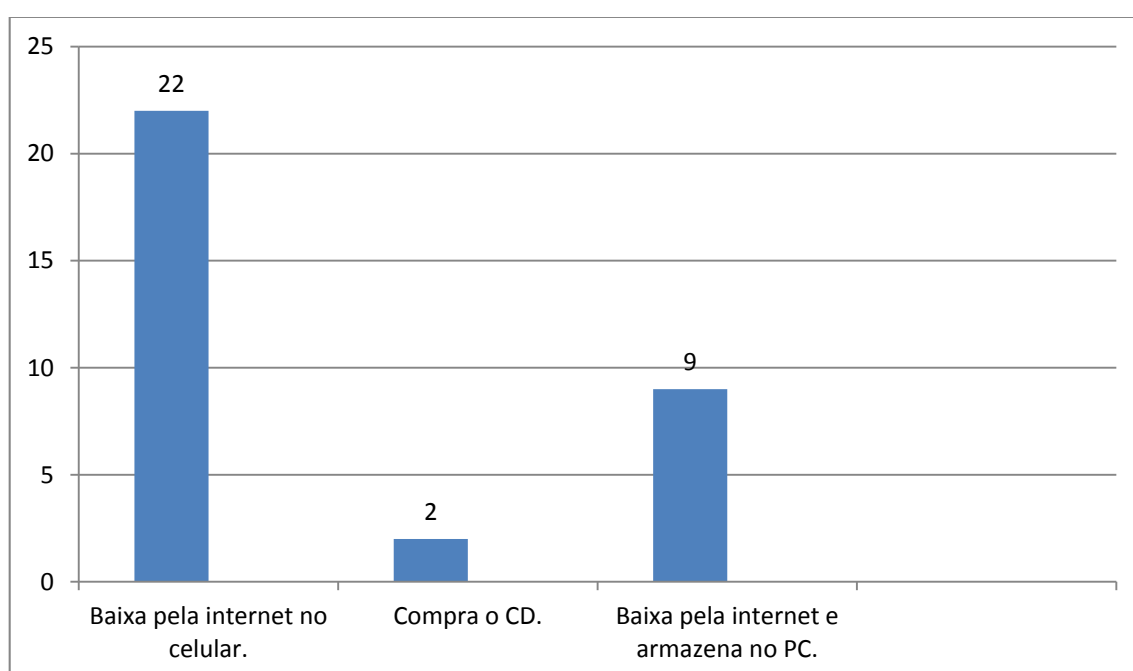
Na questão 15, instigamos os alunos a dizerem se eles poderiam modificar sua opinião quanto ao estilo musical de que não gostavam e explicassem o motivo. Cinco das respostas foram transcritas a seguir.

- ✓ “Sim. Depende da música”.
- ✓ “Sim, as pessoas mudam de opinião facilmente”.
- ✓ “Sim. Uma vez ou outra eu posso mudar de estilo”.
- ✓ “Eu não gostava de k-pop, mas só foi eu escutar uma das músicas e me apaixonei”.

Corroborando a nossa ideia quanto às respostas das questões anteriores, percebemos que há certa regularidade com que se muda o estilo de preferência de cada um. Isso depende de alguns fatores, tais como agir de forma preconceituosa, sem antes ter escutado este ou aquele estilo de música.

Em relação à forma ou ao instrumento utilizado para ouvir uma música de que gosta, mas ainda não a tem nos arquivos pessoais, perguntamos como o estudante faz para solucionar essa questão. Obtivemos as respostas registradas no gráfico abaixo.

Gráfico 9: Qual a melhor forma de você conseguir ouvir uma música que deseja, mas ainda não dispõe dela?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

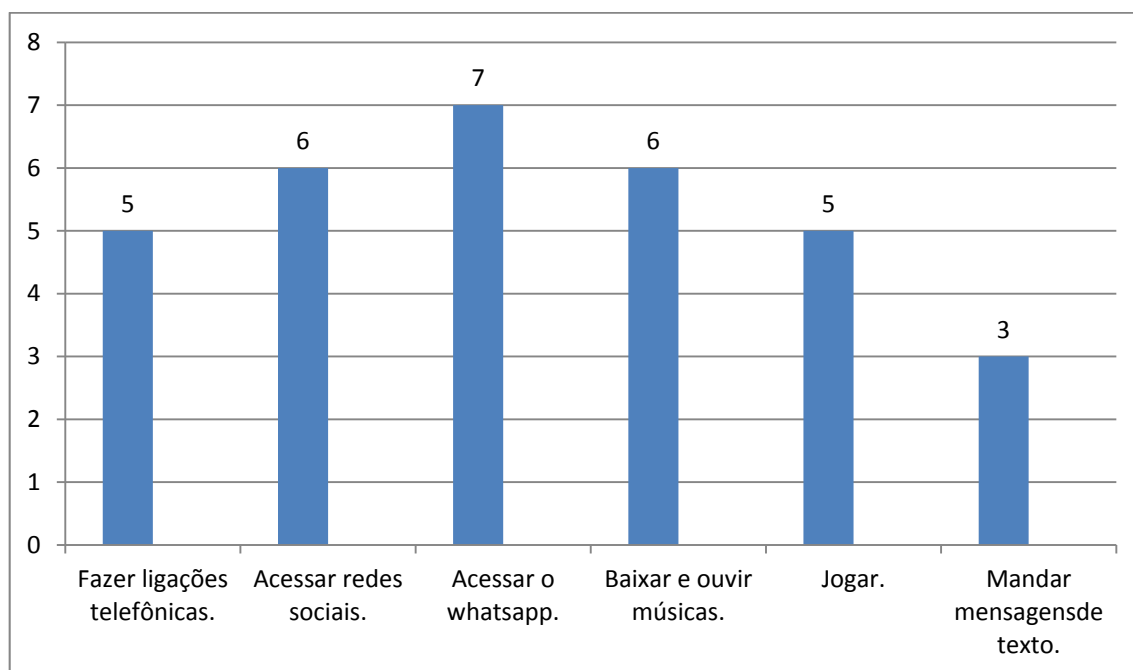
Observamos a grande recorrência de alunos que afirmaram que usam o celular para baixar as músicas. Portanto, há forte tendência em relação ao uso da tecnologia. No quesito indicado como “outros,”, o qual fazia parte da pergunta, surgiram algumas respostas. A seguir, transcrevemos cinco delas.

- ✓ “Escuto no youtube”.
- ✓ “Compro um vinil e faço um streaming da música”.
- ✓ “Nem tenho celular”.
- ✓ “Snaptube”.
- ✓ “Faço isso on-line”.

Consideramos interessantes algumas respostas, pois percebemos a existência de um paradoxo: alunos que não possuem celular e outros que fazem uso de vários recursos contidos no aparelho.

Na questão 17, perguntamos com que finalidade o aluno utiliza o celular com mais frequência. Anotamos as respostas e as compilamos no gráfico.

Gráfico 10: Para qual finalidade você usa por mais tempo seu celular?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio do questionário.

Há grande incidência de uso do celular para uso mais frequente dos recursos tecnológicos, tais como o acesso a redes sociais, para usar em conversas com os amigos

via whatsapp e, quase na mesma proporcionalidade, os alunos o usam para efetuar ligações telefônicas.

Questionamos aos alunos se eles já tinham usado o celular durante as aulas, a pedido do professor para fins de pesquisa ou como auxílio aos estudos. Se a resposta fosse afirmativa, solicitamos que eles explicassem em que contexto isso ocorreu. Registramos cinco dessas respostas.

- ✓ “Sim. Pesquisa, tirar foto dos quadros.”
- ✓ “Eu nunca usei o celular durante as aulas, eu nem trago o celular para a aula”.
- ✓ “Para ler o livro e para fazer o trabalho de Português”.
- ✓ “Sim. Traduções”.
- ✓ “Sim. A professora me pediu para pesquisar uma palavra no VOLP, para ver se ela existia em Português”.

Percebemos, pela grande recorrência de respostas semelhantes, que a professora de Língua Portuguesa utiliza o celular para que os alunos possam realizar pesquisas, baixar e ler obras literárias, procurar sinônimos de palavras.

A última questão consistia em saber a opinião do aluno a respeito da validade da experiência em usar o celular para um objetivo específico relacionado à aprendizagem. Transcrevemos, abaixo, cinco dessas respostas.

- ✓ “Sim, às vezes é importante”.
- ✓ “Sim, é bom quando você está em dúvida e seu professor não consegue lhe responder você pode pesquisar”.
- ✓ “Sim, acho que nos ajuda muito, pois o que não tiver nos livros, tem que baixar na internet”.
- ✓ “Sim, pois o celular é um item muito usado e pode incentivar os alunos para os estudos”.
- ✓ “Sim, porque eu aprendi muita coisa”.

Vale ressaltar que esse questionário foi aplicado antes de serem desenvolvidas as atividades do PD. Por isso, não se encontra nenhuma resposta referente à criação dos *spots* para serem veiculados na *radioblog*.

Em seguida, e com a turma organizada em círculo, iniciamos a temática do encontro que consistia em explorar uma das informações obtidas por meio da análise do questionário investigativo: a pequena utilização do rádio como forma de acesso a músicas pelos jovens.

Eles afirmaram que, de fato, ouviam rádio raríssimas vezes, à exceção dos poucos casos em que estavam dentro do carro com a família e esqueciam o fone de ouvido em casa, em casa de parentes ou em outro momento bem específico. Como podemos observar com os relatos a seguir:

Quadro 23 – Registro 2 – discussões em sala de aula.

(A13) “No carro da minha mãe, só ela pode escolher o que a gente ouve, aí quando não tô de fone, fico lá ouvindo com ela, até que são legais, mas ela não muda daquela rádio nunca (risos) nem deixa a gente trocar, afff...”.

(A27): “O tio da van escolar é o tempo ouvindo sertanejo e arrocha, na Atividade FM, isso às 7 da manhã... é de matar, odeio essas músicas, mas já sei cantar tudinho...”.

Fonte: dados coletados por meio da proposta aplicada.

Podemos verificar, por meio dos dois comentários, que a escolha pela rádio surge por decisão de terceiras pessoas e não como uma primeira opção. As exceções, quando acontecem, são limitadas a acessos a canais que contenham estilos musicais semelhantes àqueles que os jovens já ouvem em seus celulares, ou seja, raramente eles optam por conhecer algo diferente.

Também confirmaram que escutam música praticamente o tempo todo, nas mais diferentes circunstâncias e momentos; porém, o fazem, na maioria das vezes, por meio da seleção de suas próprias *playlists* (lista de músicas preferidas) no aparelho de celular.

A composição dessas listas ocorre em diferentes situações, podendo ser de forma gratuita, por meio de plataformas digitais que disponibilizam músicas para *download* ou escuta *online* via *internet*; ou ainda por aplicativos gratuitos ou pagos para acesso a músicas, tais como *SoundCloud*, *Spotify* e *Deezer*.

Quando perguntados sobre o motivo de não ouvirem tanto rádio, as respostas foram quase idênticas às que se seguem:

Quadro 24 – Registro 3 – discussões em sala de aula.

(A8): “Por que preferimos a internet e o celular, né professora, rádio é coisa de velho...”.

(A 19) “Por que pelo celular é mais prático, fazemos nossa própria seleção.”.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Em seguida, outro estudante (A13) comentou sobre a existência de *web* rádios, e que ele mesmo gostava de acessá-las eventualmente. Aproveitamos, então, o momento para interpelar a turma sobre o conhecimento ou não sobre *web* rádio. Como resposta, alguns afirmaram conhecer, mas apenas dois estudantes tinham o hábito acessá-las. (A13) e (A15).

Essa discussão colaborou com nosso próximo encaminhamento, a exibição de dois vídeos descritos na seção anterior deste capítulo. Pedimos que os estudantes anotassem quaisquer dúvidas ou questionamentos para que pudéssemos refletir após a exibição.

Notamos um interesse pelo vídeo que tratava sobre os novos caminhos para a rádio nos tempos atuais, comprovada pelos comentários realizados pelos estudantes, sobretudo os que destacavam a possibilidade da rádio se apropriar das novas tecnologias, adaptando-se, assim, às novas demandas do público atual. Também foi possível notar que alguns estudantes se mostraram bastante impressionados com esse novo formato radiofônico, tendo em vista que eles associavam “rádio” a um aparelho ultrapassado e de baixa qualidade sonora.

Em seguida, fizemos a exibição de um segundo vídeo do mesmo autor, desta vez com o intuito de também discutir sobre as possíveis influências midiáticas e comerciais que interferem na escolha daquilo que toca em uma determinada rádio.

Os estudantes pareceram concordar com a ideia de que haja uma influência midiática que oportuniza a alguns artistas uma notoriedade maior que os demais, independentemente de suas “qualidades”, assim sendo, “tocam” mais que outros. Como podemos observar em alguns comentários abaixo:

Quadro 25 – Registro 4 – discussões em sala de aula.

(A13) “Professora, quando querem “fazer alguém”, tocam pra caramba, até enjoar e colocam na novela também ai já viu, todo mundo começa a amar, a senhora não vê?”;

(A3) “Pois é, e depois a gente nem ouve mais falar no cantor... some e ai, né... aparece outro no lugar”.

(A8) “Mas ai depende, eu mesmo não ouço qualquer porcaria não, pode tocar o quanto quiser que eu não me influencia”

(A28) “Pode crer, mas tem outras (rádios) por ai que tocam o que gostam, não sofrem influência de ninguém não”.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Nesse mesmo vídeo, o radialista também explorou aquilo que ele denominou “reinvenção da rádio”; tendo em vista que, por meio da *internet*, é possível que qualquer pessoa, com o mínimo de conhecimento técnico e muita vontade de aprender, torne-se um produtor de conteúdo cultural, seja ele musical e/ou informativo, dentro de uma *web* rádio.

Este foi outro aspecto que chamou a atenção dos estudantes e que tomamos como um ponto positivo para nossa proposta: a possibilidade de qualquer pessoa se tornar um produtor de conteúdos em uma rádio no contexto das NTIC.

Pretendíamos dar continuidade ao cronograma nessa mesma aula dupla, todavia, as discussões se estenderam para além do previsto, forçando que continuássemos nossa A2 na aula seguinte.

Nesse encontro, organizamos a turma novamente em círculos no intuito de exploramos o conhecimento prévio dos estudantes acerca do *blog*. Para tanto, investigamos se eles tinham acesso à ferramenta, com que frequência e com qual finalidade. De forma geral, os estudantes alegaram não ter muito costume de acessar *blogs*. Afirmaram também acompanhar com muita frequência “*vlogs*”, que, segundo alguns, seriam um “*blog* em vídeo”, ou seja, um vídeo, de produção caseira ou não, autoral, de temáticas variadas, geralmente, vinculados a canais do *YouTube*.

Não raras foram as associações entre *blogs* e *vlogs*, o que facilitou o momento de abordamos a *radioblog*, uma vez que ambos partem da mesma premissa, ressignificações para textos e mídias já existentes segundo a necessidade de comunicação e fluidez presentes nesse contexto tecnológico.

Quanto ao acesso à *internet*, confirmamos que ele é cada dia mais frequente pelos jovens, motivado por interesses diversos, sendo o acesso a redes sociais - como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*- os mais frequentes. Os estudantes também citaram o acesso a canais do *YouTube* para ouvir músicas, acompanhar *vlogs* e jogos *online*, como *League of Legends* e *God of war*, como forma de completar a lista dos mais frequentes acessos à *internet* pelos jovens com finalidade de diversão. Para pesquisas escolares, os estudantes alegaram fazer uso frequente de *sites* no *Google*, destacando-se a *Wikipédia*.

As exceções para o uso de *blog* foram de alguns alunos, como A23 e A26, que acompanham o *blog NerdCast* e outros voltados à temática do “*mundo nerd*”; e A2, que acompanha *blogs* de dicas de beleza como “*Depois dos quinze*”, “*NiinaSecrets*”, entre outros relacionados à mesma temática.

Para completar a nossa abordagem, ainda que superficial, sobre o *blog*, exibimos um vídeo do canal *YouTube*, que trazia algumas características deste suporte. Vale ressaltar que não tínhamos a finalidade de pormenorizar características ou conceitos sobre a ferramenta, mas apenas explorar algumas de suas aplicabilidades como suporte da nossa *radioblog*.

Por fim, para concluirmos a AT2, perguntamos se eles achavam possível aliar as características do *blog* e da rádio em um único local. A maioria respondeu que “sim” e fizeram associação com a ideia do *vlog*.

Retornamos, então, ao primeiro vídeo da aula anterior e pedimos que os alunos anotassem todos os termos que o locutor usava para se referir à rádio. Vale ressaltar que, no vídeo reprisado, há seis menções ao termo *radioblog*, fato este facilmente percebido pelos estudantes.

Depois escrevemos o nome no quadro e perguntamos se eles já tinham ouvido, antes de nossos encontros, o termo “*radioblog*”, e a maioria afirmou ter sido esta a primeira vez. Especulamos, ainda, sobre o que eles imaginavam se tratar esse nome e as repostas de grande parte dos estudantes uniram as principais características desses dois suportes.

Assim sendo, os estudantes conseguiram formular alguns conceitos sobre a *radioblog*, dentre eles, destacamos:

Quadro 26 – registro 5 – discussões em sala de aula.

(A23): “É uma página na *net* que divulga música e postagens ao mesmo tempo...”
 (A1): “É tipo assim... um *blog* que toca música?”

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, pedimos que os estudantes citassem palavras que eles associavam ao conceito de *radioblog* e anotamos no quadro, dentre elas, destacamos: página na *web*, música, *posts*, notícia, *podcast*, imagens, comerciais, vinhetas, comentários, diversão...

Para finalizar o encontro, fizemos o convite para a elaboração da *radioblog* escolar, adiantando, apenas, tratar-se de espaço vinculado à *web* com a programação exclusiva dos

estudantes, visando à promoção e valorização dos gostos e opiniões deles de forma interativa e democrática.

Os estudantes se mostraram muito animados com a possibilidade de serem responsáveis pela programação de uma rádio, sem a interferência de terceiros, na qual pudessem se ouvir e serem ouvidos.

Explicamos que esse era um processo que dependeria de dedicação e da responsabilidade de todos e que a *radioblog* era produto final, assim sendo, que só se concluiria se fossem respeitadas as demais etapas.

Também aproveitamos o encontro para promover uma discussão sobre como chamaríamos a *radioblog*. Deixamos os estudantes à vontade para sugerirem nomes segundo suas afinidades e impressões; contudo, também oferecemos a opção do nome “Acorde na sala”, que foi aquele utilizado, de forma embrionária, durante as pesquisas iniciais de nossa pesquisa. Após algumas sugestões, e sem nosso voto, os estudantes optaram pela permanência do nome original.

A AT3 foi uma das mais longas de nosso PD, tendo sido dividida em dois momentos, o primeiro reservado à escolha da *playlist* (lista de músicas preferidas dos estudantes) de forma individual; e a segunda, reservada para socialização sobre essas preferências em pequenos grupos. Os estudantes ficaram bastante à vontade para a composição de suas *playlists* e levaram mais tempo que o previsto para essa escolha. Para uma melhor organização desta escolha, todos seguiram a orientação de 3 estilos e 5 músicas como número máximo para compor suas preferências e as respostas foram anotadas em uma folha impressa entregue a eles para essa finalidade.

Esse foi um processo no qual os estudantes se mostraram muito concentrados e motivados e semelhantemente à resposta do questionário diagnóstico, trocaram algumas informações entre si. Alguns estudantes pediram a permissão para utilizarem seus celulares como forma de checar as suas coletâneas ou tirar dúvidas sobre a grafia correta de alguma música.

O passo seguinte, já no segundo horário da mesma aula, foi reservado para a apresentação das *playlists*, seguida de uma breve justificativa quanto a essas escolhas. Foi um momento rico no qual todos puderam expor suas opiniões. Como era de se esperar, muitas vezes, foi necessária a nossa intervenção para que fossem mantidos o respeito e a organização da sala devido à agitação da turma.

Podemos perceber alguns comentários de cunho ideológico sobre a escolha de algumas estudantes por músicas do ritmo *funks*, representados pela crítica de outras que

não concordavam que “mulheres ouvissem esse tipo de música por seu caráter depreciativo à imagem feminina”.

Também percebemos que, apesar alguma homogeneidade nas escolhas, a ocorrência de gostos bastante atípicos ao esperado para essa faixa etária, tais como: choro, bossa-nova, MPB, música clássica e *jazz*.

Após essa socialização entre os componentes de cada grupo, as folhas contendo as *playlists* nos foram devolvidas para que pudéssemos conhecer e ouvir, na medida do possível, parte das músicas listadas pelos estudantes até o encontro seguinte.

Na última semana de agosto de 2017, tivemos o nosso sexto encontro que compreendeu a AT 4. Esse foi o momento dedicado à devolução da *playlist* aos estudantes com enfoque na análise sobre as possíveis influências que permearam a composição de cada das listas. Para tanto, pedimos que alguns deles, voluntariamente e de forma organizada, lessem sua lista para toda a classe como forma de retomarmos a aula anterior.

Em seguida, para organizarmos o encontro e aproveitarmos melhor o tempo, pedimos aos estudantes que anexassem sua lista a um mural elaborado para essa finalidade. Esse foi um momento bastante interessante, pois os estudantes puderam ter uma visão global da preferência dos colegas, trocarem informações, e, até mesmo, tecerem críticas e/ou considerações a algumas escolhas. Vale lembrar que, a todo momento, reiterávamos sobre a importância da aceitação das diferentes opiniões e do diálogo democrático e respeitoso, ainda que houvesse discordância de opiniões e de preferências.

Em seguida, os estudantes foram convidados a falar sobre as possíveis influências presentes na composição de seus gostos musicais. Para que isso pudesse acontecer de forma mais direcionada, alguns aspectos foram escritos no quadro da sala facilitando, assim, que os estudantes pudessem compreender o que estava sendo analisado:

Quadro 27 – Questionamentos direcionados aos estudantes.

1. As pessoas com as quais você convive têm um gosto musical parecido com o seu?
2. Caso sim, qual a natureza dessa proximidade? (pais, irmãos, amigos de bairro, amigos de escola, pessoas que conhece pela internet etc.)
3. Analise qual o perfil social dessas pessoas que influenciam seus gostos musicais, tais como idade, escolaridade (e demais relações que o estudante julgar relevantes).

4. Quem você considera o maior influenciador na composição de seu repertório musical?
5. Você imagina que se vivesse em outro local ou tivesse outro grupo de amigos, poderia possuir diferentes preferências musicais?
6. E quanto à sua turma, há alguma playlist escolhida por outro colega que jamais poderia fazer parte de seu repertório musical? Por quê?
7. Caso tenha respondido “sim” para o questionamento anterior, você crê que possa mudar sua opinião ao ser apresentado à visão do seu colega sobre a playlist dele?
8. Como você lida com essa diferença de gostos e opiniões?

Fonte: Elaboração própria.

Praticamente todos os estudantes participaram desta atividade, inclusive os mais tímidos. Os diálogos foram coletados por meio do aparelho de celular da professora-pesquisadora e enviados, posteriormente, para o e-mail coletivo criado para assuntos referentes à montagem da *radioblog*. Entendemos que somente a tomada de notas poderia não ser tão eficaz devido à dinâmica que esse encontro apresentou. Alguns registros dessas gravações estão descritos abaixo:

Quadro 28 – registro 6 – discussões em sala de aula.

Professora: “A12 fez algumas escolhas sobre ritmos que são pop, sertanejo e k-pop. Deixa eu perguntar uma coisa, essa sua preferência musical é semelhante à de alguém de seu convívio? Caso sim, que pessoa seria essa”

A12: “Não, assim.... na minha casa só escutam sertanejo e pop; mas eu comecei a escutar k-pop em 2015, mas não me aprofundei muito no assunto. Aí esse ano, o meu grupo preferido entrou em pausa (OneDirection) e eu fiquei pensando: vou encontrar algo novo pra ouvir. Então já conhecia BT’S e aí comecei a acompanhar e gostei.”

Professora: “Outra pessoa gostaria de falar?”

A2: “Assim né, galera (rsrsrsrs) eu sou influenciadora né? Minha família toda, menos o meu pai, ama sertanejo, forró e essas músicas mais dançantes. Desde que eu me entendo por gente eu escuto Wesley Safadão... aí tipo, minha mãe também, mas meu pai é mais ligado pro lado do rock. O resto da família é todo sertanejo e mais alguns amiguinho que aprenderam a gostar.”

Professora: “Mas o seu gosto preferido é sertanejo?”

A2: *“Sim, Sertanejo e forró.”*

Professora: *“E os seus amigos e as pessoas que convivem com você, gostam desse estilo?”*

(CORO) *“Mas ela obriga a gente a ouvir!”*

A12: *“Ela enfia o fone de ouvido no ouvido da gente.”*

A2: *“Uai gente, é por que tem que escutar as coisas boas da vida!”*

A3: *“Aí depois a gente vai e gosta... (risos)”*

Professora: *“Ou seja, ela influencia, mas depois vocês gostam?”*

A3: *“Sim!”*

Professora: *“Mais alguém gostaria de falar sobre seus gostos e a relação deles com a família e amigos próximos”*

A20: *“Assim, o que eu gosto de ouvir é quase tudo: rock, funk, rap e sertanejo, e lá em casa todos gostam...”*

Professora: *“Alguém gosta de algo que sua família não aprova e gostaria de falar?”*

A28: *“É assim, eu gosto de todos os estilos musicais, menos gospel... Mas eu gosto mesmo é de rap internacional, rap e funk. Só que a minha mãe e meu pai não gostam, eles gostam mais de sertanejo; aí eu coloco o som altão e a minha mãe não gosta.”*

Professora: *“Mas ela não gosta por quê? Ela acha barulhenta?”*

A28: *“Não, ela diz que a letra é ruim e coisas do tipo.”*

Professora: *“Entendi, outra pessoa gostaria de comentar?”*

A8: *“Gosto de qualquer tipo de música que me cause sentimento, desde rock até MPB; mas eu acho que a minha família é muito fechada em estilos musicais...”*

Professora: *“Como assim fechada?”*

A8: *“Por que tudo que não seja música religiosa, sofrência ou tecnobrega não é minha família. Aí qualquer coisa que eu escute fora disso, eles não escutam, tipo: rock, reggae, pop (menos k-pop, né, porque k-pop não é música)... eles não ouvem, só eu ouço.”*

Professora: *“Então você escuta algo que ninguém na sua casa escuta, certo? De onde você acha que vem essa sua influência musical”*

A8: *“Acho que de ninguém, assim... uma só pessoa... eu sempre gostei de música e de ouvir sozinho. Aí eu fiquei procurando na internet até encontrar algo parecido comigo.”*

Professora: “Eu não sei vocês, mas eu tenho a sensação que tudo que eu escuto é fruto das influências que tive, principalmente do meu pai. Mas, para concluirmos, só gostaria de pontuar, mais uma vez, algo: quando eu falo o estilo que “eu gosto”, não necessariamente quer dizer que esse estilo seja melhor ou pior do que outros, entendem? Por isso, eu gostaria que abandonássemos o conceito do que é o bom ou ruim. Por que temos o hábito de partir do pressuposto que se nós gostamos, é bom; e que se não gostamos, é ruim. Vocês concordam? Gosto não se discute, gosto se respeita!”

A23: “Professora, então não posso falar que axé e funk são lixo? (risos e vaias)”

Professora: “Não, você pode ter sua opinião, ouvir ou não, e ser respeitado nisso, mas deve respeitar o gosto que não é o seu...”

Professora: “Bem, seguindo nosso debate, vocês acham que se não morassem nesse bairro mais afastado do centro da cidade, morassem mais próximos a capital, ou até mesmo em outro estado, imagina que teria esse mesmo gosto musical?”

A27: “Tipo, eu acho que seria igual porque eu tenho um primo lá no Rio de Janeiro e ele gosta de funk, muito mais que eu; na verdade ele, que é mais velho, foi quem me influenciou a gostar de funk também. Antes eu não gostava de funk, era o maior “corta pulso” o maior “emo”, mas agora eu sou “chave⁵¹”. (risos da turma).”

Professora: “Deixa eu ver se eu estou entendendo, você disse que o local em que mora não influencia no seu gosto, mas afirma que foi influenciado pelo seu primo, do Rio de Janeiro, a ouvir funk?”

A27: “Porque “tipo”, se foi ele que me influenciou, ele poderia morar aqui também; eu também podia morar no Acre e ele iria me influenciar do mesmo jeito, sacou?”

Professora: “Mas você não acha que por ele ser do Rio, ele tenha uma maior influência do funk?”

A27: “Pior que tem sim, professora, por que você desce do avião e já está tocando aquela batidona na sua cabeça, kkkkk É maior cabuloso!”

A19: “É professora, no Cruzeiro a gente ouve muito samba, é a galera que veio do Rio pra cá, então tem influência sim, de tanto ouvir, a gente gosta de tanto ouvir, sei lá... (risos).”

A26: “Eu acho, por exemplo, até acho que se morasse em outro lugar, poderia ter um gosto diferente; mas a internet meio que ... junta tudo, mas.... eu acho que (o lugar)

⁵¹ Termo semelhante a “descolado”.

altera o gosto sim! Mas assim, professora, eu escuto muito rap, rock e clássica, mas eu não conheço ninguém que escute música clássica como eu.”

Professora: “Aqui, na sua sala, ninguém escuta música clássica?”

A26: “Eu ouvi falar que o A23 escuta, mas tipo... um não influencia o outro, partiu (o gosto) de mim mesmo.”

(.....)

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Dessa forma, todos aqueles que desejavam expor suas opiniões acerca de suas preferências musicais foram incentivados a fazê-lo. Também alertamos que retomariamos aquela discussão no próximo encontro, visando aos próximos passos da composição da *radioblog*.

Na primeira semana de setembro de 2017, demos início à AT5. Para tanto, convidamos os estudantes a retomarem a discussão do último encontro, porém informamos que esse momento seria destinado à composição de comentários sobre essas afinidades musicais, desta vez, na modalidade escrita.

Para a produção dos comentários, os estudantes foram orientados a monitorar a sua escrita tendo em vista os objetivos propostos – justificar, apresentar, “defender”, um determinado estilo, música, artista ou grupo. Para facilitar a pesquisa sobre a temática escolhida e, conseqüentemente, a escrita, os estudantes foram levados à sala de informática e orientados a acessarem *sites* que pudessem ampliar o conhecimento deles sobre o tema escolhido.

Vale ressaltar que a escolha da temática era individual, mas permitimos e incentivamos que os estudantes negociassem com os colegas a possibilidade de criação de duplas ou grupos para a composição dos comentários, baseados em afinidades observadas pela convivência ou pelas discussões das aulas anteriores.

Após essa negociação, a turma formou 10 grupos que intitularemos de G1, G2, G3... G10; como podemos verificar abaixo:

Quadro 29 – formação dos grupos, temática e integrantes (comentário).

GRUPOS	TEMA	INTEGRANTES
G1 ⁵²	Wesley Safadão	A1-A2-A3
G2	Trap	A4-A5-A6-A7
G3	Choro	A8
G4	Supercombo	A9-A10-A11
G5	K-pop	A13
G6 ⁵³	Sertanejo universitário	A15-A16-A17
G7	Funk	A18-A19-A20-A21-A22
G8	Rock	A23-A24-A25-A26
G9	Funk 2	A27-A28-A29-A30-A31
G10	Gospel	A32-A33

Fonte: Elaboração própria.

Apenas dois estudantes decidiram pela escrita individual para a produção dos comentários; todavia, somente um dos estudantes – (G3/A8) – permaneceu deste modo até a escrita final. Dois estudantes não estavam presentes neste encontro, por este motivo não participaram da primeira produção; porém, nos encontros seguintes, se inseriram em grupos já formados – A12 no G5 e A14 no G6. Cabe ressaltar também que somente dois grupos não permaneceram na mesma temática para a produção do gênero *spot* (G1 e G6), como veremos mais a diante.

Não foi possível a conclusão dos comentários nesse encontro devido à demora nas negociações da formação dos grupos e da temática que comporia a produção textual, desta forma, eles foram informados que na aula seguinte deveriam entregar uma cópia do comentário por escrito, bem como apresentá-los à turma.

Na AT5, iniciamos as apresentações dos comentários com a organização a turma, obedecendo à formação dos grupos. Os estudantes foram orientados que poderiam selecionar e armazenar músicas em formato mp3 em seus celulares para que trechos pudessem ser inseridos aos comentários produzidos por eles como forma de complementar

⁵² O G1 utilizou a temática “Wesley Safadão” para a produção dos comentários; contudo, para a composição do gênero *spot*, foi feita a substituição pelo artista “Jonas Esticado”.

⁵³ O G8, que utilizou o estilo musical sertanejo universitário para composição do comentário, também optou por uma nova temática para a radioblog: o pop latino.

a apresentação. Os estudantes também foram informados de que as apresentações seriam gravadas com o auxílio do nosso aparelho celular para futuras análises.

É importante ressaltar que, por mais que os estudantes partissem de um roteiro previamente escrito para as apresentações, a audição dos comentários oralizados indicou alterações entre aquilo que foi escrito e aquilo que foi oralizado, deixando claras as marcas da oralidade que imprimem características diferentes aos textos previamente escritos.

Ademais, a presença de hesitações e expressões como “aí” e “né”, no início de muitas argumentações, não deixaram o texto oralizado menos coerente ou incompreensível. Como também acrescentaram, a muitos deles, marcas de emoção e subjetividade (suspiros, risos, ênfases) impossíveis de serem descritas somente no registro escrito dos comentários aqui expostos.

O primeiro grupo a se apresentar foi o G1, que trouxe a temática do cantor Wesley Safadão, sendo que apenas dois dos seus integrantes participaram da apresentação (A1 e A2), pois o terceiro estudante não compareceu à aula.

Em sua apresentação, eles mesclaram informações do cantor e de sua trajetória à audição de trechos de duas canções para compor o comentário⁵⁴ produzido por eles, como podemos verificar a seguir:

Quadro 30 – Registro 7 – comentário do G1.

Wesley Safadão

99% anjos, perfeitos e 1% vagabundo

O futuro presidente do país

O dono dos maiores hits, e o cara mais safado do Brasil.

Wesley Oliveira da Silva, mais conhecido como Wesley Safadão.

O cantor forrozeiro, mais puxado pro sertanejo. Ele tem apenas 29 anos e já conquistou o país quase todo e está começando sua carreira internacional.

Ele gravou seu terceiro CD solo em Miami Beach e teve uma turnê agora, recentemente, semana passada, nos Estados Unidos.

⁵⁴ Como já exposto, os comentários aqui apresentados referem-se aos entregues na modalidade escrita, tendo sido oralizados para a apresentação dos grupos ou não. A exceção foi do grupo responsável pelo funk 1 (G9) do qual o registro aqui exposto é resultado do áudio captado pelo celular da professora-pesquisadora durante a apresentação, tendo em vista que o grupo não apresentou o roteiro na modalidade escrita.

Ele tem um cabelo maravilhoso e que causa inveja em qualquer garota, também tem o “hit” “Ar condicionado no 15º”, que está no 3º lugar das mais ouvidas no Spotify, na playlist de sertanejo, e “Ressaca de saudade” vem logo embaixo em 16º lugar. E é aquele ditado, né: tem que respeitar o Safadão porque ele veio pra conquistar o mundo... Vai Safadão!!!

Fonte: dados coletados por meio da proposta aplicada.

O segundo grupo a se apresentar foi o G9 que falou sobre o *funk* carioca. O grupo pautou a sua composição em argumentar que o estilo não seria composto apenas por apologia ao uso de drogas e que muito desse “preconceito”, segundo eles, advinha do fato de ser este um ritmo que nasceu na favela, mais precisamente nos morros do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A apresentação do G9 não ocorreu de forma organizada, inclusive, com a presença de algumas palavras de baixo calão e muitas marcas de oralidade em contexto menos formais de uso da língua. O grupo também não entregou a versão na modalidade escrita e a apresentação para a turma foi realizada por meio de fala espontânea e sem pesquisa prévia para fundamentar a defesa do ponto de vista.

Quadro 31 – Registro 8 – comentário do G9.

Funk 1

Então né, a gente vai falar sobre o *funk*, a gente vai defender o *funk* em relação às drogas. Têm uns funks que são mais pra dançar, mais para “pegar” as novinhas entendeu? Porque eles são mais ritmo, como você pode notar (trecho). Mas nós temos também os *funk* tipo do *Mc Lan*, que não dá para dançar porque fala só sobre drogas e de muita putaria. E aí qual é a do funk? Ele é marginalizado porque o pessoal que fala o funk é da favela e que lá só tem ladrão, aí eu falo eu vim da favela e eu não sou ladrão...

E aí tipo, os primeiros MC que tiveram eram do morro do Rio de Janeiro ou de São Paulo e se você for notar quase todos os funkeiros de hoje são de São Paulo ou do Rio de Janeiro, da rocinha, da cadeia, tanto faz...

Aí tipo, foi por causa disso que ele ficou marginalizado. Mas na verdade o funk é uma mistura de música Latina com música brasileira e outras coisas doidas aí. Tem umas

músicas que são mais alegres e que tipo assim tem letra, já tem outras que são assim tipo mais pesadas né!

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Após ser concluída a participação do G9, conversamos com o grupo sobre a organização do comentário e se eles consideravam que o objetivo de defender o *funk* havia sido alcançado por meio da argumentação realizada. O grupo concordou que a ideia central da argumentação (visão preconceituosa que correlaciona o morro, ou lugares de maior pobreza, ao tráfico e à bandidagem) era boa, mas que eles haviam se “perdido” por conta das brincadeiras e do descuido com as etapas anteriores à apresentação do comentário. Desta forma, os estudantes se comprometeram a refazer o comentário e entregá-lo em aulas futuras, fato este que não aconteceu.

O próximo grupo a se apresentar foi o G2 e abordou o ritmo *Trap*, que é um estilo eletrônico muito dançante e popular entre os jovens. Este comentário foi pouco articulado com presença excessiva do verbo “ter” e da conjunção “e”.

Quadro 32 – Registro 9 – comentário do G2.

Trap

“O trap é, praticamente, uma mistura entre rap e eletrônica. Mas tem suas variedades, como traps que são só sons de instrumentos e tem aquelas que são mais levadas para o rap. E também tem umas que usam o som da boca para fazer a música. Mas o que consiste mais no rap é que o destaque da música é a voz do cantor. Aí vai botar uma música que é do tipo: “Oracle”. Foi criada em 1930.”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

O G7 foi o próximo grupo a se apresentar e também escolheu o *funk* como temática; contudo com uma abordagem diferente do G9. Os estudantes optaram pela defesa, ainda que de forma pouco elaborada, contra a afirmação dele ser um ritmo machista, porém se embasaram em argumentos pouco convincentes, tais como: “quem reclama está de *mimi*”, ou ainda “procurando direito você encontrar letras legais”. Logo em seguida, pareceram se contradizer, uma vez que afirmaram a existência de “muitas músicas machistas que diminuem o nível da mulher de várias formas”.

Durante a leitura desse comentário, os próprios estudantes afirmaram que o texto estava “confuso e contraditório”, opinião compartilhada pelos colegas.

Quadro 33 – Registro 10 – comentário do G 7.

Funk2

O funk é um estilo de música agitado, e dependendo da letra, serve para festas. Muitas pessoas não gostam e ficam de mimimi por causa da letra, mas se procurar direito encontram músicas com letras legais.

No funk brasileiro, há muitas músicas machistas que diminuem o nível da mulher de várias formas, mas também têm outras que são mais de boa.

Músicas: Mc Don Juan - Na intenção

Mc Livinho - Fazer falta

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

O próximo grupo a se apresentar foi o G10 que escolheu comentar sobre o *gospel*. Para esta apresentação, os estudantes optaram por reforçar que a temática por eles escolhida não se trata de um único estilo apenas, mas sim de vários estilos (rap, funk, sertanejo, rock...) agrupados em torno de uma mesma finalidade religiosa (cristã).

Quadro 34 – Registro 11 – comentário do G 10.

Gospel:

O gênero gospel, basicamente, traz nas letras das músicas a palavra de Deus. Ele é muito popular, porém a maioria não curte muito.

A maioria das pessoas que ouvem gospel é evangélica, mas isso, claro, não é uma regra, afinal a letra é dedicada a todos.

O gospel traz o ritmo de "adoração", rock, reggae, forró, sertanejo, romântica, dentre muitos outros ritmos.

Dentre os cantores mais conhecidos temos: Anderson Freire, Aline Barros, Fernanda Brum, Fernandinho, e várias outras bandas e cantores de todas as nacionalidades.

Então, todos aqueles que se interessam em até mesmo conhecer um pouco mais sobre Jesus e sua palavra, o gospel é uma ótima escolha. Vale a pena ouvir e conhecer!

Músicas recomendadas:

- *Nele a gente pode confiar: Paulo Cesar*
- *Seu nome é Jesus: Fernandinho*
- *Tentei levar a vida sem você: Thales Roberto*

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

O último grupo a se apresentar foi o G5 que, originalmente, era composto por um único integrante; contudo, uma estudante - A12- passou a integrá-lo. Para compor o comentário, o grupo escolheu um ritmo pop coreano não tão conhecido: o K-pop.

Quadro 35 – Registro 12 – comentário do G 5.

K-Pop

Hoje irei falar sobre K-pop,

K-pop é um estilo de música como qualquer outro, sem preconceito, é a mesma coisa do “A-pop”, que é o pop americano, só que o K-pop é o pop coreano.

"Palmas, palmas"

Então vou explicar, K-pop é um estilo que está migrando mais por agora para outros países, já que eles eram conhecidos, mas na Coreia, que é o país deles. Mas, esse estilo ainda recebe muito preconceito por causa da língua/idioma que é meio "diferente". Uma música que você pode perceber bem a língua é Boy In Luv.

Essa música é de um grupo chamado BTS ou Bangtan. Esse é um dos vários grupos famosos do K-pop.

Outros exemplos são:

- * Exo
- * Got7
- * Seventeen
- * Monsta X
- * Big Bang

Existem também os grupos femininos como:

- * Girlfriend
- * Twice
- * Blackpink
- * Red Velvet

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

O G8, responsável pelo *rock*, não teve tempo para a apresentação oral. Concordamos, então, que eles entregassem o comentário na sua versão escrita e que o mesmo fosse apresentado para a turma na aula seguinte.

Quadro 36 – Registro 13 – comentário do G8.

Rock

O Rock'nRoll foi um movimento de contracultura que surgiu após a segunda guerra.

O estilo conta com diversas personalidades muito importantes como Jimi Hendrix e os Beatles.

Hoje em dia, o Rock possui vários subgêneros como o heavy metal, o rock alternativo, o Nu metal e etc. Atualmente os subgêneros, mas famosos são o indie rock e o rock alternativo.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

O G3 (choro), composto de apenas um membro, não se apresentou devido à ausência do estudante naquela aula; porém, o comentário foi entregue na semana subsequente, o mesmo ocorrendo com o G4 (Supercombo).

O G6 também não teve tempo para apresentar seu comentário, entregando apenas a versão na modalidade escrita, que pode ser lida abaixo. Esse grupo recebeu mais um integrante (A14) e optou pela mudança de temática quando da escrita do gênero *spot* – de sertanejo universitário para pop latino⁵⁵.

Quadro 37 – Registro 14 – comentário do G 6.

Sertanejo:

Meu grupo chegou à conclusão de que o sertanejo é um estilo musical que se aproxima ao estilo romântico. É uma coisa gostosa de se escutar, quando se está apaixonado, o amor correspondido ou muitas das vezes não correspondido, “a famosa dor de corno”, todos esses sentimentos são correspondidos ao se conectar com o sertanejo universitário.

Uma grande dupla representante do sertanejo são os cantores: Jorge e Mateus

É considerado um dos ritmos mais usados pelo público jovem.

É um estilo originalmente brasileiro.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

⁵⁵Como já mencionado anteriormente, 8 dos 10 grupos permaneceram com o mesmo tema tanto para composição do comentário, quanto para o *spot*, a exceção foram G1 e G6, que mudaram do cantor Wesley Safadão e do ritmo sertanejo universitário, para o cantor Jonas Esticado e o ritmo Pop latino, respectivamente.

De forma geral, os grupos optaram por mesclar trechos de músicas, informações presentes nas páginas da *internet* e opiniões próprias para a composição dos comentários. Quanto à apresentação na modalidade falada, deixamos que os grupos escolhessem entre eles quais integrantes participariam das exposições orais. Assim sendo, apesar do excesso de agitação da turma durante as apresentações ter interferido na concentração e feito com que, muitas vezes, fosse necessário interrompermos a fala de um ou outro grupo para chamar a atenção dos colegas, a maioria dos estudantes demonstrou facilidade em falar em público e conhecimento sobre o assunto tratado.

Nossa atividade seguinte foi a referente ao gênero *spot*. Para tanto, sistematizamos a AT6 com vistas a apresentar a funcionalidade e as características deste gênero textual da esfera jornalística. Iniciamos a abordagem, perguntando aos jovens se eles já haviam ouvido falar sobre este gênero. Como resposta, alguns deles deram suas opiniões, mas nenhuma que se relacionasse ao gênero em questão.

O nosso próximo passo foi levantar a seguinte hipótese: se você fosse responsável pela programação de uma rádio com estilos e músicas que representam sua identidade cultural e sua visão de mundo e pretendesse divulgá-la, como você faria?

Os estudantes deram algumas sugestões, entre elas: divulgação pelas redes sociais, grupos de *Whatsapp*, veiculação de anúncios em canais de rádio e televisão e, até mesmo, folhetos entregues em locais de grande circulação de pessoas na cidade.

Então passamos para a segunda hipótese: e se você tivesse que produzir um anúncio para ser veiculado em sua rádio para convidar ouvintes a também acompanharem sua programação? A essa hipótese, os estudantes formularam algumas respostas, dentre elas, destacamos:

Quadro 38 – Registro 15 – discussões em sala de aula.

A9: “Acho que eu faria um anúncio com muita música, que tocasse na rádio, e depois faria um convite, tipo assim: galerinha, venham ouvir a melhor rádio da cidade: a minha rádio! (risos)”

A20: “Eu ia dizer que aqui só toca música massa, e ia colocar uns efeitos sonoros bem chamativos, e aquele outro negócio que fica repetindo nas rádios.... isso, isso, uma vinheta, bem fera e chamativa.”

A27: “Ai, né, a gente toca uns funk, pra novinha ficar feliz (risos).”

A25: “Professora, assim, eu acho que como é na rádio, deve ser curto e não ficar falando demais senão a gente troca atrás de música, né? Também acho que precisa de fundo musical, trechos de música, efeitos, sei lá, mas tem que atrair quem tá ouvindo...”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Passado esse momento de reflexões, escrevemos o nome *SPOT* no quadro da sala e perguntamos o que este nome teria a ver com aquilo que estávamos conversando. Alguns acharam que o *spot* seria semelhante à vinheta, mas outros concluíram se tratar de um anúncio veiculado em rádio. Após introdução, e com o auxílio do *Power Point*, apresentamos alguns conceitos e exemplos sobre esse gênero textual.

Nossas atividades e a forma de abordá-las levaram em conta ideias afins às de Bronckart (apud MARCUSCHI, 2013, p. 33), quando afirma que: “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Assim sendo, partimos de uma situação real de uso da língua (promover a *radioblog* escolar) para a produção de um determinado gênero textual: o anúncio radiofônico *Spot*.

Nossas atividades, como detalhado na seção 6.1 deste trabalho, visaram agrupar o maior número possível de características que julgamos necessárias para a produção do *spot*, começando pela situação de uso, seguimos pelo conceito e, enfim, chegando aos exemplares do gênero para uma melhor compreensão sobre o texto proposto. Somente após essas etapas, os estudantes foram convidados a produzir seus próprios exemplares do gênero, retomando a *playlist* elaborada na AT4.

Dando início à AT6, apresentamos dois exemplos de comerciais muito conhecidos na década de 1990: “Compre Batom” e “Pipoca com guaraná”, seguido dos conceitos de *jingle* e *spot*. Os estudantes não tiveram dificuldade em perceber que o primeiro anúncio se ancorava na modalidade falada, enquanto o segundo, na música; sendo assim, *spot* e *jingle*, consecutivamente. Apesar de algumas poucas discordâncias, os estudantes também concordaram que os dois anúncios poderiam ser transmitidos tanto na TV quanto no rádio e terem suas mensagens compreendidas.

Quadro 39 – Registro 16 – discussões em sala de aula.

A8: *“Professora, na televisão, o do chocolate fica mais completo, porque a imagem ajuda a perceber que a mãe tá sendo... é... hipnotizada. Que dá pra entender, dar, mas é melhor com a imagem.”*

Professora: *“E no exemplo 2, há diferença?”*

A8: *“Acho que não, né, porque também é música, nem precisa da imagem...”*

A25: *“Peraí, não é só por isso, não; eles tipo assim, colocaram o barulho da pipoca estourando, do guaraná no copo, isso não foi pela música, foi os efeitos mesmo que eles usaram”*

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Aproveitamos também a exibição desse anúncio para destacarmos a utilização de adjetivos, criteriosamente selecionados com o intuito de ressaltar as qualidades do produto anunciado. As discussões que se sucederam, levaram os estudantes formularem sobre a existência de “estratégias”, por parte dos anunciantes, para chamar a atenção dos consumidores e que elas, quase sempre, não estão pautadas em critérios éticos ou condizentes com a realidade do produto anunciado.

Um detalhe que ficou evidente para os estudantes no 1º exemplo apresentado, foi a utilização da frase “Compre batom”, dita pelo protagonista do anúncio de forma insistente e associada à prática de hipnotismo, deixando clara a “irresistibilidade” do produto na mensagem do anunciante.

Os estudantes se mostraram muito participativos durante essas reflexões e apontaram vários exemplos de *slogans* e de campanhas publicitárias que viraram “marcas” registradas de determinado produto, de forma positiva ou não. Dentre os exemplos citados, podemos destacar o emprego da expressão “quer pagar quanto”, vinculada a uma conhecida rede de móveis e eletrodomésticos, os canais de venda em TV aberta e as inúmeras publicidades patrocinadas em *sites* e em redes sociais na *web*, que, muitas vezes, de forma acintosa, “invadem” a tela do computador alheias à vontade do usuário.

Após explorarmos essa característica, que consideramos fundamentais ao nosso trabalho, retornamos à questão do suporte, perguntamos aos estudantes se eles se lembravam de algum comercial que tivesse sido apresentado tanto na TV como na rádio sem nenhuma alteração/adequação quanto à sua apresentação. A maioria não conseguiu responder, alegando que não prestavam muita atenção a anúncios de rádio; já outros, chegaram a citar alguns exemplos, mas todos eles referentes a anúncios televisivos.

Aproveitamos essa situação para perguntar o porquê dessa pouca atenção dos jovens aos “comerciais” nas rádios. Algumas de nossas considerações e parte das respostas dos estudantes, podem ser acompanhar no quadro a seguir:

Quadro 40 – Registro 17 – discussões em sala de aula.

A29: “Por que comerciais são chatos e atrapalham a programação musical, ué, (risos)”

A33: “Não, nem sempre é chato, mas é que a gente troca logo, tipo, não temos muita paciência”

Professora: “Será que são chatos mesmo? Depois voltamos a esse ponto. Agora quero que pensem, se você precisasse levar um comercial da TV para o rádio, qualquer que tenha vindo a sua mente, você poderia apenas apresentá-lo na TV ou teria que adequá-lo?”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Após essas e outras reflexões e trocas de opiniões, os estudantes concordaram que deveria haver adequações para a mudança de veículo (rádio/TV). Achamos, então, este momento propício para mostrarmos o próximo exemplo, que demonstra de forma criativa e engraçada, a necessidade de adequação para que um anúncio de origem televisiva seja eficiente, do ponto de vista comunicativo, ao contexto radiofônico.

Procedemos, então, à exibição do vídeo presente no canal *YouTube* de um antigo anúncio de chocolates, intitulado “Tortuguitas estúpidas”. Para que o nosso objetivo fosse alcançado, optamos por duas exibições: a primeira apenas com o áudio, sendo as imagens omitidas; e o segundo, com áudio e imagem.

O vídeo em questão é de anúncio televisivo, muito divulgado na década de 1990, que apresenta duas tartarugas conversando; porém, em um dado momento, uma delas tem sua cabeça (de chocolate), devorada pela outra.

Na primeira exibição, como era esperado, apesar dos efeitos sonoros, os estudantes não conseguiram determinar tudo que havia acontecido na cena. A pedido deles, repetimos mais de uma vez o áudio sem as imagens e todos da turma colaboraram com o silêncio na tentativa de “desvendar” aquilo que só conseguiram ouvir.

Por uma questão de dedução, um estudante percebeu que uma delas havia “comido a cabeça de chocolate da outra”, mas essa opinião não foi aceita pela maioria. Após uma breve discussão dos estudantes sobre as possibilidades da mensagem, fizemos a exibição do anúncio completo (áudio e imagem), o que confirmou a hipótese do aluno. Assim sendo,

a turma foi unânime em concordar que, para uma melhor compreensão de toda a cena, a imagem foi fundamental a esse exemplo.

Nossa próxima exibição foi a de um *spot* que trazia um alerta à população sobre a importância da economia de água. O vídeo em questão, além de ser centrado na palavra falada, possuía uma série de recursos sonoros que contribuíam para a produção de seu sentido.

Após essa apresentação, comparamos os detalhes dos dois últimos exemplares do gênero com vistas a que os estudantes pudessem notar as diferenças entre um anúncio publicitário feito exclusivamente para a TV e um *spot*, produção de natureza radiofônica.

Quanto à intencionalidade do último *spot* exibido- Economize água - em relação aos demais, pedimos aos estudantes que anotassem a finalidade, o público-alvo e outros aspectos que eles julgassem relevantes no exemplo apresentado. Sobre esse aspecto, os estudantes não tiveram dificuldade para perceber que esse último não possuía objetivos comerciais, e sim, o de conscientizar a população acerca do uso racional da água.

Quadro 41 – Registro 18 – discussões em sala de aula.

A26: “*A finalidade desse aí não é vender, já o outro era, mesmo sem falar assim, diretamente. Esse agora traz dados pra provar que a água pode acabar. E foi interessante que eles colocaram uns sons, de água caindo, descarga...*”

A1: “*Até torneira abrindo e moedas caindo, foi bem legal, (risos)*”

A23: “*Assim... esse não vende um produto, mas vende uma ideia, um defende...meio aquilo que a senhora falou pra gente fazer com as músicas, só que de outro jeito.(risos)*”

A29: “*É igual, mas é diferente... (risos)*”.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Vale ressaltar que, desta vez, fizemos o movimento inverso àquele utilizado no exemplo das tartarugas. Assim sendo, exibimos o áudio e a imagem e, após os comentários dos estudantes, exibimos somente o áudio. Nosso intuito era que os jovens pudessem perceber que, no caso do *spot*, a imagem é somente um detalhe a mais e não uma obrigatoriedade para a construção de sentido.

Nossa aula já estava nos minutos finais e os comentários continuavam, pedimos, então, que os estudantes ouvissem rádio em suas casas e pesquisassem um exemplo do gênero *spot* para, em seguida, anotarem características dele, tais como: finalidade, público-alvo, tipo de linguagem (mais ou menos formal) e elementos sonoros agregados à fala para

a construção de sentidos como forma de ampliar o conhecimento da turma sobre o gênero em estudo.

Na última semana de setembro de 2017, retomamos a AT6, pedindo aos estudantes que comentassem sobre a atividade passada na aula anterior. Infelizmente, muitos alegaram esquecimento, mas alguns fizeram a atividade complementar, como podemos acompanhar a seguir:

Quadro 42 – Registro 19 – discussões em sala de aula.

A14: “Professora, ouvi um sobre uma escola de inglês, que tinha finalidade comercial, né? A linguagem era mais informal e era para todos os públicos, mas creio que era mais pros jovens. Sobre recursos? Tinha não, só a fala mesmo e uma musiquinha no final.”

A7: “Eu ouvi um sobre não jogar lixo na rua, era do governo, sei lá, era pra todo tipo de público também, porque todo mundo pode jogar lixo na rua, né? E falava de mosquito da dengue, tinha um barulho de chuva e de mosquito, acho que é só isso...”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Aproveitamos as naturezas distintas dos exemplos apresentados pelos estudantes para apresentar uma classificação do gênero segundo a finalidade de cada um deles, a saber: i) *spot* comercial (venda de um determinado produto ou serviço); ii) educativos (promover ideias, sem fins lucrativos); iii) institucionais (divulgar e/ou promover uma determinada instituição) (SILVA, 1999).

Logo em seguida, exibimos o *spot* “*Não estrague a primeira impressão*”, para apresentarmos alguns recursos utilizados em sua composição. Reafirmando a necessidade de explorar recursos criativos para a construção de sentido e distanciar o gênero textual *spot* de um texto com características exclusivamente opinativas ou descritivas.

Essa apresentação foi iniciada pela imagem⁵⁶ de um casal e título original do *spot*: “*Não estrague a primeira impressão*” em *PowerPoint*. Em seguida, levantamos hipóteses sobre qual seria a temática, a finalidade e a que público se destinava o *spot*, a esses questionamentos, obtivemos respostas bem distintas:

⁵⁶Como detalhado na descrição do Protótipo Didático (seção 6.1 deste capítulo).

Quadro 43 – Registro 20 – discussões em sala de aula.

A3: “Acho que é de chicletes, ele parece ter mau hálito. (risos)”

A8: “Desculpa, professora, mas acho que é Viagra”. (“risos”)

A25: “Sei não, acho que não vende nada, deve ser de violência contra a mulher, aposto...”

Fonte: Dados elaborados por meio da proposta aplicada.

Após essas e outras hipóteses, passamos para a exibição do *spot* de fato, com áudio e imagem. Os estudantes se mostraram bastante surpresos com a quebra de expectativa gerada pela progressão temporal da narrativa; uma vez que, seu início parecia indicar um encontro amoroso, mas que na verdade, apresentava um acidente de carro, seguido de uma morte em decorrência de embriaguez ao volante.

Com o intuito de explorarmos os efeitos sonoros presentes no *spot* que serviam como recursos expressivos de grande valia para o objetivo comunicativo no anúncio, pedimos aos estudantes que o escutassem mais uma vez, agora anotando todos os recursos sonoros presentes no exemplo e, em seguida, apontassem sua importância para criar o efeito de alerta sobre os riscos de se aliar álcool e direção.

Após essa atividade, fizemos uma 3ª exibição do mesmo *spot*; porém, desta vez, deixando mudos todos os recursos sonoros para que os estudantes pudessem perceber o quanto a sonoplastia era importante para o entendimento daquele texto.

Dessa forma, aproveitamos para explorar os recursos sonoros não apenas como “pano de fundo” ou como apenas mais um detalhe que enriquece o trabalho; uma vez que, neste exemplo, o som participava ativamente como forma da narrativa, mudando o cenário e produzindo um desfecho (som de freada de carro, batida, vidros quebrando e sirene).

Após a conclusão dessas apresentações, entregamos aos estudantes folhas impressas com um resumo das características abordadas nos dois últimos encontros, juntamente com a uma cópia na modalidade escrita de todos os anúncios televisivos e *spots*, com seus respectivos endereços de acesso e demais informações referentes aos *slides* apresentados na AT6.

Os estudantes foram orientados a anexar todo o material entregue a eles na pasta portfólio, alertamos também que eles serviriam de orientação para as etapas seguintes. Também foram entregues aos estudantes, nesse mesmo encontro, modelos de roteiros impressos do gênero textual *spot* e um exercício para fixação do conteúdo dado. Desta forma, encerramos a AT6, que compreendeu 4 encontros, destinados à apresentação do gênero.

A AT7 iniciou-se na primeira semana de outubro e devido a este mês ter um calendário escolar atípico⁵⁷, optamos por aproveitar ao máximo o período em que os estudantes estariam em casa para orientarmos na resolução de atividades e demais encaminhamentos necessários ao trabalho. Para isso, criamos um grupo de *WhatsApp* exclusivo para o projeto, tendo a professora-pesquisadora como administradora.

A participação no grupo era de caráter voluntário, porém, a adesão foi de 90% dos estudantes, um número considerado bastante significativo por nós. Desta forma, esse grupo se mostrou uma ferramenta de grande auxílio à pesquisa, sobretudo, se levarmos em conta a complexidade das etapas que se seguiram, aliadas às demandas da escola, que já tornam nossa agenda muito condensada.

A correção da atividade proposta na aula anterior transcorreu sem maiores dificuldades. As perguntas eram simples e resumiam tudo aquilo que havia sido dito e explicado anteriormente. Por este motivo, a correção foi coletiva; contudo, nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos, o que não nos foi solicitado.

Dedicamos uma atenção maior, durante a correção, à necessidade de o autor do gênero estar atento a todas as informações necessárias para “vender” seu produto ou ideia, e que essa produção, para se tornar eficiente, necessitaria de um roteiro prévio.

Após essa correção, iniciamos de fato as atividades previstas para a AT7 com vistas à produção do *spot* autoral, obedecendo à divisão descrita na seção anterior, destinada às etapas da aplicação do PD.

Para procedermos às análises, alguns roteiros impressos foram entregues aos estudantes. A ideia inicial era que a turma fosse conduzida para a sala de informática para que pudessem explorar alguns *sites*. Contudo, devido a fortes chuvas, a escola ficou sem sinal de *internet*; então, tivemos que optar pela exibição dos vídeos propostos na própria sala de aula com o auxílio do *Data Show* e do computador.

Ao todo, os estudantes analisaram e responderam, oralmente e em conjunto, questões referentes a três *spots*. Perguntas tais como público-alvo, finalidade, elementos extratextuais e demais especificidades do gênero foram respondidas sem maiores dificuldades.

Outro aspecto que achamos fundamental abordar foi a temática de cada um dos *spots* apresentados, sendo eles, respectivamente: i) uso de cinto de segurança; ii) contra o

⁵⁷ Além dos feriados e dos passeios referentes às comemorações do dia das crianças próprios ao mês de outubro, a escola participante da pesquisa promove seus jogos interclasse no mesmo mês, o que limita os encontros entre professores e alunos, neste período, na sala de aula

desmatamento; iii) a importância da reciclagem. Os estudantes foram muito participativos, concordando que campanhas como estas são importantes para a conscientização da população. Desta forma, entendemos que foi possível explorar temas transversais de suma importância para a construção da cidadania, conforme preconizam os PCN, como percebemos pelos comentários descritos abaixo:

Quadro 44 – Registro 21 – discussões em sala de aula.

A1: “Professora, a população precisa levar um choque para pensar melhor. Todos sabem que precisam usar cinto de segurança, mas somente quando olham algo chocante, ou acontece com alguém da família é que para pra pensar melhor.”

A13: “Às vezes só a informação, a gente não presta muita atenção, muito bacana colocar esse jogo de futebol para mostrar que estão acabando com as florestas. A maioria das pessoas, tipo... acham que isso é problema só dos outros e não de todo mundo, sabe?”

Fonte: dados coletados por meio da proposta aplicada.

Aproveitamos esse comentário para reforçar o papel social e promotor de cidadania presente nas campanhas publicitárias e a importância da criatividade e dos aspectos polissêmicos da palavra para a produção de um texto coerente, coeso e que atenda à intencionalidade da mensagem pretendida.

Em seguida, pedimos que eles imaginassem um problema social que gostariam de solucionar e uma frase, semelhante a um *slogan*, que pudesse servir de título para um futuro roteiro.

Contudo, propositalmente, alertamos que somente os quatro primeiros alunos que se voluntariassem, levantando a mão, apresentariam seu slogan para a turma; os demais, o fariam como tarefa de casa e anexariam ao *portfólio*. Abaixo apresentamos os quatro primeiros títulos elaborados pelos estudantes e que escrevemos no quadro para a visualização de toda a turma:

Quadro 45 – Registro 22 – discussões em sala de aula.

A7: “A rua não é lixo, seu porcalhão!”
 A21 “Bebida e direção não combinam!”
 A26 “Se beber deixe o carro em casa!”
 A33 “Já doou vida hoje? Doe sangue e salve uma vida!”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Perguntamos, a seguir, aos quatro estudantes que oralizaram seus *slogans*, se eles acreditavam ser possível aperfeiçoar suas ideias se tivessem mais tempo para preparar um roteiro e obtivemos, com unanimidade, a resposta “sim.”

A seguir, apresentamos a leitura do roteiro de um *spot* intitulado “A dança”, que, de forma criativa e crítica, alia a técnica da composição à temática do balé como forma de alertar à população sobre a falta de investimentos em arte na cidade de Fortaleza. Esse roteiro serviu para que os estudantes pudessem perceber a importância de um roteiro bem escrito, além de começarem a se familiarizar com algumas características próprias de um roteiro para gravação radiofônica, tais como “*Background*” (Som de fundo do *Spot*), “*Fade in*” (Som começa baixo e vai aumentando o volume) e “*Fade out*” (Som começa alto e vai baixando o volume).

Para a conclusão desse encontro, os estudantes receberam o roteiro que continha somente a fala do narrador⁵⁸ como objetivo de que os estudantes fossem os responsáveis pelo preenchimento do campo referente aos possíveis efeitos sonoros, levando em conta a finalidade do *spot*, o produto anunciado e o contexto de produção. Contudo, antes do preenchimento, pedimos que os estudantes fizessem, individualmente, a leitura do roteiro inacabado para que percebessem suas particularidades e, assim, facilitasse a resolução da atividade proposta.

Em seguida, com a turma em círculos e de forma voluntária, todos tiveram a oportunidade de ler suas respostas. De forma geral, os estudantes demonstraram bastante facilidade em agrupar as ideias presentes no texto: um cachorrinho que quebra um objeto da casa à narração de futebol. A seguir, algumas respostas:

⁵⁸ Em anexo na seção 6.1 desse capítulo no campo referente à AT7.

Quadro 46 – Registro 23 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 1ª Parte</i>
<i>Locutor esportivo (narra como futebol durante todo texto):</i> <i>Rex entra pela porta da cozinha. Penetra na sala balançando o rabinho por entre as pernas da Maria.</i>
<i>Algumas respostas</i>
<i>(A1) “som de cachorro correndo com a língua pra fora.”</i>
<i>(A2) “apito de início de partida, porta abrindo”</i>
<i>(A10) “porta abrindo, Maria gritando ei”</i>
<i>(A12) “porta abrindo, som de portas, apito do “arbitro”</i>
<i>(A14) “som de latido e de rabinho abanando”</i>
<i>(A18) “latido de cachorro e barulho de porta se abrindo”</i>
<i>(A21) “som de porta, som de cachorro andando”</i>
<i>(A23) “voz acelerada, característica do âmbito esportivo”</i>
<i>(A25) “som de portinha de cachorro”</i>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 47 – Registro 24 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 2ª Parte</i>
<i>Contorna a mesa, escorrega no tapete verde, evita a cristaleira, a Maria retorna para a marcação!</i> <i>Olha o agarra-agarra!</i>
<i>Algumas respostas</i>
<i>(A1) “ele latindo e correndo”</i>
<i>(A2) “cachorro latindo”</i>
<i>(A10) “som de gente correndo”</i>
<i>(A12) “som de “raspajem”, barulho de queda, latidos”</i>
<i>(A14) “som de alguém escorregando e a torcida vibrando”</i>
<i>(A18) “onomatopeias”</i>
<i>(A21) “som de briga”</i>

(A23) “*vaias e comemorações*”

(A25) “*som de patas correndo*”

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 48 – Registro 25 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 3ª Parte</i>
<i>Ele é esperto! Saltou no sofá, tocou de primeira no abajur, vai cair! Caiu!</i>
<i>Algumas respostas</i>
(A1) “ <i>pulo, vidro quebrando</i> ”
(A2) “ <i>pancada de algo quebrando</i> ”
(A10) “ <i>barulho de coisa quebrando</i> ”
(A12) “ <i>som de abajur quebrando</i> ”
(A14) “ <i>som de salto</i> ”
(A18) “ <i>Barulho de alguma coisa caindo e quebrando</i> ”
(A21) “ <i>som de algo quebrando</i> ”
(A23) “ <i>comemorações</i> ”
(A25) “ <i>som de batida na mesa e o abajur caindo</i> ”

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 49 – Registro 26 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 4ª Parte</i>
<i>Que cachorrada!</i>
<i>Algumas respostas</i>
(A1) “ <i>Latidos</i> ”
(A2) “ <i>vaias do público</i> ”
(A10) _
(A12) “ <i>mais latidos</i> ”
(A14) “ <i>vidro quebrando/vaias</i> ”
(A18) _
(A21) “ <i>som de latidos</i> ”
(A23) “ <i>torcida</i> ”
(A25) -

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 50 – Registro 27 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 5ª Parte</i>
<i>Mas Maria está tranquila. Coloca uma gotinha de SuperBonder no ponto de ruptura.</i>
<i>Algumas respostas</i>
<i>(A1) “Som de gota e de tensão”</i>
<i>(A2) “algo abrindo”</i>
<i>(A10) “catando os pedaços do abajur”</i>
<i>(A12) “risadinha, som de abertura”</i>
<i>(A14) “som de bola”</i>
<i>(A18) “barulho da cola abrindo e caindo gota”</i>
<i>(A21) “som de gota”</i>
<i>(A23) “comemoração”</i>
<i>(A25) “catar o abajur”</i>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 51 – Registro 28 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

<i>NARRAÇÃO 6ª Parte</i>
<i>Atenção! Vai colar! Juntou! Coloou!!!</i>
<i>SuperBonder! A cola que cola como nenhuma outra cola, cola!!!</i>
<i>Algumas respostas</i>
<i>(A1) “gritos de vibração”</i>
<i>(A2) “gritos da torcida”</i>
<i>(A10) “torcida feliz por ter colado”</i>
<i>(A12) “apito final”</i>
<i>(A14) “som de torcida vibrando e aplaudindo”</i>
<i>(A18) “gritos comemorando”</i>
<i>(A21) “som de algo juntando”</i>
<i>(A23) “palmas e gritos de torcida”</i>
<i>(A25) “barulho de surpresa e comemoração”</i>

Fonte: Elaboração própria.

Após essa exposição oral, e antes que a aula terminasse, pedimos aos estudantes que pensassem durante a semana, e conversassem entre si, para decidir a temática e composição dos grupos para a produção do roteiro dos seus *spots*, levando em conta, agora, suas apreciações musicais.

Avisamos também que eles poderiam se manter nos mesmos grupos e temáticas da composição do comentário; mas também, teriam a liberdade de optarem por outra formação (unitária ou em grupo) e/ou temática.

A aula seguinte, na segunda semana do mês de outubro, foi destinada à conclusão da AT7. Para tanto, organizamos os grupos com a finalidade de explicar, em linhas gerais, o papel de cada um na *radioblog*.

Os estudantes estavam muito motivados para a composição do *spot* autoral e desejosos para, finalmente, irem para aquilo que denominaram “parte prática”; contudo, alertamos que esse era um momento muito importante e que, sem um bom planejamento, seria impossível termos um trabalho de excelência.

Para a composição do *spot* autoral, a formação dos grupos que concluíram os comentários foi mantida; houve, apenas, alteração de dois temas (G1 e G6). Como podemos observar abaixo:

Quadro 52 – formação dos grupos, temática e integrantes (*spot*).

GRUPOS	TEMA	INTEGRANTES
G1	Jonas Esticado	A1-A2-A3
G2	Trap	A4-A5-A6-A7
G3	Choro	A8
G4	Supercombo	A9-A10-A11
G5	K-pop	A 12-A13
G6	Pop latino	A14-A15-A16-A17
G7	Funk	A18-A19-A20-A21-A22
G8	Rock	A23-A24-A25-A26
G9	Funk 2	A27-A28-A29-A30-A31
G10	Gospel	A32-A33

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à divisão de narradores e os responsáveis pela edição e divulgação dos *spots*, os próprios estudantes ficaram responsáveis pela negociação. Vale ressaltar que essas funções mudaram bastante durante as etapas que se seguiram. Nosso papel foi o de orientar que todos estivessem presentes na composição do roteiro e na importância da participação efetiva de cada membro do grupo em todas as etapas de forma responsável e colaborativa.

Optamos pela devolução dos comentários para que eles pudessem analisar as diferenças entre esse gênero e o gênero *spot*. Entregamos também um modelo de roteiro definitivo para ser preenchido após o término da escrita dos estudantes e de nossas considerações/correções.

Escrevemos no quadro, para que todos pudessem visualizar, as seguintes considerações:

Quadro 53 – Box explicativo sobre o objetivo da produção do gênero *spot*.

OBJETIVO

Produzir um anúncio radiofônico (spot) para promover, apresentar ou “defender” seu som, seja ele uma determinada música, ritmo, estilo musical ou cantor, que compõe o seu repertório musical para veiculação radiofônica.

Para isso, observe:

O que eu quero dizer?

Para quem quero dizer?

Por que quero dizer?

Como direi?

Fonte: Elaboração própria.

Perguntamos aos estudantes se eles consideravam os comentários suficientes para atingir os objetivos acima descritos e eles pareceram compreender a diferença e a necessidade de reescrita adequada para atender às principais características do gênero *spot*.

Nossa intenção era a de levar todos os estudantes para a sala de informática; todavia, a escola continuava sem acesso à *internet*. Desta forma, os estudantes permaneceram na sala de aula procedendo na análise dos comentários e rascunhando os roteiros do gênero pretendido.

Autorizamos o uso do celular àqueles que tinham acesso à *internet* nos seus *smartphones* e acompanhamos os trabalhos de escrita, assessorando a todos os grupos em

suas maiores dúvidas e dificuldades. Grande parte da turma mostrou dedicação à escrita; porém, alguns estudantes ficaram dispersos, alegando que escreveriam melhor em casa. Permitimos a todos essa possibilidade, contudo, reiteramos a importância da responsabilidade e da atenção de todos para uma escrita que pudesse atingir os objetivos pretendidos.

Na leitura dos primeiros roteiros produzidos pelos estudantes, percebemos que os estudantes demonstraram ter compreendido a importância e o uso dos efeitos técnicos, a presença de narradores e a ideia de “promover” a rádio. Contudo, ainda era possível perceber que, na abordagem da temática (artista, grupo ou ritmo), havia muito de informação e pouco de criatividade, persuasão e objetividade.

Mesmo diante dessa lacuna, percebemos que os estudantes haviam se apropriado de muitas características importantes do gênero. Como forma de intervir nos elementos que ainda necessitavam de revisões, decidimos retomar, individualmente, algumas características do gênero *spot* durante esse encontro.

Em seguida, orientamos os estudantes a terminar os seus roteiros em casa e nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos pelo grupo de *WhatsApp*, *e-mail* coletivo ou, presencialmente, no turno contrário.

Na semana seguinte, não tivemos encontro presencial, pois toda a escola estava envolvida com os jogos interclasse. Para que os estudantes não ficassem muito dispersos quanto a elaboração dos *spots* autorais, aproveitamos o grupo no *WhatsApp* para anexar outros exemplares do gênero e responder as dúvidas que os estudantes, eventualmente, apresentassem.

Só voltamos a nos reunir na última semana do mês de outubro. Ainda que alguns estudantes tenham demonstrado dificuldades e, uns poucos, desinteresse, decidimos recolher os roteiros para algumas correções. Entretanto, grande parte dos grupos alegou não ter terminado a escrita. Por este motivo, estendemos o prazo para recolhimento dos roteiros para a semana seguinte e começamos a atividade proposta para a AT7: apresentação do *podcast*.

Para iniciarmos essa abordagem, achamos necessária a ativação de possíveis conhecimentos prévios dos estudantes acerca dessa ferramenta tecnológica e de sua utilização como forma de armazenamento de áudios em formato *MP3*.

Perguntamos, então, se eles já tinham ouvido falar em *podcast*, e caso sim, se tinham o hábito de acessá-los. Grande parte dos estudantes confundiu o termo *podcast* com

outros termos. Apenas dois estudantes conheciam e acessavam com frequência a *podcasts* e com finalidades semelhantes: em *blogs* de “cultura *nerd*”.

Outros alunos já tinham ouvido falar, mas não sabiam explicar seu significado, nem conheciam sua finalidade, sabiam apenas tratar-se de algo do campo tecnológico, como afirmou (A18): “um programa, mecanismo, algo assim, da *internet*?”

O próximo passo foi o de apresentar essa ferramenta por meio da exibição de um vídeo explicativo, como previsto na descrição do Protótipo Didático. Nesse vídeo, os estudantes puderam encontrar explicações sobre a ferramenta, sua funcionalidade, principais características e a relevância dela para os próximos passos do nosso trabalho.

Percebemos que, após essa primeira exibição, muitos deles reconheceram a presença de *podcasts* em diferentes páginas que acessavam, mas desconheciam suas múltiplas aplicabilidades. Para isso, passamos para o segundo passo: a apresentação, por meio do *Power Point* da interface de um *site* especializado em *podcast*: *Radiofobia*.

Nesse *site*, há a possibilidade de se encontrar diferentes textos em *podcast*, que se apresentam como um bate-papo informal. Para uma melhor compreensão do formato do áudio, apresentamos um episódio que abordava a questão das manias e dos “tiques” que muitas pessoas possuem. Por se tratar de um episódio de grande extensão, optamos por um recorte de sua apresentação com o intuito de que a turma não se dispersasse e pudesse conhecer um pouco das especificidades dessa ferramenta.

Aproveitamos para perguntar, logo em seguida, o que eles acharam da linguagem, do tema e da apresentação do *site*. De forma geral, os estudantes gostaram do formato apresentado por ser de fácil compreensão, engraçado e com uma temática que interessava a todos. Quanto à estrutura do *site*, eles acharam bem elaborada e convidativa ao usuário da rede.

Em seguida, e com vistas à utilização dessa ferramenta como a agregadora dos *spots* dos estudantes à *radioblog*, reforçamos sobre a necessidade da captação de um áudio com qualidade para produção de um *podcast* eficiente. Para isso, primeiramente, pedimos aos estudantes que refletissem sobre um trecho de um texto a eles entregue, que também copiamos no quadro: “*Qualquer áudio não quer dizer um áudio qualquer*”. Em seguida, fizemos a leitura coletiva desse texto, na íntegra, para uma maior reflexão de todos sobre o tema.

Os estudantes não tiveram dificuldade em perceber que um áudio mal gravado, não pode ser considerado um *podcast* de qualidade. De forma geral, após a leitura, os estudantes puderam perceber a semelhança das etapas da gravação dessa ferramenta, com as de um

programa de rádio convencional e, por consequência, as semelhanças entre a gravação de um *spot* e de um *podcast*.

Quadro 54 – Registro 29 – resposta dos estudantes à atividade de elaboração de roteiro.

(A23): “*Professora, parte da ideia de algo, aí escrevemos um roteiro, um como e pra quem, né?... depois vamos gravar, aí a edição, que é melhorar a gravação, e depois a distribuição, que eu acho que é a radioblog...*”

(A10): “*Impressão minha, ou tudo se parece? Porque programa de rádio tem gravação, edição, divulgação, isso tudo... e spot também!*”

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

Aproveitamos para frisar que, apesar de semelhantes, se tratavam de coisas distintas, ainda que complementares. Aproveitamos para lembrar, também, conceitos trabalhados durante todo o ano com a turma: suporte, ferramenta tecnológica e gênero textual.

No 2º horário deste encontro, como uma forma de explorar os diferentes textos possíveis de integrarem um *podcast* e os *sites* que os hospedam, levamos os estudantes à sala de informática, e sob nosso monitoramento, apresentamos alguns endereços de *sites* que agregam *podcasts* nos mais diferentes gêneros: contos de terror, crítica de cinema, receitas culinárias. Desta forma, e na sala de informática, concluímos a AT7.

A AT8, destinada à gravação, precisou ser dividida em dois encontros de duas aulas de 50 minutos devido à sua complexidade e à necessidade de revisão dos roteiros, de suma importância para produzir um *spot* de qualidade.

As duas primeiras aulas dessa atividade foram reservadas para responder a algumas orientações quanto ao processo de gravação, à lei de direitos autorais e, como já mencionados, à revisão de roteiros. Para iniciarmos o encontro, pedimos que os estudantes listassem no caderno, características que eles julgassem relevantes para uma gravação com qualidade e, em seguida, fizemos uma exposição oral sobre elas.

Percebemos que eles haviam entendido alguns possíveis “atropelos” na hora da gravação, tais como, voz pouco audível, aparelho de celular com baixa qualidade de gravação, falas muito rápidas e/ou entrecortadas, etc. Contudo, reafirmamos que não teriam muitos problemas, desde que, houvesse atenção às instruções, ensaio prévio e captação do

áudio realizada por meio de aparelho de celular de qualidade compatível ao programa de edição.

O nosso maior receio era em relação às condições acústicas externas, porém essa característica só poderia ser verificada no momento da gravação. Explicamos também que a edição poderia retirar alguns defeitos do áudio; entretanto, se ele não fosse gravado com qualidade mínima, não haveria condições de melhorá-lo.

O segundo passo deste encontro foi o destinado a explicarmos um pouco sobre a Lei dos direitos autorais, devido ao fato de que, nas gravações, os estudantes utilizavam trechos de músicas em sua composição. Nossa abordagem a esse respeito foi breve, uma vez que, o nosso *spot* tinha objetivo educacional - não comercial- fato este que nos respaldou, legalmente, deste problema. Entretanto, assim como informado na descrição do PD, orientamos os estudantes a não utilizarem mais do que 30 segundos de cada canção.

Os estudantes se mostraram bastante surpresos quanto a esta lei; pois, a maior parte deles, desconhecia as particularidades acerca dos direitos autorais e supunham que, quando se tratava de algo presente na *internet* (no caso, as músicas), pudesse ser usado à revelia do seu autor.

Essa discussão foi bastante enriquecedora, pois agregou ao nosso encontro, ainda que de forma superficial, uma análise sobre a *internet*, enquanto, segundo um dos alunos (A2): “terra de ninguém”. Neste momento, e instigados pela participação dos estudantes, aproveitamos para comentar sobre as chamadas notícias “*fake*”⁵⁹ na *internet* e sobre o mal que elas podem causar. Achamos esse momento bastante rico, pois demonstra uma visão crítica dos nossos estudantes acerca daquilo que eles leem e compartilham nas redes sociais. Os estudantes foram bastante receptivos à discussão, como percebemos no trecho a seguir:

Quadro 55 – Registro 30 – Exposição oral dos estudantes acerca do tema proposto

A8: “Professora, o interessante é que basta estar na internet e as pessoas saem retuitando, sem ter certeza que é verdade”.

A 32: “Sem falar na quantidade de coisas que dizem que um autor escreveu, sem ele ter escrito, devia ter uma lei para isso também”.

Fonte: Dados coletados por meio da proposta aplicada.

⁵⁹Segundo a Wikipédia, notícia *fake*, ou notícia falsa, corresponde a um tipo de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa, acessado em: 30/12/2017.

Após esse momento, e com vistas à gravação a ser realizada no próximo encontro, retornamos ao roteiro original escrito na AT6 (encontro relativo ao gênero *spot*) e pedimos aos estudantes que fizessem uma leitura com seus próprios grupos para que percebessem a necessidade de adequações ao gênero proposto e à ferramenta que seria utilizada para sua gravação.

Percebemos que alguns textos ainda apresentavam muitas características informativas, desta forma, pedimos aos estudantes que retomassem aos *spots* exibidos anteriormente e relessem as atividades de seus *portfólios* para verificar o que poderia ser reescrito para que a “venda de uma ideia” fosse produzida de forma mais adequada.

Aproveitamos esse momento de reflexão para acompanharmos a revisão da escrita dos estudantes e esclarecermos quaisquer dúvidas. Esses encaminhamentos surtiram bastante efeito, tendo em vista que alguns grupos já saíram desse encontro com seus roteiros finalizados (G1, G4, G7, G8 e G10).

O G5, responsável pelo K-pop, necessitou ainda de mais uma revisão a fim de “enxugar” a quantidade de informações. Os demais grupos ainda estavam, em maior ou menor grau, em fase de escrita e/ou revisão.

O aluno responsável pelo G3 (Choro) declarou estar com “*tudo encaminhado e que ele mesmo iria editar e entregar pronto, porque conhecia o programa e já sabia o que iria apresentar*”, optamos então, por pedir que o mesmo apresentasse um esboço do roteiro antes da gravação para que pudéssemos avaliar sua produção dentro daquilo que foi proposto à turma.

Antes que a aula terminasse, reiteramos que todos os grupos deveriam fazer a seleção dos trechos das músicas por eles escolhidas e revissem os roteiros, levando em conta tanto a escrita, quanto a seleção coerente dos efeitos sonoros para facilitar o processo de gravação.

Os estudantes ficaram responsáveis por trazerem as músicas escolhidas, em formato *mp3*, em seus celulares e pesquisarem na *internet*⁶⁰, pelos *sites* apresentados, alguns efeitos sonoros selecionados por eles.

No encontro seguinte, destinado à conclusão da AT8, optamos pelo encaminhamento de pequenos grupos para a sala de informática. Utilizamos como critério,

⁶⁰ Sugerimos alguns sites com efeitos sonoros gratuitos, tanto no material impresso, quanto no grupo de WhatsApp.

aqueles que já considerassem seus roteiros finalizados. Os demais permaneceriam em sala, escrevendo, para evitar tumultos e barulhos excessivos.

Retiramos assim, os grupos G4 (*Supercombo*) e G1 (*Jonas Esticado*), revimos os roteiros e pedimos que eles fizessem um ensaio prévio, uma vez que, a gravação seria apenas das “falas” - os demais efeitos sonoros e músicas foram anexados na fase de edição.

Contudo, muitos dos áudios que gravamos nesse dia, não puderam ser utilizados por conta de barulhos externos. Sobre esse incidente, vale ressaltar que a nossa escola funciona com a junção de um Ensino Fundamental II e Ensino Infantil, e que a sala de informática fica ao lado das turmas menores e da quadra de Educação Física; sendo, assim, muito difícil conseguir silêncio para uma captação de áudio com qualidade.

Devido a essas dificuldades, pedimos aos estudantes, após a revisão dos roteiros, que fizessem a gravação em suas casas ou em outro lugar fora do ambiente escolar e que os áudios fossem devidamente identificados e enviados pelo *WhatsApp* da turma ou *e-mail* da professora-pesquisadora.

Frisamos também sobre a necessidade de padronização dos celulares utilizados pelo mesmo grupo para que não houvesse tanta diferença no som, assim, cada grupo escolheu apenas um celular para todos os narradores.

Também nos colocamos à disposição para atender a qualquer necessidade dos estudantes no período contrário à aula, fosse para revisão de roteiros, ensaios dos narradores ou outras tentativas de captação de áudio na escola.

Concordamos que essa não era melhor alternativa para captação dos áudios, no entanto, foi a que nos pareceu mais apropriada devido às situações externas apresentadas na captação do áudio no ambiente escolar.

No turno contrário, o G4 (*Supercombo*), o G1 (*Jonas Esticado*), o G8 (*Rock*) e o G10 (gospel), se apresentaram para preenchimento do roteiro definitivo e ensaios.

Percebemos a necessidade de algumas poucas adaptações, apesar de todas as atividades prévias ao roteiro. Por esse motivo, sugerimos um desfecho único para os *spots*: um convite para os ouvintes, alunos da escola e demais membros da comunidade escolar acessarem à *radioblog* via *web*.

Os grupos G2, G5, G6 e G7 também compareceram no turno contrário para ajustes nos roteiros. O grupo mais atrasado na sua composição foi o G2, que, apesar de nossas muitas contribuições, continuava insistindo em manter a escrita semelhante ao comentário, apenas acrescentando músicas ao roteiro. Devido à dificuldade de seus integrantes, orientamos, mais uma vez, a reescrita e, aproveitando o fato de estarmos na sala de

informática, para sugerir a eles que fizessem pesquisas sobre anúncios publicitários, no intuito de ativar algum dos conhecimentos que pudessem auxiliá-los nessa etapa da composição.

A estratégia pareceu surtir efeito, pois o grupo reescreveu o texto, tomando como base uma conhecida chamada do plantão de um canal de televisão nacional, assim sendo, criaram todo um contexto para chamar a atenção dos ouvintes da rádio e apresentar seu estilo favorito: *o trap*.

O G6 também conseguiu, com nosso auxílio, retirar muitas das informações presentes em seu roteiro e criar um contexto para apresentar o *K-pop*, mas a negociação sobre os possíveis “cortes” não foi muito tranquila, pois o grupo considerava que qualquer possibilidade de condensar informações, segundo eles, seria “uma perda” para o ouvinte.

Aproveitamos esse episódio para reiterar com a turma que, na *radioblog*, os ouvintes poderiam ter mais informações acerca do assunto por eles escolhido, mas o “convite” para a escuta, ou seja, o *spot*, não poderia ser muito extenso, tendo em vista as especificidades do gênero, sua finalidade e o suporte.

O G5 apresentou dificuldades para comparecer à sala de informática no turno contrário por estar responsável por uma apresentação, nesse mesmo horário, relativas às comemorações da *Semana da consciência negra*- um projeto interdisciplinar da escola. Por esse motivo, marcamos de revisar o roteiro e providenciar as gravações na semana seguinte.

Por fim, o G7, grupo do *funk*, tomou como ponto de partida para seu convite à rádio, a “defesa” de que o ritmo não seria, exclusivamente, machista. Para tanto, os estudantes optaram por pesquisar letras que pudessem comprovar essa tese.

Como nosso trabalho parte das escolhas dos nossos estudantes, tentamos auxiliá-los nessa argumentação, mas demos a eles a liberdade de fazê-lo da forma que achassem mais conveniente, desde que não houvesse um discurso que reverberasse machismos e/ os desrespeitos de nenhuma natureza. Percebemos, também, que o grupo teve dificuldade em encontrar forma de argumentar, mas mantiveram a abordagem, tendo em vista que não concebiam que o ritmo fosse visto somente de forma pejorativa.

Do G9, responsável pelo *funk 2*, compareceram apenas três dos cinco integrantes e sem um esboço do gênero. Fizemos alguns encaminhamentos e nos colocamos à disposição para ajudá-los. Entretanto, infelizmente, o grupo não apresentou o roteiro e não deu continuidade ao trabalho.

Após esse encontro no contraturno, os estudantes começaram a enviar suas gravações pelo *WhatsApp* e por *e-mails*, conforme o combinado. Conforme os áudios foram

chegando, foi possível perceber que, apesar das nossas orientações, como era de se esperar, muitos áudios chegaram com baixa qualidade, ruídos, alguns “atropelos” de partes de trechos ou falas muito rápidas. Na maioria desses casos, reenviamos o áudio ao estudante, pedimos que ele ouvisse e, logo em seguida, corrigindo o erro, regravassem.

Esse processo foi demorado, levou toda a semana com idas e vindas de áudios, correções, ligações nas mais diferentes horas e locais, mas foi um momento muito enriquecedor e de troca de conhecimentos e afetos. Os estudantes se sentiram valorizados e, apesar da necessidade de correções, estavam motivados a continuar a produção e expressavam isso sempre que possível.

Na penúltima semana do mês de novembro de 2017, começamos a edição dos *spots* produzidos a partir do roteiro escrito pelos estudantes. Para tanto, levamos todos para a sala de informática da escola e apresentamos o programa selecionado para edição dos áudios: o *Audacity*.

Pedimos também aos estudantes que levassem *pendrive* e fones de ouvido para que o trabalho de um grupo, não atrapalhasse o dos demais. Também relembramos a todos sobre a importância de levarem as músicas arquivadas em formato *mp3* em seus celulares.

Outro entrave às nossas gravações foi o fato de que os computadores da escola, bem como todos os da Secretaria de Educação do Distrito Federal, funcionam com o sistema *Linux*. Assim, por uma questão de operacionalização, uma vez que, essas máquinas exigem que programas, assim como o *Audacity*, sejam desinstalados sempre que o computador for desligado. Por esse motivo, selecionamos as duas únicas máquinas da sala de informática que eram operadas no sistema *Windows* para nossas edições.

Iniciamos, então, a AT10, com a pesquisa dos estudantes a tutoriais, alguns sugeridos por nós, na sala de informática. Enquanto os estudantes recorriam a esse suporte, utilizávamos os dois computadores com o editor de áudio previamente instalado para darmos início à etapa. Apesar dos estudantes apresentarem certa facilidade com as “tecnologias” de uma forma geral, foi necessário muito de nossa intervenção para que os cortes e “passagens de som” fossem feitos de forma adequada.

Dois grupos, após nossa explicação e uso dos tutoriais, optaram por realizar as edições em seus computadores pessoais, tendo em vista a baixa velocidade da *internet* disponibilizada na escola, que dificultava a agilidade do trabalho: G3 (choro) e G4 (Supercombo).

Nessa manhã, encaminhamos os trabalhos de mais dois grupos, G1 (Jonas Esticado) e G8 (Rock), que se comprometeram a terminar a edição em casa. O G1 necessitou refazer

um áudio que apresentava muitas interferências e o G8 necessitava fazer o recorte das músicas selecionadas para compor seu *spot*. O G8 fez a opção por um *spot* centrado apenas na narração e nas canções, sugerimos alguns efeitos sonoros que poderiam complementar a composição, entretanto, eles insistiram em manter a ideia original, o que concordamos.

Devido ao número restrito de máquinas e as demais dificuldades referentes aos computadores e *internet* da escola, optamos por continuar o processo de edição no contraturno para àqueles que pudessem comparecer à escola.

Dois grupos, G10 (gospel) e G5 (K-pop), confirmaram a presença e às 15 horas recomeçamos os trabalhos. Primeiramente, revimos os áudios dos narradores presentes nos celulares, as músicas e demais efeitos sonoros selecionados pelos grupos. Um ajuste que consideramos necessário foi quanto ao número de músicas proposto para os gêneros autorais. O G5, por exemplo, já estava com um texto bastante extenso, além dos muitos efeitos sonoros e trechos de músicas. Por sua vez, o G10 também havia selecionado um grande número de músicas (sete ao todo). Conseguimos, então, por meio de negociações, uma redução nos exemplares e uma edição mais “enxuta”.

Como os estudantes já estavam mais familiarizados com o programa, nossa edição aconteceu sem maiores problemas, e os dois *spots* finalizados, foram anexados ao *e-mail* da turma para futura veiculação na *radioblog*.

Na última semana de novembro, organizamos, com os grupos restantes, a ida para a sala de informática para conclusão da AT10. Desta vez, contamos com o auxílio da professora responsável pela sala de informática o que otimizou bastante o nosso tempo.

Antes das gravações, fizemos uma última leitura dos roteiros dos grupos restantes: G2, G6 e G7. Foram necessários, ainda, alguns ajustes quanto à organização, revisão de alguns áudios e recortes das músicas selecionadas.

Uma das narradoras do G6 não enviou seu áudio e não compareceu à última semana de aula, por esse motivo, foi necessário que buscássemos, dentro da própria escola, uma estudante que se voluntariasse a oralizar a parte que era de responsabilidade de AL16. Após encontrarmos uma substituta, foi necessário buscarmos um local adequado para a captação do áudio, tendo em vista, como já informado, a acústica inadequada da sala de informática para a gravação.

A alternativa que nos pareceu mais viável, tendo em vista a necessidade de condições mínimas para uma captação a contento, foi utilizarmos o carro da professora-pesquisadora como uma espécie de “cabine de som”. Apesar desses contratemplos,

conseguimos finalizar todas as edições. Foi um momento bastante meticuloso, mas os resultados muito satisfatórios.

Todos os estudantes receberam seus *spots* editados, seja pelo *pendrive*, *e-mail* da turma ou grupo de *WhatsApp*, caso necessitassem de alguma correção de edição.

A primeira semana de dezembro⁶¹ foi reservada para a exibição da *radioblog* e avaliação da atividade- AT11 e AT12. Entretanto, além das dificuldades apresentadas pelos computadores da escola e a lenta velocidade de sua *internet*, houve ainda um incidente de ordem técnica na escola: um curto circuito que deixou parte da escola às escuras, inclusive a sala de informática e metade das salas de aula, o que nos fez rever a dinâmica desses encontros com o mínimo possível de alteração ao proposto na descrição do Protótipo Didático.

Como tínhamos um cronograma bastante apertado a cumprir, e tendo em vista a complexidade da montagem de um *site*, que requer conhecimentos técnicos, optamos pelo auxílio de uma estudante de computação gráfica⁶² para fazer a configuração dos detalhes técnicos e “alimentação” do *site*. Vale ressaltar que essa participação ocorreu de forma voluntária, não remunerada e com o computador pessoal da professora-pesquisadora.

Outro aspecto que conseguimos manter do PD original foi que os estudantes foram os responsáveis por todas as sugestões relacionadas à montagem da *interface*, ilustrações dos *spots*, digitação do roteiro e envio de músicas em formato *mp3* para compor a *playlist* da *radioblog*.

Durante a montagem do *site*, toda a comunicação necessária entre discentes e docente era mediado por *e-mail* ou grupo de *WhatsApp*. Cada grupo foi orientado a enviar uma imagem que representasse o seu *spot* e o roteiro original preenchido, segundo as orientações da professora. A cada atualização na *radioblog*, os estudantes eram informados a acessar para dar o “ok”.

Dando continuidade aos trabalhos, na data prevista, dia 06 de dezembro, procedemos à apresentação da nossa *radioblog*⁶³, devidamente editada. Contudo, tendo em vista os problemas relacionados ao curto-circuito sofrido pela escola, apresentamos os áudios dos *spots*, a *interface* e os roteiros, porém não fizemos a exibição *on-line* como pretendido.

⁶¹ Originalmente dias 06, 07 e 08 de dezembro de 2017.

⁶²Contamos com o auxílio de Franciele Bessa, jornalista e estudante de computação gráfica, para a configuração e arte de nossa *radioblog*.

⁶³ Disponível em: <<https://acordenasala.wixsite.com/acordenasala>>.

As apresentações aconteceram para as demais turmas da escola, devidamente organizadas pelos seus professores de modo a não atrapalhar a audição dos *spots*. Os estudantes convidados foram orientados também a responder a um questionário simples para avaliação do trabalho dos colegas.

Após a apresentação, e tendo em vista que a escola teria uns dias destinados à manutenção de sua rede elétrica, optamos pela avaliação -AT12, de nosso trabalho, nesse mesmo dia. Organizamos os estudantes em um grande círculo e pedimos que, voluntariamente, eles pudessem expor os pontos positivos e negativos desse trabalho. Também informamos que todos receberiam um questionário via *Google form* enviado ao e-mail da turma para analisar a composição do *spot* em *podcast* para *radioblog*.

De forma geral, os estudantes se mostraram muito satisfeitos com os resultados. Cada grupo presente elegeu um representante para comentar a composição do *spot* e sua participação no trabalho, mas não limitamos as participações. Devido à data de apresentação e avaliação ter sido na última semana de aula, houve um “esvaziamento” da escola⁶⁴, inclusive de alguns integrantes da turma que produziu o gênero.

Quadro 56 – Registro 31 – exposição oral dos estudantes acerca da avaliação da atividade proposta.

G1- Jonas Esticado

A2: “No nosso spot, a gente falou um pouco sobre o cantor Jonas esticado que é muito conhecido no nordeste, mas não em todo o Brasil e falamos um pouco também sobre o forró universitário, fazendo uma brincadeira com o sobrenome dele, ficou bem legal...”

A1: “também achei muito legal, diferente, a professora estava o tempo todo ajudando a gente, tirando dúvidas, mudando a posição das coisas na hora da edição, dando dicas, aprendi muito... foi muito fera!”

G2-Trap

A7: “Bem, nosso trabalho foi apresentar o trap, essa mistura de sons e batidas, assim, pensamos em várias coisas para fazer o texto, e decidimos que o trap ia chegar na rádio como se fosse uma notícia do Jornal Nacional, ficou bem legal, foi isso. Achei bem legal,

⁶⁴Como a escola estava parcialmente sem energia, muitos professores adiantaram suas avaliações, o que, na escola, permaneciam apenas as aulas de recuperação final, assim sendo, turma com número reduzido. No dia da exibição/avaliação, contamos com a presença de 21 dos 33 alunos participantes da pesquisa.

porque nunca ninguém havia me perguntado sobre o que eu gostava de verdade. Minhas músicas, nas aulas, eram tipo, sei lá, um ...lixo”.

G4- Supercombo

A11: “Bem, nosso trabalho foi com supercombo, uma banda de rock alternativo. As pessoas generalizam e falam que o grupo só tem música bad, então tivemos a ideia de apresentar uma pessoa deprimida que fosse tratada como as músicas. Elas (as músicas) entravam como parte do diálogo, achamos um trabalho bem muito interessante e divertido de fazer, além do uso do computador para as gravações, muito bacana.”

G7-Funk1

A20: “No spot do funk, nós tomamos a ideia do feminismo porque muitas pessoas generalizam como sendo um estilo machista, o que nem sempre é, então essa foi a ideia principal do nosso spot, uma conversa de duas pessoas sobre as letras, uma atacando, e outra defendendo, é isso...”

A21: “Achei legal também que eu como mulher, possa defender o estilo que eu mais gosto, porque eu não me sinto ofendida com ele, entende?”

G8-Rock

A23: “Bom, nosso spot consiste em, basicamente, explicar um pouco sobre a história do rock, e falar também um pouco sobre o preconceito que as pessoas ainda têm, de que ele seja algo maligno, vindo do diabo, essas bobagens assim (risos). Fizemos uma entrevista de emprego pra explicar o estilo, como se o rock estivesse se apresentando para trabalhar na rádio acorde na sala, foi uma opção que achamos bem legal, depois dos comentários da professora, pensamos nisso. O que eu mais gostei foi de ter aprendido algo novo, nunca tinha ouvido falar em spot, achei muito interessante mesmo.”

A25: “a única coisa que eu achei ruim foi porque a escola não oferece um computador bacana, uma internet mais rápida, sabe? Mas, pensando bem, tem escola que nem computador tem, né. Foi muito bom usar a sala de informática para trabalhar um programa, não ficar copiando coisas, entende?”

A seguir, apresentamos as quatro respostas enviadas pelos estudantes para o e-mail da turma. Infelizmente, as respostas enviadas pelo grupo de *Whatsapp* foram perdidas devido a problemas técnicos apresentados pelo celular da professora-pesquisadora à época da análise dos dados. Imaginamos que a pouca adesão ao preenchimento desse formulário decorra dos motivos já expostos.

Quadro 57 – Registro 32 – avaliação dos estudantes acerca da atividade proposta.

PODCAST PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS A PARTIR DO GÊNERO SPOT PARA SALA DE AULA

Você concorda que a forma como o gênero música foi utilizado (escolha do artista, ritmo ou músicas) para a produção dos spots, se distanciou ou se aproximou daquelas que, normalmente, são utilizadas para o ensino com músicas nas aulas de língua portuguesa? Comente:

A32: “Eu acho que nunca tínhamos trabalhado um gênero musical nas aulas de português e trabalhar um gênero da rádio foi muito bom.”

A1: “Se aproximou, pois tratamos da música de uma forma mais simples.”

A23: “Se distanciou, mas de maneira legal, pois a variedade de estilos musicais fez com que o trabalho ficasse legal e divertido.”

Você entende que as ferramentas tecnológicas (celulares, computadores e similares) são um auxílio para o ensino das disciplinas escolares? Caso sim, você entende que a aplicação do projeto possa contribuir com um ensino que leve em conta as ferramentas tecnológicas e utilização da sala de informática com objetivos educacionais? Comente:

A32: “Sim. Eu acho que ter trabalhado com o Spot mostra isso.”

A1: “Sim, acho que deve sim ser utilizadas, pois nos proporciona um conhecimento mais amplo sobre muitas coisas.”

A23: “Sim, eu apoio totalmente a modernização do ensino, já que a forma de ensinar os alunos é muito arcaica nos dias atuais e a atual geração tem uma melhor afinidade com as novas tecnologias”.

Sobre o gênero spot e a forma como foi ensinado, você entende que esse estudo favoreceu o ensino do gênero e de suas características? Comente:

A32: “Sim. Eu particularmente não o conhecia. Ter o conhecido através do trabalho da professora e ter produzido um, me fez gostar do gênero.”

A1: “Sim, e gostei muito de aprender mais sobre, que a princípio não sabia, então foi mais um conhecimento adquirido.”

A23: “Sim, já que o trabalho estimulou os estudantes a fazerem pesquisas sobre os gêneros escolhidos.”

De forma geral, sua participação na produção do spot trouxe contribuições para sua formação? (Use esse espaço para fazer comentários, críticas ou elogios para o trabalho desempenhado pela pesquisadora e por você e seu grupo nesse trabalho).

A32: “Sim. Eu não sabia nada sobre rádio, mas com o trabalho, explicações da professora eu pude conhecer mais, não só o Spot, mas também outros gêneros que podem ser apresentados em uma rádio. Durante toda produção do Spot tivemos o auxílio da professora, o que nos ajudou muito a cada vez entender mais o gênero na prática. Eu gostei muito do meu Spot.”

A1: “Sim, e adorei participar dessa pesquisa com a professora, que nos proporcionou muitas coisas novas sobre a música e os gêneros relacionados a ela.”

A23: “Sim, pois o trabalho estimulou minha criatividade e o meu senso crítico.”

Fonte: Elaboração própria.

Constatamos que, de forma geral, os estudantes apresentaram bastante interesse em participar das atividades. Entendemos que esse interesse seja o resultado da percepção dessa abordagem como algo diferenciado das demais, comumente, apresentadas nas aulas de LP. Cremos que isso se deva, sobretudo, porque apresentamos, como ponto de partida, as seleções musicais dos próprios jovens para a escrita de um texto escolar.

Também podemos notar que eles viram na proposta de uma *radioblog* escolar um canal de valorização de sua cultura e uma forma de ter sua voz ouvida na escola, elevando esse estudante ao patamar de produtor de conteúdo e, conseqüentemente, a uma posição de protagonismo.

Outro ponto que despertou o interesse dos estudantes foi a possibilidade desse mesmo canal ter um acesso além das fronteiras da escola, sendo algo de alcance na *web*. Ainda que de forma inicialmente modesta e com recursos técnicos limitados, o espaço permanecerá para futuros textos e turmas, dando uma ideia de continuidade e um critério a mais de valorização em relação à produção desses estudantes.

Outro aspecto que tomamos como positivo foi a criação coletiva, colaborativa e processual uma vez que, apenas um estudante optou pela escrita individual. Nos trabalhos em grupo, podemos perceber interação entre os componentes e muita troca de informações.

Quanto ao resultado final, verificamos que apenas um dos grupos não teve seu gênero concluído, fato este que não decorreu da falta de nossa insistência ou auxílio, mas pelo pouco envolvimento dos participantes. Entendemos também que subestimamos o tempo de aplicação do PD, principalmente ao necessário para as etapas finais: gravação e edição, que se chocou com as datas de término do ano letivo e fechamento de notas das demais disciplinas. Talvez por esse motivo houve dificuldade de articulação com grupos menos participativos. Contudo, mesmo após o encerramento das atividades e publicação dos resultados na *internet*, os estudantes ainda davam retorno em relação à atividade, mostravam-se participativos para eventuais correções e sugeriam alterações à página.

Finalmente, também podemos destacar a participação da equipe gestora e demais agentes envolvidos nessa proposta de intervenção, uma vez que não mediram esforços para viabilizar a sua aplicação, apesar de todas as dificuldades históricas, sociais, estruturais e de investimentos que permeiam o ensino público em nosso país.

A proposta foi entendida não como atividade complementar ou extracurricular à disciplina, mas sim, como um projeto cujo objetivo era o de desenvolver habilidades de leitura, escrita e oralidade necessárias para o desenvolvimento de cidadãos mais aptos para interagir com diferentes textos, inclusive, os multimodais e multissemióticos presentes na sociedade cada dia mais multiletrada.

A seguir, apresentaremos os roteiros dos *spots* elaborados pelos estudantes como forma de constatar se eles se apropriaram das características do gênero proposto para esse trabalho, dentre eles:

- ✓ Adequação entre a fala do locutor e o público-alvo
- ✓ Seleção e utilização de recursos sonoros
- ✓ Apresentação da ideia defendida por meio de elementos persuasivos e argumentação consistente.

- ✓ O contexto de sua produção;
- ✓ Intencionalidade da utilização de determinados termos em sua composição (vocativo, verbos no imperativo);
- ✓ Elementos tipológicos (narrativos e/ou descritivos) para composição do cenário e desencadeamento das ações.

ROTEIROS DOS SPOTS AUTORAIS DOS ESTUDANTES⁶⁵

Quadro 58 – Registro 33 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G1- JONAS ESTICADO
<i>(Duração 1'36")</i>
<i>Loc.1: A1</i>
<i>Loc.2: A 3</i>
<i>Loc.3: A 2</i>
<i>Música 1:Moça do Espelho – Jonas Esticado</i>
<i>Música 2:Meu Coração deu PT – Wesley Safadão</i>
<i>Música 3:Com Amor não se brinca – Jonas Esticado</i>
<p>Loc. 1 - Hoje iremos falar sobre o mais novo cantor forrozeiro que está fazendo o maior sucesso pelo Nordeste: Jonas Mikael(<i>grito do Michael Jackson</i>).</p> <p>Loc. 3 – Nanananão!</p> <p>Loc. 1 – Jonas Mikael, mais conhecido como Jonas Esticado (<i>música 1</i>)</p> <p><i>(Voz de criança: por que esticadooo?)</i></p> <p>Loc.3 – Porque no Nordeste, dizemos que quando uma festa vai até o amanhecer, é uma festa esticada e Jonas é especialista em “esticar” as festas.</p>

⁶⁵ Disponível em : <https://acordenasala.wixsite.com/acordenasala>.

Loc.2 - O forrozeiro de apenas 22 anos tem conquistado um público muito grande pelo Nordeste, fazendo uma média 23 shows por mês. (*aplausos*)

Loc. 2 – Natural de Juazeiro do Norte e com o timbre de voz muuuito parecido com o do cantor Wesley Safadão. (*música 2*)

Loc. 3 - O forró vem crescendo bastante no nosso país. E, assim como Jonas, outros cantores vêm trazendo essa cultura maravilhosa do nosso Nordeste para outras regiões do país. Cantores como Wesley Safadão, Márcia Felipe Gabriel Diniz e Mano Walter vem com o forró universitário em massa.

Quer conhecer mais sobre esse e mais outros gêneros? Acesse nossa *radioblog Acorde na Sala*

E aí? Vamos curtir um forrozinho nessa manhã?

Fique agora com Amor não se brinca de Jonas esticado (*música 3*)

Fonte: Elaboração própria

Observando o *spot 1- JONAS ESTICADO*, podemos verificar a apresentação da artística por meio de uma verdadeira heterogeneidade tipológica⁶⁶ (narração/injunção/descrição/exposição/argumentação). A linguagem é simples e de fácil assimilação e o desfecho aponta para um convite a conhecer a *radioblog*.

Os estudantes articulam as informações sobre o autor conjuntamente com as do estilo forró e seus representantes na atualidade. Também é possível notar a presença de verbos que marcam a ideia de interlocução e persuasão, como “*quer conhecer?*”, “*E ai, vamos curtir?*” / “*fiquem agora*” e o injuntivo “*acesse*”.

Finalmente, quanto à sonorização do gênero, chamamos a atenção para o jogo criativo entre o nome Michael (Jackson) e (Jonas) Mickael, seguido pela expressão “*por que esticado?*” oralizado por uma criança, mostrando a intencionalidade dos estudantes em, por meio de uma voz mais aguda, destacar-se das demais e explorar a metáfora que originou o nome artístico do cantor.

⁶⁶ Conceito que aponta para a presença de mais de um tipo textual presente em um gênero. Apesar de julgarmos essa reflexão válida, não nos deteremos em analisar todos os possíveis tipos de textos presentes nos *spots* apresentados, tendo em vista a dimensão da análise e o tempo necessário para essa reflexão.

Quadro 59 – Registro 34 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G2- TRAP
(Duração 2 min)
<i>Loc.1:A7</i>
<i>Loc.2:A6</i>
<i>Música 1:Jocelyn Flores</i>
<i>Música 2:Tsunami</i>
<i>Música 3:Dum Dee Dum</i>
<i>Música 4: Song Of Storms (Remix)</i>
<i>Música 5:Som de Plantão</i>
(som de plantão da Rede Globo)
<p>Loc. 1 -Atenção, Atenção! Bom dia, boa tarde, boa noite! Viemos informar que agora a nossa rádio “<i>Acorde na Sala</i>” tem um novo estilo musical que pouca gente conhece (<i>música 1</i>), mas nós iremos apresentar para vocês, maravilhosos ouvintes, essa novidade: o TRAP!!</p> <p>Loc. 2 – Mas o que é Trap? Será um pássaro? Será um avião? Será o Benedito?</p> <p>Loc.1 – Naaaaaaão, o Trap é uma música mais levada para o instrumental. (<i>música 3</i>). Não é só música, ele também é algo mais tocante (literalmente porque toca,né), ela te faz ficar mais feliz e melhora sua autoestima, cara. (<i>música 2</i>)</p> <p>Loc.1 – Se você quiser saber mais sobre esses e também outros ritmos, visite nossa rádio <i>Acorde na Sala!</i>(<i>música 4</i>)</p>

Fonte: Elaboração própria.

No *spot 2-TRAP*, temos a presença bem marcada de elementos da fala no áudio oralizado pelos estudantes, atendendo a diferentes objetivos (surpresa, alegria, espanto, ênfase, proximidade com o interlocutor), tais como: “*atenção, atenção/nãooooo/bom dia, boa tarde, boa noite, essa novidade: o Trap*”.

Há também intertextualidade discursiva por meio da utilização da vinheta do plantão da *TV Globo*, utilizada para alertar os ouvintes sobre a novidade que “*agora toca na rádio.*” Também percebemos a presença desse mesmo recurso na expressão “*Será um pássaro, será um avião...* (conhecida pelo sucesso do cinema mundial-*Super-homem*), aliada à expressão popular “*Mas será o Benedito*” que indica surpresa e espanto.

É possível notar também marcas de interlocução no intuito de comprovar proximidade entre o narrador e ouvinte e/ou dar conselhos (*maravilhosos ouvintes/ela vai te fazer mais feliz/ melhorar sua autoestima, cara*) e persuasivas (“*ela não é só música, ela é também algo mais tocante*”, e “*ela vai te fazer mais feliz e melhorar sua autoestima*”).

Finalmente, o *spot* apresenta muitos registros informais, dentre elas (*cara,/mais levada/né*). Como também é possível notar a percepção dos estudantes acerca do caráter polissêmico da palavra “*tocante*” (aquilo que comove, que alegra/ emitir som, soar).

Quadro 60 – Registro 35 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G3- CHORO
(Duração 1’34”)
<i>Loc.1: Mãe (Professora-pesquisadora)</i>
<i>Loc.2: Narrador (A8)</i>
<i>Loc3: Bebê</i>
<i>Música 1: Carinhoso</i>
<i>Música 2: Corta jaca</i>
<i>Música 3: Descendo a serra</i>
<i>(bebê chorando)</i>
MÃE- Essa sinfonia de choro não me agrada.
NARRADOR- O choro é o mais antigo estilo musical genuinamente brasileiro e de longe um dos mais prestigiados da MPB. Foi uma forma da interpretação brasileira das músicas europeias clássicas e contou também com a influência de ritmos afrodescendentes de percussão.
No início era composto pela trinca de violão (<i>som de violão</i>), flauta (<i>som de flauta</i>) e cavaquinho (<i>som de cavaquinho</i>).

BEBÊ- Mas de onde veio o nome choro?

NARRADOR- Bem, não se tem certeza, mas alguns dizem que vem da palavra latim “xolo”, um tipo de "festa" dos escravos, ou pela maneira chorosa de como era tocada. O choro dispensa o canto, ressalta o som dos instrumentos e a cada um leva uma emoção diferente, de alegria a tristeza. (*Música 1,2 e 3*)

MÃE- Aí sim, esse choro muito me agrada, quero ouvir mais!

NARRADOR- Para ouvir isso é muito mais escute a nossa rádio “*Acorde na sala*” e até mais.

Fonte: Elaboração própria.

O *spot 3-CHORO* foi realizado por meio de escrita individual. Para tanto, foi criado um contexto de diálogo entre mãe e filho para explorar o caráter polissêmico da palavra “Choro” (estilo musical /ação de chorar) como forma de inserir as possíveis origens do nome e suas observações sobre o estilo musical.

O pano de fundo narrativo do texto é permeado por características descritivas, pautadas na objetividade e em muitas informações “*No início era composto pela trinca de violão....*”/“*Foi uma forma da interpretação brasileira das músicas europeias clássicas e contou também com a influência de ritmos afrodescendentes de percussão/ No início era composto pela trinca de violão, flauta e cavaquinho*”.

Também fica clara a seleção lexical (adjetivos, advérbios e substantivos abstratos) como forma de “defesa” das qualidades do estilo musical escolhido “*mais antigo/genuinamente brasileiro/de longe o mais prestigiado/dispensa o canto/ leva emoção....*”Está presente também a injunção por meio de verbos no imperativo como “escute” e expressões como “*ai, sim, esse choro muito me agrada*”.

Os efeitos sonoros e os trechos de música têm um papel essencial no texto, pois não são apenas exemplos, mas partes da progressão temporal, cuidadosamente inseridas na narrativa. Papel este também desempenhado pela fala do bebê “*mas de onde veio o nome choro?*”

Quadro 61 – Registro 36 – roteiro do spot.

ROTEIRO SPOT G4-SUPERCOMBO

(Duração: 2'34'')

LOC. 1: A11

LOC. 2: A10

LOC. 3: A9

Música 1: Piloto Automático –Supercombo

Música 2: Todo dia é dia de comemorar –Supercombo

(Som de pássaros)

Loc. 1: Em uma manhã de Sol, Hannah se prepara para mais uma sessão com a Doutora Sarah.

(Som de porta se abrindo)

Loc. 2: Olá Hannah, está pronta para nossa sessão?

Loc. 3: Olá, Doutora, sim.

Loc. 2: Como está se sentindo hoje?

Loc. 3: Um tanto desmotivada.

Loc. 2: Você quer conversar sobre isso? Conte o que está havendo que eu te ajudarei.

Loc. 3: Creio que os medicamentos indicados por você não estejam fazendo mais efeito.

Loc. 2: Hum... Precisamos fazer novos exames.

Loc. 3: Mas que tipo de exames Doutora?

Loc. 2: Irei lhe fazer algumas perguntas. Sinta-se à vontade para falar o que deseja.

Loc. 3: Ok, vamos lá!

Loc. 2: Você se sente perdida? Como se não se encaixasse em nenhum grupo imposto pela sociedade?

Loc. 3: Ah, todo o momento, doutora. Mas pioraram de uns tempos pra cá.

Loc. 2: Hum... Um mero caso de *soldadinho** perdido. Vamos prosseguir com as perguntas. Como andam suas noites de sono?

Loc. 3: É... Sabe... É que...

...Quase toda vez que eu vou dormir, não consigo relaxar, até parece que os meus travesseiros pesam uma tonelada...(Música 1)

Loc. 2: Você faz questão de se encaixar em algum desses grupos?

Loc. 3: É... Sabe...

... Eu nunca fiz questão de estar aqui, muito menos participar... (Música 1)

Loc. 2: Eis que tenho seu diagnóstico completo. Seus sintomas nos levam a uma única solução: recomendo-lhe o álbum do Supercombo, uma banda de rock alternativo que possui letras que te darão conselhos para sair dessa situação.

Loc. 2: E onde eu consigo escutar essa banda?!

Loc. 3: Na rádio *Acorde na Sala*, é claro, ela apresenta...

Loc. 1: Eii, essa fala é minha, na rádio *Acorde na Sala*, é claro, ela apresenta variedades de músicas dessa banda e de muitas outras bandas e estilos musicais. Usufrua de todos os álbuns disponíveis e não perca tempo para se sentir melhor, *pois nem sempre estamos programados pra cair.***

... Eu desafio você a ter uma overdose de felicidade, quero ver você se transbordar, você se transformar...(Música 2)

**Soldadinho (Supercombo)*

***Amianto (Supercombo)*

O *spot 4- SUPERCOMBO*, também fez um jogo de intertextualidade e polifonia, uma vez que os estudantes fizeram um jogo performático, semelhante a uma peça teatral entre as músicas do grupo musical selecionado e a fala da personagem 3.

Esses trechos foram sendo “encaixados” ao diálogo criado no *spot*, servindo de pano de fundo para a apresentação da banda e para o desfecho por elas pretendido: problema/diagnóstico; sintomas/ cura; Supercombo/solução. Como podemos notar no trecho:

Quadro 62 – Registro 37 – recorte do roteiro do Supercombo.

Loc. 2: Hum... Um mero caso de soldadinho perdido. Vamos prosseguir com as perguntas. Como andam suas noites de sono? (diagnóstico).

...Quase toda vez que eu vou dormir, não consigo relaxar, até parece que os meus travesseiros pesam uma tonelada... /... Eu nunca fiz questão de estar aqui, muito menos participar... (sintomas).

*...Usufua de todos os álbuns disponíveis e não perca tempo para se sentir melhor, **pois nem sempre** estamos programados pra cair. (inversão de versos originais da canção).*

... Eu desafio você a ter uma overdose de felicidade, quero ver você se transbordar, você se transformar... (Desfecho da narrativa/solução)

Fonte: Elaboração própria.

“*Um mero caso de soldadinho perdido*” se trata de um trecho da canção “Soldadinho”, que aborda a temática da desilusão frente à vida adulta: “*Hey soldadinho, tá perdidinho/ o lance é inventar...*”, para compor o diagnóstico da paciente na narrativa.

O mesmo acontece com o trecho “*nem sempre estamos programados para cair*”, que foi utilizado com uma inversão da letra original da música *Amianto*, que narra a consumação de suicídio, implícito nesse mesmo verso. A escolha lexical dos estudantes demonstra uma opção de cunho ideológico por meio da inserção da expressão “*pois/nem sempre*” que alteram o verso original (*ninguém é de ferro/ estamos todos programados para cair*), transformando o pessimismo em esperança, opinião defendida durante todo o *spot*.

A citação “*Eu nunca fiz questão de estar aqui, muito menos participar...*”, trecho da música “*Piloto automático*”, foi utilizado como mais um dos elementos que descrevem os sintomas da personagem. Finalmente, o último exemplo de trecho de música citado no *spot* da banda, “*Eu desafio você a ter uma overdose de felicidade, quero ver você se transbordar, você se transformar...*”, da música “*Todo dia é dia de comemorar*”, foi utilizado, segundo os próprios estudantes, para apresentar um desfecho otimista e coerente com a ideia defendida.

A articulação entre efeitos sonoros e locução nos remete a noção de tempo e espaço da narrativa (“em uma manhã de sol /som de pássaros”) e (“Hannah se prepara para mais uma sessão com a Dra. Sarah” /som de porta se abrindo) em uma relação de equivalência entre o textual e o sonoro.

Essa linearidade é interrompida pela “intromissão” do narrador que promove o convite para ouvir a radio e, simultaneamente, chama o ouvinte para o plano principal da narrativa. A oralização da fala da personagem Hannah foi intencionalmente construída por um tom baixo e melancólico, titubeios e silêncios, que desempenharam papel fundamental para a descrição da personagem.

Quadro 63 – Registro 38 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G5- KPOP	
(Duração 2'20")	
Loc.1:A 13	
Loc.2:A 12	
Música 1: Playing the fire (Black Pink)	
Música 2:Knock Knock (Twice)	
Música 3: Go go (Bts)	
(Pessoas conversando)	
Loc.2Anna, você viu esse grupo que está fazendo sucesso agora?	

Loc.1 Não... de onde eles são?

Loc.2 Coreia do Sul.

Loc.1 Coreia? Qual estilo eles cantam?

Loc.2 K-Pop.

Loc.1 K-Pop? É um novo estilo?

Loc.2 Talvez...

(Som de gongo/ Música 1)

Loc.1 Annyeonghaseyo — Olá!

Loc.2 Hwangyung-hamnida – Bem vindo!

Loc.1 Eotteohkejinaeseyo? – Como você está?

Loc.1 Jeireum-eumLorennaimnida!

Loc.2 Jeireum-eum Anna imnida!

Loc.1 Kpop é um gênero musical que veio da Coreia do sul e se caracteriza pela grande variedade de elementos audiovisuais (efeito de música eletrônica)

Loc.2 É uma forma moderna da música pop sul coreana, que tem influência de gêneros do ocidente como pop, rock, jazz, Hip Hop, R&B, folk e country.

Loc.1 Um dos primeiros grupos foi Seo-taiji André boys, formado em 1992, que experimentou em suas músicas muitos gêneros populares da música ocidental.

Um exemplo de um grupo feminino, mais conhecido como girls groups, é o grupo Twice; o que falar dele, né? É um grupo incrível e suas músicas são ótimas para dançar e escutar. As meninas são fofas e maravilhosas, aliás, fofura é a marca registrada da maioria dos girls groups.

(música 2)

Loc.2 Outro grupo é o BTS ou Bangtansonyeondan, que é um grupo formado por garotos. Conhecidos pela dança e pela letra de suas músicas com forte conteúdo de críticas sociais são bem animadas e ainda muito dançantes.

Falando na dança, eles têm muita sincronia e os passos são muito bons... é tudo tão bonito que você fica encantado só de olhar.

(música 3)

Quer conhecer mais sobre esse e outros estilos, acesse nossa *radioblog Acorde na sala*.

Loc.1 Bye!

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O *spot 5-KPOP* baseou-se na construção de diferentes cenários (lugar público e barulhento e Coreia) com passagens demarcadas por efeito sonoro (som, pessoas conversando e som de gongo) se valendo de elementos sonoros construtores de significados.

Sabemos que o gênero *spot*, como já abordado, tem como característica a objetividade e a curta duração. Entretanto, tendo em vista a motivação dos estudantes em escrever sobre suas preferências musicais, fato este que computamos como positivo, acarretou em produções mais extensas e, conseqüentemente, mais informativas, como podemos notar neste caso.

Assim sendo, os elementos informativos se sobrepõem aos narrativos e têm sua base em exemplificações e escolha de itens lexicais descritivos “*É um grupo incrível e suas músicas são ótimas para dançar e escutar, as meninas são fofas e maravilhosas, aliás, fofura é a marca registrada da maioria dos girls groups/ “Outro grupo é o BTS ou Bangtansonyeondan que é um grupo formado por garotos. Conhecidos pela dança e pela letra de suas músicas com forte conteúdo de críticas sociais, são bem animadas e ainda muito dançante.*”

A presença de diversos termos coreanos (“*Hwangyung-hamnida*”/“*Eotteohkejinaeseyo?*”) denotam familiaridade dos locutores com o assunto apresentado; marcadores linguísticos de convencimento e interlocução (*né/ quer conhecer mais sobre...*); pausas intencionais e formas verbais no imperativo (*acesse*) são outros

estratégias persuasivas utilizadas pelos estudantes para evidenciar a clara intenção de “vender” o estilo.

Quadro 64 – Registro 39 – roteiro de *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G6 - POP LATINO

(Dur. 2'32")

Locutor 1: Aluna convidada

Locutor 2: A 17

Locutor 3: A 14

Locutor 4: A 15

Música 1: Subemela radio (Enrique Iglesias)

Música 2: Despacito (LuisFonsi)

(som de passos agitados)

Locutor 1: Gente, vocês ficaram sabendo da novidade?

Locutor 2: Não, eu não estou sabendo de nada.

Locutor 3: Que novidade é essa?

Locutor 4: Conta logo!

Locutor 1: A escola agora tem uma rádio! E sabe o que é mais legal? Quem faz essa rádio é a gente! *(palmas)*

Locutor 3: Sério?! Então eu tenho uma ideia.

Em coro: Que ideia?

Locutor 3: Vamos colocar nosso estilo na rádio! Sabem o que a gente podia escolher para tocar?

Em coro: Pop Latino! *(Música 1)*

Locutor 4: É isso aí. O Pop Latino tá chegando com tudo agora.

Locutor 2: É só observar o sucesso de “Despacito”.(Música 2)

Locutor 4: Mas essa não é a única música não. Tem muito mais para ouvir e dançar.

Locutor 1: É mesmo. Essa é uma variação da música Pop, não é?

Locutor 4: É sim. Se o Pop tem muitos representantes, o pop latino também vem com seus vários artistas e músicas.

Locutor 2: A cantora pop Shakira é um dos sucessos deste ritmo. (Música 3)

Locutor 3: Ela, o Enrique Iglesias e vários outros cantores e grupos. Pop Latino é bom pra dançar e dar uma treinadinha no espanhol. Eu, que sou apaixonada por dança, não podia deixar de conhecer esse estilo.

Locutor 1: Pop Latino é demais e nem precisa ser dançarino profissional pra curtir. Escuta aí. (Música 4)(palmas)

Locutor 2: É dançante mesmo!

Locutor 3: E, se você quer curtir mais um pouco do Pop Latino e de outros estilos musicais, continue ligado na nossa rádio.

Em coro: *Acorde na sala!*

Fonte: Elaboração própria.

O spot 6 – POP LATINO – teve como cenário um bate-papo informal entre um grupo de amigas como forma de apresentar o novo estilo que toca na rádio: o Pop latino. Para tanto, o diálogo é realizado por meio de frases simples, de fácil assimilação e que empreendem um ritmo ao texto.

O grupo também se utiliza do recurso de vozes em coro para dar uma maior ênfase ao texto e chamar a atenção dos ouvintes. Além disso, também é possível encontrar muitos registros informais, tais como “*O Pop latino tá chegando com tudo agora*”, “*E, se você quer curtir mais um pouco do Pop Latino e de outros estilos musicais, continue ligado na nossa rádio.*”.

Quadro 65 – Registro 40 – roteiro de *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G7- FUNK CARIOCA

(Duração 1'40")

Loc.1: A 20

Loc.2: A 18

Loc.3: A 19

Música 1: *Aquecimento das potrancas – Mc WM e MC's Jhowzinho e Kadinho*

Música 2: *Glamorosa – Mc Marcinho*

Música 3: *Deu Onda – Mc G15*

Música 4: *Linda Morena – Mc Pedrinho*

Música 5: *Movimento da Sanfoninha – Anitta*

(música1)

Loc. 1 - Nossa Gabi, você está escutando esse tipo de música?

Loc. 2 – Ué, qual o problema?

Loc.1 – Como assim, você escuta esse tipo de música que deprecia sua imagem como mulher?

Loc. 2 – Nada disso, dá uma olhada nesse som aqui:

(música 2) **(Glamorosa, rainha do funk, poderosa, olhar de diamante).**

Loc.1 – Ainda não estou convencido, sem contar que essa é muito antiga...

Loc.2 – Então escuta essa aqui:

(música 3) (Eu preciso te ter, meu fechamento é você moção...)

Loc.2 – Ou essa:

(música4) **(Minha linda morena você minha perfeita, minha maior riqueza, minha beleza de natureza...)**

Loc.2 – Viu só? Não existem apenas músicas que depreciam as mulheres, têm algumas que as valorizam, só saber procurar e adequar ao seu estilo!

Loc.1 – Realmente, você me mostrou um lado do funk que eu não conhecia (palmas).
Vou até escutar essa rádio.

Loc.3 – E você? Quer conhecer mais sobre esses e outros ritmos: acesse nossa rádio
acorde na sala!
(música 5)

Fonte: Elaboração própria.

No *spot 7- FUNK 2*- os estudantes se propuseram a elaborar um texto no qual fosse desconstruída a ideia do ritmo como algo machista. Para tanto, optaram por um diálogo no qual a argumentação fosse baseada em trechos de músicas deste estilo com o intuito de refutar aquilo que os próprios estudantes denominaram de “preconceito” contra o gênero.

Contudo, as músicas foram apresentadas de forma fragmentada e pouco convincente aos ouvintes, uma vez que trechos são recortes baseado em elogios e não na totalidade das canções.

Sobre as características do gênero textual, percebemos que os estudantes compreenderam a estrutura e o contexto de sua produção, uma vez que “defenderam” o estilo escolhido, utilizando muitas das especificidades próprias do *spot* (oferecer uma ideia ou um produto por meio de um texto pautado na modalidade falada, aliado a efeitos sonoros adequados ao público-alvo).

Quadro 66 – Registro 41 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT G 8- ROCK

(Duração 1'25”)

Loc.1: A 24

Loc.2: A 23

Loc.3: A 25

Música 1 : Stairway to heaven- Led Zeppelin

Música 2 : Cowboys from hell- Pantera

Loc. 1 -Bom dia, senhor...?(*música 1*)

Loc. 2 – Rock'n'roll, mas pode me chamar de rock.

Loc. 1 – Conte-me suas pretensões para com nossa rádio

Loc. 2 – Nasci na metade século XX, nos EUA e venho me tornando muito popular com o passar dos anos, sendo assim, creio que irei atrair muitos fãs para a rádio e diversificar ainda mais o seu conteúdo.

Loc. 1 – Você tem filhos?

Loc. 2 – Sim, muitos. A senhora deve conhecer alguns deles, como: o heavy metal, o punk e o metal.

Loc. 1 – Você já sofreu algum preconceito?

Loc. 2 – Muitas pessoas acham que eu sou um ser maligno quando na verdade tenho muito a oferecer, a consequência disso é a grande quantidade de amigos que possuo.

Loc. 1 – Muito obrigado pela entrevista, acho que você possui o perfil ideal para trabalhar conosco. Próximo!

(música 2)

Loc. 3 – Para saber mais sobre a rádio mais diversificada de que se tem notícia, escute à nossa rádio *Acorde na sala*.

Fonte: Elaboração própria.

O *spot* produzido pelo G8- ROCK- foi construído a partir da rearticulação da primeira produção (comentário), que apresentava um caráter meramente informativo, quase uma cópia fidedigna de uma página da *internet*, para transformá-la em anúncio radiofônico. Para tanto, foi inserido um contexto que funcionou como um pano de fundo, para articular a apresentação do estilo à rádio e, conseqüentemente, fazer um convite aos ouvintes: o rock na função de candidato a um emprego na *radioblog*.

A origem do estilo musical foi transformada em atributos do candidato e os seus subgêneros, em seus filhos, como forma de apresentar os atributos do aspirante à vaga, de forma criativa e muito bem estruturada, atendendo às especificidades do gênero.

Os estudantes tiveram o cuidado de apresentar uma continuidade ao enredo, dando a entender a possibilidade de “novas contratações” por meio da inserção do termo “próximo!”, após o término da entrevista. Finalmente, a “intromissão” do narrador ao final do *spot* retorna o público-alvo (os ouvintes da rádio) ao plano principal da narrativa por meio do convite “*Para saber mais sobre a rádio mais diversificada de que se tem notícia, escute à nossa rádio Acorde na sala*”.

Quadro 67 – Registro 42 – roteiro do *spot*.

ROTEIRO DO SPOT- GOSPEL (Duração 1’25”)	
<i>Loc.1:</i>	
<i>Loc.2:</i>	
<i>Música 1: Galileu –Fernandinho</i>	
<i>Música 2: Meus próprios meios- Oficina G3</i>	
<i>Música 3: Adore- André e Felipe</i>	
<i>Música 4: Grão de areia- Sorriso bom</i>	
<i>Música 5: Teu santo nome- Gabriela Rocha</i>	
Loc. 1 -Olha que música perfeita! (<i>música 1</i>)	
Loc. 2 – Como assim, jovem ouve música gospel? (<i>efeito de espanto</i>)	
Loc.1 – Claro! A música gospel é muito popular entre todas as idades e têm ritmo para todos os gostos. (<i>aplausos</i>)	
Loc. 2 – Aaah! Então tem rock, sertanejo, reggae, pop e muitos outros ritmos?	
Loc.1 – Sim. (<i>músicas 2,3 e 4</i>)	
Loc.2 – E como ele chegou ao Brasil?	

Loc.1 – Chegou através de missionários batistas e presbiterianos norte-americanos. Contudo, o estilo só se concretizou mesmo na década de 80.

Loc.2 – Mas afinal, o que falam as letras das músicas gospel?

Loc.1 – Fala sobre, JESUS. (*aleluia!*)

Loc.2 – Que legal. Agora eu quero ouvir.

Loc.1 – Então vamos começar a viagem... (*efeitos de passos*) (*música 5*)

Loc.1 – E aí, curtiu?

Loc. 2 - Amei. Eu já quero compartilhar com todo mundo. (*digitando*)

Loc. 1-Quer conhecer mais sobre esses e outros estilos: acesse nossa *radioblog Acorde na sala!*

Fonte: Elaboração própria.

O *Spot 10* apresentou o GOSPEL como uma música de adoração e louvor cristão, que possui em si vários outros estilos musicais “(...) *rock, sertanejo, reggae, pop e muitos outros ritmos...*”, tendo como principal argumento a sua proximidade com o público jovem.

Aliada às informações sobre sua origem, podemos ver a presença de elementos sonoros (sons de espanto, de passos, de digitação e de aplausos), linguagem simples e fluida e desfecho apresentando a *radioblog*, elementos que contemplam as especificidades do gênero feito para anunciar algo em um contexto radiofônico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, todos os estudantes se mostraram participativos e integrados à proposta. Como comprovação disso, apenas um grupo não apresentou a atividade até o final, tendo participado das demais etapas anteriores à escrita final.

Foi possível verificar que os estudantes realizaram inferências e articularam a escrita, e as reescritas, para atender ao objetivo postulado, bem como, tiveram o cuidado de reestruturar a primeira produção – o comentário- às características do gênero pretendido, aliando recursos argumentativos e descritivos aos pertencentes ao gênero proposto- o *spot*.

Poderíamos tomar muitos aspectos relativos à produção dos *spots* autorais dos estudantes como base para essa afirmação, contudo, optamos por especificar aqui algumas escolhas feitas por eles para a inserção da temática escolhida (música, estilo ou artista) ao contexto do convite à *radioblog*, como é possível observar no *spot* do G8 (rock), que transformou os “subgêneros do rock” em “filhos do candidato” em uma atividade de reagrupamento de ideias para adequação ao contexto.

Para finalizar nossa análise, entendemos que um estudo voltado para a produção de *podcast* e *radioblog* pelos estudantes oportuniza a leitura, a análise e a produção de texto que englobam as múltiplas habilidades, diferentes leituras e multissemióticas que precisam ser contempladas na escola. Desta forma, buscamos aliar diferentes teorias na busca por uma proposta de intervenção para o ensino de Língua Portuguesa que pudesse agregar valor às muitas potencialidades dos nossos estudantes, nativos digitais, além de se apresentar como promotora dos multiletramentos necessários para a inserção desses indivíduos em uma sociedade cada vez mais exigente social e tecnologicamente.

Nossa proposta original baseava-se na utilização de uma ferramenta tecnológica – o *podcast*- que aliasse as NTIC ao ensino-aprendizagem de gêneros orais na escola com vistas ao desenvolvimento de competências linguísticas, textuais e comunicativas dos nossos estudantes. Entretanto, o amadurecimento de nossa reflexão levou ao encaminhamento de novas estratégias que culminaram na escolha de um gênero textual pouco explorado no ensino de língua- o *spot*- na tentativa de abarcar as novas definições que a aplicação dessa proposta impôs ao nosso objetivo inicial.

Ao propormos um estudo pautado nas preferências musicais dos estudantes, muitas vezes, preteridas nos estudos formais escolares, buscamos não apenas atrair a atenção do alunado, mas também, fazer deste construto um canal de dialógico de diferentes culturas e de valorização e respeito às diferenças.

De forma geral, a nossa resposta a esta expectativa foi positiva, uma vez que os estudantes se mostraram motivados para a produção de leitura e escrita centrada em um tema atrativo a eles. Bem como tiveram a oportunidade de falar de seus gostos e opiniões dentro do espaço escolar, fato este ratificado pelas muitas observações dos estudantes durante o processo de escolha da temática para a composição do gênero, tais como: “*Mas posso mesmo falar disso, professora?*”

Percebemos também que, na maior parte das vezes em que a escola toma a música enquanto instrumento pedagógico, o faz dentro de duas perspectivas: como pretexto para análise gramatical; ou de forma artificial, estanque, sem a possibilidade de audição e com exemplares muito distantes daqueles próximos à vivência do alunado.

Não que sejamos contra o trabalho com músicas menos populares, ou tida como mais “elitizadas”; porém, a escola precisa privilegiar também esse espaço de diálogo entre a cultura do alunado e seu ensino. Entendemos que, dessa forma, o aprendizado se torna mais significativo e menos distante da realidade do jovem, além de promover a valorização e o respeito das muitas culturas existentes na sociedade como um todo.

Tomamos, por exemplo, o trabalho com o *funk* e com o *Trap*, dois estilos pouco presentes no universo escolar, que puderam encontrar na *radioblog* um espaço para sua apreciação, aliado a práticas sistematizadas de leitura, pesquisa e produção de texto.

Por sua vez, um estilo musical mais erudito, como o choro; ou de público mais restrito, como o *gospel*, puderam dividir espaço com as músicas mais presentes no cotidiano dos jovens, o que também computamos como um ponto favorável aos objetivos propostos nesse trabalho.

Também destacamos a possibilidade, como aponta Rojo (2013), de por meio da *radioblog*, oportunizar aos nossos estudantes, jovens de periferia, a condição de serem produtores de conteúdo digital elaborado a partir de suas culturas, promovendo protagonismo e inserção social.

Sabemos que o caminho é longo e que seria ingenuidade, ou pretensão, pensar que sejamos capazes de oferecer caminhos de aproximação entre diferentes culturas e camadas sociais apenas pela utilização de uma estratégia pedagógica diferenciada. Contudo, cremos que nosso papel é defender uma pedagogia inclusiva e promotora de cidadania.

Também temos uma reflexão favorável acerca da abordagem pautada na leitura, análise e produção de um gênero textual da esfera publicitária- o *spot*- que requer uma leitura crítica ante as possíveis “armadilhas” impostas pelo capitalismo e reverberadas pelo maior acesso a informações no contexto de mundo (multi) conectado.

Entendemos, ainda, ser fundamental ao ensino de língua, oportunizar uma prática pedagógica que parta da escrita para a oralização de forma sistematizada, como prevê o ensino dos gêneros textuais; entretanto, sem esquecer aquilo que Marcuschi (2008) afirma sobre os gêneros como entidades caracterizadas mais pela sua funcionalidade comunicativa, cultural, cognitiva e social do que pelos seus aspectos linguísticos e estruturais.

No tocante à composição dos roteiros para a oralização, encontramos na escrita colaborativa um canal de várias possibilidades de escritas, reescritas, reflexões e trocas de conhecimento entre os agentes nela envolvidos, assim, como afirma Coscarelli (2016): “Esta é uma escrita libertadora que coloca os alunos, seres comunicadores e sociais que são, como protagonistas de seu processo de aprendizagem e como produtores de conteúdo” (COSCARELLI, 2016, p. 14).

Portanto, acreditamos que o objetivo proposto para a composição do *spot*, ou seja, o de anunciar algo, a um determinado público e em um determinado suporte tecnológico- a *radioblog*- tenha sido compreendido pelos estudantes e possa representar uma proposta viável para o ensino escolar a professores de diferentes disciplinas e séries nas mais diferentes abordagens.

Reiteramos, assim, a necessidade de novo olhar para as práticas de leitura e escrita no contexto digital, em oposição a um ensino que, tradicionalmente, é voltado quase que de modo exclusivo para o verbal, que nem de longe contempla os multiletramentos necessários para os nossos estudantes, nativos digitais, em um mundo cada vez mais veloz e exigente.

REFERÊNCIAS

- BAHKTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editoria, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismosócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1998. **A língua falada no ensino do Português**. São Paulo: Editora Contexto.
- COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- COSTA, Nelson B. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: Dionísio, A.P. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 117-135.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia; SANTOS, Maria Francisca Olveira. Do rádio para a sala de aula: uma análise retórico-conversacional do gênero *spot*. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 205-225, jan./jun. 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p205-225>
- FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Editora Vozes, 1995.
- FREIRE, Eugênio P. A. **Podcast na educação brasileira**: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. Natal, 2013 338 p. Tese de Doutorado.
- _____. Podcast: Breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, jul./2017. Semestral.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GOULART, Cláudia. **As Práticas orais na escola**: o seminário como objeto de ensino. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado.
- GRIBL, Heitor. **Radioblog na escola**: uma proposta para os multiletramentos - Tese (Doutorado). Campinas: Unicamp/IEL, 2013.

LEMKE, J. L. Letramento mediamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479. Jul./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>

LOPES, Leo (2015). **Podcast: Guia Básico** (ebook). Nova Iguaçu: Marsupial Editora.

LOPES, Leo; MOURA, Eduardo. Radioblog: vozes e espaços de atuação cultural. In: ROJO, R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 233-250.

MARCUSCHI, Luís A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definições e funcionalidades. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-28.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RIBEIRO, R; BOHADANA, E. **A web 2.0, a autoria, o jovem e a educação**. Rio de Janeiro, (s/d).

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Júlia Lúcia de; Oliveira, Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 2001.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. Gêneros Oraís: Conceituação e caracterização. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 14., 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: Edufu, 2013. v. 3, p. 1-8.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005.

UCHÔA, José Mauro Souza. **O gênero podcast educacional: descrição de conteúdo temático, estilo e construção composicional** 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – linguagem e identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.

ANEXOS

Anexo 1 – Declaração da Instituição Co-Participante

Declaração da Instituição Co-Participante

Declaro estar ciente que o Projeto de Pesquisa “*SPOT PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTO EM SALA DE AULA*” será avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos Participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Autorizo os (as) pesquisadores (as) Profa. Dra. Simone Floripi Azevedo e Profa. Luciana Guimarães Soares realizarem a(s) etapa(s) aplicação de uma proposta de intervenção por meio da aplicação de um protótipo didático no segundo semestre de 2017 com vista à leitura crítica e produção do gênero textual *Spot*. A proposta será realizada com os estudantes de uma turma do 9º ano na sala de aula e laboratório de informática desta instituição.


Sandra Lucia M. B. da Silva
VICE-DIRETORA
Centro de Ensino Fundamental Santos Dumont
Mat. 212.332-0 DDOF-01 Pag. 29 de 02/01/2017

Hellen Cristina Viana Loures
Diretora

Centro de Ensino Fundamental Santos Dumont
30/09/2016

Anexo 2 - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) senhor (a), o (a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada **“SPOT PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS PARA A SALA DE AULA”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Simone Azevedo Floripi (orientadora) e Profa. Luciana Guimarães Soares (orientanda). Nesta pesquisa apresentamos como objetivo a elaboração de meios para que os estudantes produzam arquivos de áudio (*podcast*) para *radioblog*, aliando as tecnologias da informação à análise de músicas presentes no cotidiano do alunado, visando a ampliação das competências e habilidades de leitura e produção textual, aumento de criticidade e capacidade de reflexão sobre o mundo que o cerca e as relações dialógicas entre seu contexto sociocultural por meio da produção do gênero Spot radiofônico.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido por mim, Profa. Luciana Guimarães Soares, durante reunião a ser realizada com minha presença e a dos pais e/ou responsáveis pelos menores participantes do estudo.

Na participação do menor sob sua responsabilidade, ele responderá a um questionário exploratório sobre sua possível afinidade com o gênero música, bem como de um conjunto de atividades intitulado Protótipo Didático culminando com a produção de roteiros áudio resultantes das análises das músicas – *podcast* em *radioblog* – vinculado na *web*.

Em nenhum momento o (a) menor será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e mesmo desta forma, a sua identidade será preservada.

O (A) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco da participação do (a) menor no estudo seria a identificação do sujeito. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda.

Quanto aos benefícios, esta pesquisa possibilitará ao (à) aluno (a) a oportunidade de um estudo voltado para a análise crítica de suas apreciações musicais e as relações implícitas e explícitas a estas preferências, aliados ao trabalho com textos multimodais utilizando as NTIC, além da relevância de um estudo pautado no gênero textual *Spot*. Pretendemos também fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a), responsável legal pelo (a) menor, poderá entrar em contato com Luciana Guimarães Soares pelo e-mail proflucianagui@gmail.com ou pelo telefone comercial (61) 3901 6607, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade federal de Uberlândia – UFU; ou com a Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi pelo telefone profissional (34) 3239-4162, vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Instituto de Letras e Linguística: Av. João Naves de Ávila, no 2160, bloco U, sala 221, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3239-4131.

Uberlândia, _____ de _____ de 201__

Luciana Guimarães Soares

Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi.

Eu, responsável legal pelo (a) menor _____ consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele (a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo (a) menor participante da pesquisa

Anexo3 – Modelo do termo de Assentimento para menor

Você está sendo convidada (a) para participar da pesquisa intitulada “**SPOT PARA RADIOBLOG: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS PARA A SALA DE AULA**”, “sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi (orientadora) e Profa. Luciana Guimarães Soares (orientanda). Nesta pesquisa apresentamos como objetivo a elaboração de meios para que os você possa produzir arquivos de áudio (*podcasts*) para *radioblog*, aliando as tecnologias da informação à análise de músicas presentes no cotidiano do alunado, visando a ampliação das competências e habilidades de leitura e produção textual, aumento de criticidade e capacidade de reflexão sobre o mundo que o cerca e as relações dialógicas entre seu contexto sociocultural por meio da produção do gênero *Spot* radiofônico.

Na sua participação, você responderá a um questionário investigativo sobre sua possível afinidade com o gênero música, bem como participará da análise e resolução de um conjunto de atividades intitulado Protótipo Didático culminando com a produção de roteiros do gênero textual *Spot*, resultantes das análises das músicas e oralizados na forma de *podcast* em *radioblog*, posteriormente, veiculado na *web*.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. O único risco de sua participação no estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda.

Quanto aos benefícios, esta pesquisa possibilitará a você oportunidade participar de um estudo voltado para a análise crítica de suas apreciações musicais e as relações implícitas e explícitas a estas preferências, aliados ao trabalho com textos multimodais, utilizando as NTIC. Também destacamos a importância de um estudo pautado nos gêneros textuais, em nosso caso, o gênero *spot*, para sua vida acadêmica de um estudo, ampliação da capacidade argumentativa, reflexiva leitora e produtora de textos nos mais diferentes gêneros textuais, advindos ou não dos letramentos digitais.

Além disso, fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via

original deste Termo de Assentimento ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Luciana Guimarães Soares pelo e-mail proflucianagui@gmail.com ou pelo telefone comercial (61) 3901-6607, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade federal de Uberlândia – UFU; ou com a Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi pelo telefone profissional (34) 3239-4162, vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Instituto de Letras e Linguística: Av. João Naves de Ávila, no 2160, bloco U, sala 221, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3239-4131.

Uberlândia, _____ de _____ de 201__

Luciana Guimarães Soares

Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi.

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa